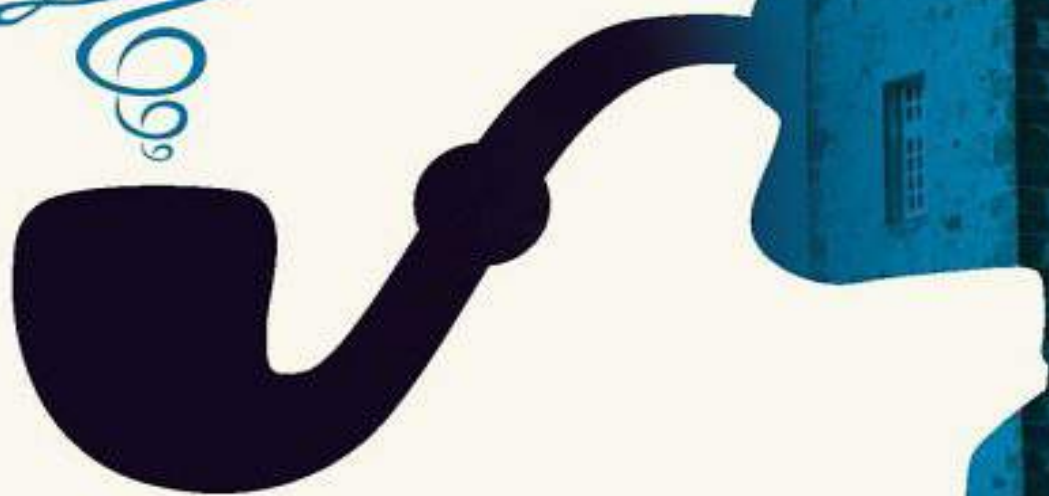


Arthur
Conan
Doyle



O VALE DO MEDO



CLÁSSICOS  ZAHAR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Arthur Conan Doyle

O VALE DO MEDO

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges



SUMÁRIO

Apresentação

PARTE I

A TRAGÉDIA DE BIRLSTONE

- I. O aviso
- II. Sherlock Holmes se pronuncia
- III. A tragédia de Birlstone
- IV. Trevas
- V. Os personagens do drama
- VI. Uma luz desponta
- VII. A solução

PARTE II

OS SCOWRERS

- I. O homem
- II. O mestre da loja
- III. Loja 341, Vermissa
- IV. O Vale do Medo
- V. A hora mais escura
- VI. Perigo
- VII. A captura de Birdy Edwards
- VIII. Epílogo

APRESENTAÇÃO

SIR ARTHUR CONAN DOYLE (1859-1930) foi médico e escritor. Sua obra contempla gêneros tão diversos quanto a ficção científica, as novelas históricas, a poesia e a não ficção. Sem dúvida, porém, seu maior reconhecimento vem dos contos e romances do detetive Sherlock Holmes e seu fiel parceiro e amigo, o dr. Watson.

Os contos nunca deixaram de ser reimpressos desde que o primeiro deles foi publicado, em 1891, e os romances foram traduzidos para quase todos os idiomas. Centenas de atores encarnaram a dupla nos palcos, no rádio e nas telas; revistas e livros sobre o detetive são lançados todo ano; fã-clubes reúnem-se com regularidade. Infinitamente imitado, parodiado e citado, Holmes já foi identificado como uma das três personalidades mais conhecidas do mundo ocidental, ao lado de Mickey Mouse e do Papai Noel.

O *Vale do Medo* foi publicado originalmente em forma seriada entre os meses de setembro de 1914 e março de 1915, na *Strand Magazine*, periódico britânico que, em 1891, levou os casos e a figura do detetive Holmes ao grande público. Sua primeira edição em livro foi publicada em fevereiro de 1915 por George H. Doran Co., de Nova York, Estados Unidos. Já a primeira edição britânica em livro foi lançada em junho de 1915 por Smith, Elder & Co. Único dos seus romances publicado em fascículos mensais, trata-se do quarto e último romance protagonizado por Sherlock Holmes.

Analisando os recursos literários de Conan Doyle, temos uma narrativa que casa perfeitamente diálogo, descrição, caracterização e *timing*. A modéstia aparente de sua linguagem oculta um profundo reconhecimento da complexidade humana. E repare-se como o autor é hábil em colocar o leitor entre seus dois grandes protagonistas, “a meio caminho”, como diz John le Carré: Holmes é genial, e o leitor nunca o alcançará (e talvez nem queira); mas nem por isso deve desanimar, pois é mais perspicaz que o dr. Watson...

A presente edição traz o texto integral e mais de vinte ilustrações originais, feitas por diversos ilustradores das histórias do grande detetive de Baker Street.

PARTE I

A Tragédia de Birlstone

I. O AVISO

“INCLINO-ME a pensar...”, disse eu.

“É o que eu deveria estar fazendo”, atalhou Holmes, impaciente.

Tenho-me na conta do mais paciente dos mortais, mas admito que fiquei irritado com a interrupção sardônica.

“Francamente, Holmes”, disse eu, muito sério, “às vezes você é um pouco irritante.”

Ele estava absorto demais em seus pensamentos para dar uma resposta imediata à minha censura. A cabeça apoiada na mão, o desjejum intocado diante de si, olhava para o pedaço de papel que acabara de tirar de um envelope. Depois pegou o próprio envelope, ergueu-o para aproximá-lo da luz e estudou minuciosamente tanto o exterior quanto a aba.

“É a letra de Porlock”, disse, pensativo. “Não tenho quase nenhuma dúvida de que é a letra de Porlock, embora só a tenha visto duas vezes. O é grego encimado pelo peculiar floreio é característico. Mas se é de Porlock, deve ser uma coisa de importância capital.”

Ele se dirigia mais a si mesmo do que a mim, mas o interesse que essas palavras despertaram prevaleceu sobre a minha irritação.

“Mas afinal quem é Porlock?” perguntei.

“Porlock, Watson, é um *nom-de-plume*, mero sinal de identificação, mas por trás dele existe uma personalidade escorregadia e ambígua. Numa carta anterior ele me deixou claro que esse não é o seu nome, desafiando-me a descobri-lo algum dia entre os milhões de habitantes desta grande cidade. Porlock é importante não por si mesmo, mas pelo grande nome com que está em contato. Imagine o peixe-piloto com o tubarão, o chacal com o leão – qualquer coisa insignificante em companhia do terrível. Não só terrível, Watson, como sinistro – sinistro no mais alto grau. É por isso que ele entra em meu campo de interesse. Já me ouviu falar do professor Moriarty?”

“O renomado criminoso, tão famoso entre os bandidos quanto...”

“Não me faça corar, Watson!” murmurou Holmes em tom de censura.

“Eu ia dizer quanto desconhecido do público.”

“*Touché!* Bem na mosca!” exclamou Holmes. “Você está desenvolvendo

uma inesperada e astuta veia cômica, Watson, da qual preciso aprender a me proteger. Mas ao chamar Moriarty de criminoso você profere uma calúnia aos olhos da lei, e aí estão a glória e o prodígio da coisa! O maior maquinador de todos os tempos, o idealizador de todas as crueldades, o cérebro que controla o submundo, um cérebro que poderia ter feito ou frustrado o destino de nações. Eis o homem. Mas tão distante da suspeita geral, tão imune a críticas... tão admirável em seu controle e capacidade de passar despercebido que, por essas simples palavras que você pronunciou, ele poderia arrastá-lo às barras de um tribunal e sair de lá com direito a receber sua pensão anual como indenização por danos morais. Não é ele o célebre autor de *A dinâmica de um asteroide*, livro que se eleva a alturas tão rarefeitas da matemática pura que se diz que não há ninguém na imprensa especializada capaz de criticá-lo? Pode-se caluniar semelhante homem? O médico difamador e o professor ultrajado... esses seriam seus respectivos papéis! Isso é gênio, Watson. Mas, se eu for poupado por homens de menor calibre, nosso dia certamente chegará.

“Que eu possa estar lá para ver!” exclamei de coração. “Mas você falava desse homem, Porlock.”

“Ah, sim. O chamado Porlock é um elo na cadeia a pouca distância de sua principal ligação. E, cá entre nós, Porlock não é um elo muito sólido. Ele é a única falha nessa cadeia, até onde pude testá-la.”

“Mas nenhuma cadeia é mais forte que seu elo mais fraco.”

“Exatamente, meu caro Watson. Daí a extrema importância de Porlock. Movido por aspirações incipientes à probidade, e encorajado pelo oportuno estímulo de uma fortuita cédula de dez libras enviada por métodos tortuosos, ele me adiantou uma ou duas vezes informações que tiveram seu valor – aquele valor mais alto que antecipa e evita o crime, em vez de puni-lo. Não resta dúvida de que, se detivéssemos a cifra do código, descobriríamos que esta comunicação é da mesma natureza.”

Mais uma vez Holmes alisou o papel sobre seu prato não usado. Levantei-me e, inclinando-me sobre ele, contemplei a curiosa inscrição que reproduzo abaixo:

534	C2	13	127	36	31	4	17	21	41
DOUGLAS			109	293	5	37		BIRLSTONE	
26	BIRLSTONE			9	127	171			

“Como interpreta isso, Holmes?”

“É obviamente uma tentativa de transmitir uma informação secreta.”

“Mas de que serve uma mensagem cifrada sem a cifra?” “Neste caso, para nada.”

“Por que ‘neste caso’?”

“Porque há muitos códigos que eu seria capaz de decifrar com a mesma facilidade com que identifico os ‘anônimos’ das colunas de anúncios pessoais: são charadas toscas, que divertem a inteligência sem fatigá-la. Mas isto aqui é diferente. Trata-se sem dúvida de uma referência a palavras na página de um livro. Até saber que página e que livro, estou de mãos atadas.”

“Mas por que ‘Douglas’ e ‘Birlstone’?”

“Claramente porque estas palavras não estão contidas na página em questão.”

“Então por que ele não indicou o livro?”

“Sua sagacidade inata, meu caro Watson, essa astúcia congênita que encanta seus amigos, com certeza o impediria de inserir a cifra e a mensagem cifrada no mesmo envelope. Se ele se extrviasse, você estaria em maus lençóis. Desta maneira, é preciso que ambos se percam para haver algum prejuízo. O segundo correio já está atrasado, e ficarei surpreso se não nos trouxer uma carta explicativa, ou, como é mais provável, o próprio volume a que os números se referem.”

A conjectura de Holmes viu-se confirmada em poucos minutos pela aparição de Billy, o mensageiro, justamente com a carta que esperávamos.

“A mesma letra”, observou Holmes ao abrir o envelope, “e realmente assinada”, acrescentou exultante ao desdobrar a missiva. “Veja, estamos progredindo, Watson.”

Seu semblante anuviou-se, porém, quando correu os olhos pelo conteúdo.

“Mas que decepção! Temo, Watson, que todas as nossas expectativas tenham dado em nada. Espero que esse sujeito, o Porlock, esteja a salvo.”

Caro Mr. Holmes,

Não irei adiante neste caso. É perigoso demais. Ele desconfia de mim. Posso ver que desconfia. Aproximou-se de mim de maneira completamente inesperada quando eu já havia endereçado este envelope com a intenção de lhe enviar a cifra do código. Consegui escondê-lo. Se ele o tivesse visto, as coisas teriam se complicado para mim. Mas li desconfiança em seus olhos. Por favor, queime a mensagem cifrada, que agora não lhe pode mais ter nenhuma serventia.

Holmes passou algum tempo enrolando essa carta entre os dedos e franzindo as sobrancelhas, os olhos fixos na lareira.

“Afim de contas”, disse por fim, “isso pode não significar nada. Ele pode estar apenas com a consciência pesada. Sabendo-se um traidor, pode ter lido a acusação nos olhos do outro.”

“O outro sendo o professor Moriarty, presumo.”

“Ninguém menos. Quando alguém daquele bando fala sobre ‘Ele’, sabemos a quem se refere. Há um ‘Ele’ predominante para todos.”

“Mas o que ele pode fazer?”

“Hum! É uma pergunta difícil. Quando o sujeito tem contra si um dos melhores cérebros da Europa, apoiado por todas as forças das trevas, as possibilidades são infinitas. E, de todo modo, nosso amigo Porlock está evidentemente apavorado. Tenha a bondade de comparar a letra no bilhete à do envelope; este último foi sobrescrito, como ele nos conta, antes daquela abordagem inoportuna. Uma é clara e firme; a outra, quase ilegível.”

“Mas por que ele escreveu mesmo assim? Por que não desistiu simplesmente?”

“Porque temia que, nesse caso, eu fizesse alguma investigação sobre ele, e possivelmente lhe causasse problemas.”

“Sem dúvida”, respondi. “É claro”, eu pegara a mensagem original em código e a examinava, intrigado. “É de enlouquecer pensar que pode haver um segredo importante aqui nesta tira de papel e que está acima da capacidade humana penetrá-lo.”

Depois de afastar seu desjejum intacto, Sherlock Holmes acendera o cachimbo malcheiroso que era o companheiro de suas meditações mais profundas. “Duvido!” exclamou ele, reclinando-se e fitando o teto. “Talvez alguns detalhes tenham escapado a seu intelecto maquiavélico. Consideremos o problema à luz da pura razão. A referência desse homem é a um livro. Esse é nosso ponto de partida.”

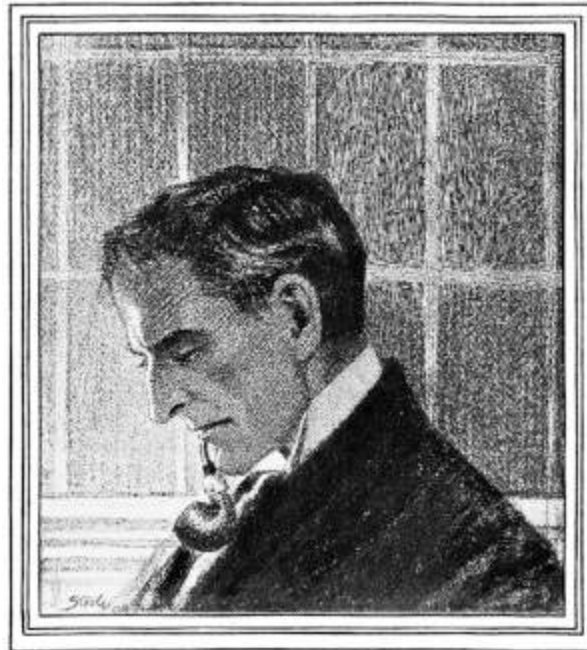
“Um ponto um tanto vago.”

“Veamos se é possível delimitá-lo. Quando me concentro nele, parece bem menos impenetrável. Que indicações temos a respeito desse livro?”

“Nenhuma.”

“Ora, ora, as coisas decerto não são tão ruins assim. A mensagem em

código começa com um grande 534, não é? Podemos admitir, como hipótese de trabalho, que 534 é a página a que o código se refere. Portanto nosso livro já se tornou um livro volumoso, o que sem dúvida representa um avanço. Que outras indicações temos com relação à natureza desse livro *volumoso*? O sinal seguinte é C2. O que acha disso, Watson?”



“Consideremos o problema à luz da pura razão.” [Frederic Dorr Steele, *Final Adventures of Sherlock Holmes*, vol.I., 1952; reutilização de uma parte da capa para “Vila Glicínia”, publicada em *Collier’s*, 1908]

“Capítulo dois, na certa.”

“Difícilmente, Watson. Você há de concordar comigo que, se a página foi dada, o número do capítulo é irrelevante. Além disso, se a página 534 nos leva apenas ao segundo capítulo, o tamanho do primeiro deve ser realmente intolerável.”

“Coluna!” exclamei.

“Brilhante, Watson. Você está cintilando esta manhã. Ou muito me engano, ou é mesmo coluna. Portanto agora, como vê, começamos a visualizar um livro volumoso impresso em duas colunas, ambas de tamanho considerável, uma vez que uma das palavras é indicada no documento como a de número 293. Teremos chegado ao limite do que a razão pode fornecer?”

“Creio que sim.”

“Com certeza está sendo injusto consigo mesmo. Mais um lampejo, meu caro Watson, mais uma onda cerebral! Se o volume em questão fosse fora do comum, ele o teria enviado para mim. Em vez disso, pretendia, antes que seu plano fosse frustrado, enviar-me a chave do código neste envelope. É o que diz no bilhete. Isso parece indicar que se trata de um livro que, na opinião dele, eu não teria dificuldade em encontrar sozinho. Ele o tinha, e imaginava que eu o teria também. Em suma, Watson, é um livro muito comum.”

“O que você diz certamente soa plausível.”

Portanto restringimos nosso campo de busca a um livro volumoso, impresso em duas colunas e de uso generalizado.”

“A Bíblia!” exclamei, triunfante.

“Bom, Watson, muito bom! Mas, se me permite dizê-lo, ainda não o suficiente! Mesmo que eu aceitasse o elogio para mim mesmo, teria dificuldade em citar um volume que um dos associados de Moriarty menos tenderia a ter à mão. Além disso, as edições da Sagrada Escritura são tão numerosas que ele dificilmente poderia supor que dois exemplares teriam a mesma paginação. Este é sem dúvida um livro padronizado. Ele tem certeza de que sua página 534 coincidirá exatamente com a minha página 534.”

“Mas poucos livros atenderiam a esse critério.”

“Isso mesmo. E aí reside a nossa salvação. Nossa busca fica restrita aos livros padronizados que supostamente todos possuem.”

“Bradshaw!”

“Difícil, Watson. O vocabulário de Bradshaw é vigoroso e conciso, mas limitado. É provável que a seleção de palavras não se prestasse ao envio de mensagens gerais. Vamos eliminar o Bradshaw. O dicionário, creio, é inadmissível pela mesma razão. O que nos resta então?

“Um almanaque!”

“Excelente, Watson! Ou muito me engano, ou acertamos na mosca. Um almanaque! Consideremos as credenciais do *Whitaker's Almanack*. É consultado por todos. Tem o número de páginas requerido. É diagramado em duas colunas. Embora costumasse usar um vocabulário reduzido, tornou-se, se me lembro bem, bastante prolixo ultimamente.” Pegou o volume sobre a escrivaninha. “Aqui está a página 534, coluna dois, um substancial bloco de texto tratando, pelo que vejo, do comércio e dos recursos da Índia britânica. Anote as palavras, Watson! A número 13 é ‘Mahratta’, o que não me parece

um começo muito auspicioso. A número 127 é ‘Governo’, o que pelo menos faz sentido, embora seja um tanto irrelevante para nós e para o professor Moriarty. Agora tentemos de novo. O que faz o governo de Mahratta? Ai de mim! A palavra seguinte é ‘cerdas de porco’. Estamos fritos, meu bom Watson! Acabou!”

Falara em tom brincalhão, mas a contração de suas bastas sobrancelhas traía desapontamento e irritação. Fiquei sentado, impotente e infeliz, contemplando o fogo. Um longo silêncio foi quebrado por uma súbita exclamação de Holmes, que correu para um armário, do qual voltou com um segundo volume de capa amarela na mão.

“Pago o preço, Watson, por estar excessivamente atualizado!” exclamou. “Estamos à frente de nosso tempo, e sofremos as punições usuais. Sendo hoje 7 de janeiro, já tratamos de adquirir o novo almanaque. É mais que provável que Porlock tenha tirado sua mensagem do antigo. Sem dúvida é o que nos teria dito, caso houvesse escrito a carta explicativa. Agora vejamos o que nos reserva a página 534. A palavra número 13 é ‘agora’, o que é muito mais promissor. A número 127 é ‘é’... ‘agora é...’” – os olhos de Holmes faiscavam de emoção, e seus dedos finos e nervosos crispavam-se enquanto ele contava as palavras – “‘perigo’. Ah! Ah! Excelente! Anote isso, Watson. ‘Agora é perigo-pode-vir-sem-demora-um.’ Depois temos o nome ‘Douglas’–‘rico–interior–agora–na–casa–Birlstone–em–Birlstone–confiança–é–urgente’. Pronto, Watson! O que pensa da pura razão e de seus frutos? Se por acaso o verdureiro vender coroas de louros, mande o Billy comprar uma.”

Eu olhava para a estranha mensagem que anotara, tal como decifrada por ele, numa folha de papel ofício sobre o meu joelho.

“Que maneira esquisita, arrevesada, de exprimir uma ideia!” observei.

“Ao contrário, ele se saiu extraordinariamente bem”, retrucou Holmes. “Quando examinamos uma única coluna à procura de palavras para exprimir nosso pensamento, decerto não podemos esperar encontrar tudo de que precisamos. Temos de deixar alguma coisa por conta da inteligência do nosso correspondente. O sentido está perfeitamente claro. Alguma crueldade está sendo tramada contra um certo Douglas, seja ele quem for, residente onde indicado, um rico fidalgo do interior. Ele tem certeza – ‘confiança’ foi a palavra mais próxima de ‘certeza’ que encontrou – de que é urgente. Aí está nosso resultado, e foi um exercícozinho de análise primoroso.”

Holmes era tomado pela alegria impessoal do verdadeiro artista com sua melhor obra, assim como sofria amargamente quando ela ficava aquém do

nível elevado a que aspirava. Ainda se regozijava com seu sucesso quando Billy abriu a porta e o inspetor MacDonald da Scotland Yard foi introduzido na sala.

Naquela época, fim da década de 1880, Alec MacDonald ainda estava longe de atingir a fama nacional de que desfruta hoje. Era um membro jovem mas digno de confiança da brigada de detetives, que se distinguira em vários casos a ele entregues. Sua figura alta e ossuda sugeria excepcional força física, ao passo que o crânio volumoso e os olhos brilhantes e fundos revelavam não menos claramente a arguta inteligência que faiscava detrás de suas bastas sobrancelhas. Era um homem de poucas palavras, preciso, com uma natureza melancólica e forte sotaque de Aberdeen.

Já por duas vezes em sua carreira Holmes dera-lhe uma mãozinha, tendo como única recompensa o prazer intelectual de solucionar um enigma. Por essa razão, a afeição e o respeito que o escocês nutria pelo colega amador eram profundos, e ele os demonstrava pela simplicidade com que o consultava em todas as dificuldades. A mediocridade não vê nada mais elevado que ela mesma, mas o talento reconhece o gênio instantaneamente, e MacDonald tinha talento suficiente para perceber que não havia nenhuma humilhação em buscar o auxílio de alguém que já não tinha rivais na Europa, tanto por seus dotes quanto por sua experiência. Holmes não era propenso à amizade, mas tratava o escocês grandalhão com benevolência, e sorriu ao vê-lo.

“Acordou cedo hoje, Mr. Mac”, disse-lhe. “Deus ajuda a quem cedo madruga, mas temo que isso signifique alguma complicação à vista.”

“Se tivesse dito ‘espero’ em vez de ‘temo’, creio que estaria mais perto da verdade, Mr. Holmes”, respondeu o inspetor com um sorriso sagaz. “Bem, talvez um golezinho ajude a dissipar a friagem da manhã. Não, não fumo, obrigado. Vou ter de ir direto ao ponto, porque as primeiras horas de um caso são as mais preciosas, como o senhor sabe melhor que ninguém. Mas... mas...”



“O inspetor fitava com um olhar de absoluto assombro um papel sobre a mesa. Era a folha em que eu anotara a mensagem enigmática.”

[Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1914]

O inspetor se calara de repente e fitava com um olhar de absoluto assombro um papel sobre a mesa. Era a folha em que eu anotara a mensagem enigmática.

“Douglas!” gaguejou. “Birlstone! O que é isso, Mr. Holmes? Homem, isso é bruxaria! Por tudo quanto é mais sagrado, onde achou esses nomes?”

“É uma mensagem em código que o dr. Watson e eu tivemos oportunidade de decifrar. Mas por que... o que há de errado com esses nomes?”

Olhando alternadamente para nós dois, aturdido de espanto, o inspetor respondeu: “Só isto: Mr. Douglas, do Solar Birlstone, foi horivelmente assassinado ontem à noite!”

II. SHERLOCK HOLMES SE PRONUNCIA

FOI UM DAQUELES momentos dramáticos para os quais meu amigo existia. Seria exagero dizer que ficou chocado ou mesmo alvoroçado com a espantosa notícia. Sem um só vestígio de crueldade em sua singular composição, era sem dúvida um homem empedernido pelo excessivo contato com o crime. Entretanto, se suas emoções estavam embotadas, a percepção intelectual continuava extremamente afiada. Não deu nenhum sinal naquele momento do horror que eu próprio senti ao ouvir essa curta declaração; o que seu rosto mostrou foi antes a serenidade interessada do químico que vê cristais crescendo a partir de uma solução supersaturada.

“Extraordinário!” exclamou. “Extraordinário!”

“Não parece surpreso.”

“Interessado, Mr. Mac, mas muito pouco surpreso. Por que deveria me surpreender? Recebo um aviso anônimo de uma fonte que considero importante, alertando-me que um perigo ameaça certa pessoa. Uma hora depois sou informado de que esse perigo de fato se materializou e que a pessoa em questão está morta. Estou interessado; mas, como observou, não surpreso.”

Em algumas frases curtas ele explicou ao inspetor os fatos sobre a carta e a mensagem em código. MacDonald ouviu-o sentado, o queixo na mão, as espessas sobrancelhas cor de areia contraídas.

“Eu pretendia ir para Birlstone esta manhã”, disse ele. “Vim para lhe perguntar se gostaria de ir comigo – o senhor e seu amigo aqui. Mas pelo que está me dizendo, talvez seja mais conveniente trabalharmos em Londres.”

“Na verdade, creio que não.”

“Ora, Mr. Holmes!” exclamou o inspetor. “O Mistério de Birlstone será o único assunto dos jornais dentro de um ou dois dias, mas onde está o mistério se há um homem em Londres que profetizou o crime antes que ele acontecesse? Basta pormos as mãos nesse sujeito, e o resto se seguirá.”

“Sem dúvida, Mr. Mac. Mas como pretende pôr as mãos no chamado Porlock?”

MacDonald virou a carta que Holmes lhe entregara. “Postada em

Camberwell... Isso não nos ajuda muito. O nome, o senhor diz, é falso. Não temos muito em que nos fiar, é verdade. Mas não disse que já lhe mandou dinheiro?”

“Duas vezes.”

“E como?”

“Em cédulas para o correio de Camberwell.”

“Alguma vez se deu ao trabalho de verificar quem ia recebê-las?”

“Não.”

O inspetor pareceu surpreso e um pouco chocado. “Por que não?”

“Porque sempre sou leal. A primeira vez que ele me escreveu, prometi que não tentaria encontrá-lo.”

“Pensa que há alguém por trás dele?”

“Sei que há.”

“Esse professor que eu o ouvi mencionar?”

“Exatamente!”

O inspetor MacDonald sorriu e suas pálpebras tremeram quando voltou os olhos para mim. “Para ser franco, Mr. Holmes, pensamos no DIC que o senhor é um tantinho obcecado por esse professor. Eu mesmo fiz algumas investigações sobre o assunto. Ele parece ser um homem muito respeitável, culto e talentoso.”

“Fico feliz ao ver que foi longe o bastante para reconhecer o talento.”

“Homem, não há como não reconhecer isso! Depois de ouvir sua opinião, senti-me na obrigação de visitá-lo. Conversei com ele sobre eclipses. Como foi que a conversa tomou esse rumo, não sei; mas ele pegou uma lanterna refletora e um globo e tornou tudo claro num minuto. Empréstou-me um livro, mas não me acanho em dizer que estava um pouquinho acima do meu alcance, embora eu tenha recebido uma boa educação em Aberdeen. Ele teria dado um magnífico pastor com seu rosto magro, cabelo grisalho e aquele jeito solene de falar. Quando pôs a mão no meu ombro, ao nos despedirmos, foi como a bênção de um pai quando o filho parte para o mundo frio e cruel.”

Holmes deu uma risadinha e esfregou as mãos. “Excelente!” exclamou. “Excelente! Conte-me, amigo MacDonald, essa entrevista agradável e tocante aconteceu, suponho, no gabinete do professor?”

“Isso mesmo.”

“Uma bela sala, não é?”

“Muito bonita – de fato muito elegante, Mr. Holmes.”

“Sentou-se em frente à escrivaninha dele?”

“Isso mesmo.”

“O sol batendo nos seus olhos e o rosto dele na sombra?”

“Bem, foi à noite, mas creio que a lâmpada estava acesa e voltada para o meu rosto.”

“Devia estar. Por acaso observou um quadro acima da cabeça do professor?”

“Pouca coisa me escapa, Mr. Holmes. Talvez eu tenha aprendido com o senhor. Sim, vi o quadro... uma moça com a cabeça apoiada nas mãos, olhando para nós de rabo de olho.”

“É uma tela de Jean-Baptiste Greuze.”

O inspetor fez um esforço para parecer interessado.

“Jean-Baptiste Greuze”, continuou Holmes, unindo as pontas dos dedos e reclinando-se bastante na cadeira. “Foi um pintor francês que floresceu entre os anos 1750 e 1800. Refiro-me, é claro, à sua carreira. A crítica moderna mais do que endossou a elevada opinião que os contemporâneos tinham dele.”

O olhar do inspetor tornou-se ausente. “Não seria melhor que nós...”, disse.

“É o que estamos fazendo”, interrompeu Holmes. “Tudo que estou dizendo tem uma relação direta e vital com o que o senhor chamou de o Mistério de Birlstone. Na verdade, em certo sentido podemos dizer que é o seu próprio cerne.”

MacDonald sorriu debilmente e me lançou um olhar súplice. “Seus pensamentos avançam um pouco depressa demais para mim, Mr. Holmes. Omite um ou dois elos, e eu não consigo transpor a lacuna. Qual diabos pode ser a relação entre esse pintor morto e o caso de Birlstone?”

“Todo conhecimento é útil para o detetive”, observou Holmes. “Até o fato trivial de que no ano de 1865 um quadro de Greuze intitulado *La jeune fille à l’agneau* foi arrematado por um milhão e duzentos mil francos – mais de quarenta mil libras – no leilão de Portalis pode disparar um encadeamento de ideias em sua mente.”

Ficou claro que podia. O inspetor mostrou-se sinceramente interessado.

“Posso lhe lembrar”, continuou Holmes, “que o salário do professor pode ser verificado em vários livros de referência confiáveis. Ele recebe setecentas libras por ano.”

“Então como pôde comprar...”

“Isso mesmo! Como pôde?”

“Sim, é extraordinário”, disse o inspetor, pensativo. “Fale mais, Mr. Holmes. Estou gostando muito. É ótimo!”

Holmes sorriu. Admiração genuína sempre o enchia de prazer – a marca do verdadeiro artista. “E quanto a Birlstone?” indagou.

“Ainda temos tempo”, disse o inspetor, consultando o relógio. “Tenho um fiacre à porta e em menos de vinte minutos estaremos em Victoria. Mas sobre essa pintura: creio que me disse uma vez, Mr. Holmes, que nunca esteve com o professor Moriarty.”

“Não, nunca.”

“Como então conhece seu apartamento?”

“Ah, essa é uma outra questão. Estive três vezes lá, duas delas esperando por ele sob diferentes pretextos e saindo antes que chegasse. A terceira vez... bem, não sei se posso comentar isso com um detetive da polícia. Foi na última ocasião que tomei a liberdade de passar os olhos nos papéis dele... com os resultados mais inesperados.”

“Encontrou alguma coisa comprometedora?”

“Absolutamente nada. Foi o que me espantou. No entanto, agora o senhor entende a que vem o quadro. Ele mostra que o professor é um homem muito rico. Como adquiriu fortuna? O homem é solteiro. Seu irmão mais moço é chefe de estação no oeste da Inglaterra. A cátedra que ocupa vale setecentas libras por ano. E possui um Greuze.”

“E daí?”

“Sem dúvida a inferência é simples.”

“Está querendo dizer que ele tem uma renda vultosa e que deve ganhá-la de maneira ilegal?”

“Exatamente. Claro que tenho outras razões para pensar isso – dúzias de fios precários que convergem vagamente para o centro da teia, onde o animal peçonhento e imóvel se esconde. Só menciono o Greuze porque ele põe a questão no âmbito de sua própria observação.”

“Bem, Mr. Holmes, admito que o que diz é interessante. É mais do que interessante – é simplesmente maravilhoso. Mas esclareçamos um pouco mais as coisas, se possível. É falsificação, cunhagem, roubo... de onde vem o dinheiro?”

“Já leu sobre Jonathan Wild?”

“Bem, o nome soa familiar. Alguém num romance, não é? Não presto muita atenção a detetives de romance – sujeitos que fazem coisas e nunca nos deixam saber como. É só inspiração, não é trabalho sério.”

“Jonathan Wild não foi um detetive, nem personagem de romance. Foi um criminoso competente e viveu no século passado – por volta de 1750.”

“Então não tem utilidade para mim. Sou um homem prático.”

“A coisa mais prática que poderia fazer na vida, Mr. Mac, seria trancar-se por três meses e passar doze horas por dia lendo os anais do crime. Tudo acontece em círculos – até o professor Moriarty. Jonathan Wild era a força oculta por trás dos criminosos londrinos, para os quais vendia seu cérebro e sua organização por uma comissão de quinze por cento. A velha roda gira, e o mesmo raio sobe. Tudo já foi feito antes, e será feito de novo. Vou lhe contar uma ou duas coisas sobre Moriarty que talvez lhe interessem.”

“Vão me interessar, com certeza.”

“Por acaso sei quem é o primeiro elo na cadeia dele – uma cadeia com esse Napoleão frustrado numa ponta e uma centena de pugilistas arruinados, batedores de carteira, chantagistas e trapaceiros na outra, com toda espécie de crime de permeio. O chefe do seu estado-maior é o coronel Sebastian Moran, tão arredo, protegido e inacessível à lei quanto ele mesmo. Quanto pensa que ele lhe paga?”

“Gostaria de saber.”

“Seis mil libras por ano. Paga-lhe por seus miolos, se é que me entende... o princípio comercial americano. Fiquei sabendo desse detalhe por puro acaso. É mais do que o primeiro-ministro recebe. Isso lhe dá uma ideia dos ganhos de Moriarty e da escala em que trabalha. Mais um ponto: dei-me ao trabalho de rastrear alguns dos cheques emitidos por Moriarty ultimamente – apenas cheques inocentes com que paga as contas domésticas. Eram de seis bancos diferentes. Isso lhe causa alguma impressão?”

“Suspeito, sem dúvida! Mas o que o senhor deduz disso?”

“Que ele não quer mexericos sobre sua fortuna. Ninguém deve saber o que possui. Tenho certeza de que tem vinte contas bancárias; muito provavelmente o grosso de sua fortuna está fora do país, no Deutsche Bank ou no Crédit Lyonnais. Algum dia, quando o senhor tiver um ou dois anos de folga, recomendo-lhe estudar o professor Moriarty.”

Cada vez mais impressionado à medida que a conversa avançava, o inspetor MacDonald distraíra-se por completo. Nesse momento, sua prática

inteligência escocesa levou-o de volta num estalo ao assunto que o fizera ir até lá.

“De qualquer maneira, ele pode esperar”, disse. “O senhor nos distraiu do problema com suas interessantes histórias, Mr. Holmes. O que realmente importa é sua observação de que há algum vínculo entre o professor e o crime. Soube disso pelo aviso que recebeu através desse tal Porlock. Seria possível, em vista de nossas necessidades práticas presentes, dar um passo adiante?”

“Podemos conjecturar os motivos do crime. Trata-se, como deduzi de suas observações anteriores, de um assassinato inexplicável, ou pelo menos inexplicado. Agora, presumindo que tenha tido a origem que suspeitamos, o crime pode ter tido dois diferentes motivos. Em primeiro lugar, posso lhe dizer que Moriarty controla seu pessoal com mão de ferro. Mantém uma disciplina implacável. Há uma única punição em seu código: a morte. Podemos supor que esse homem assassinado – esse Douglas, cujo destino iminente era conhecido por um dos asseclas do arquicriminoso – tinha traído o chefe de algum modo. Seguiu-se a sua punição, e ela deve ter sido do conhecimento de todos – ainda que apenas para lhes infundir o medo da morte.”

“Não deixa de ser uma suposição, Mr. Holmes.”

“A outra é que isso foi tramado por Moriarty como um negócio qualquer. Houve algum roubo?”

“Não que eu saiba.”

“Se houve, isso iria, é claro, contra a primeira hipótese e em favor da segunda. Moriarty pode ter sido contratado para tramá-lo com a promessa de receber parte dos despojos, ou pode ter sido pago antecipadamente para executá-lo. As duas coisas são possíveis. Mas, seja como for, ou caso haja alguma terceira combinação, é em Birlstone que devemos procurar a solução. Conheço bem demais o nosso homem para supor que deixou alguma coisa aqui que possa nos levar até ele.”

“Então vamos a Birlstone!” exclamou MacDonald, levantando-se de um salto. “Céus! É mais tarde do que eu pensava. Dou-lhes cinco minutos para se prepararem, cavalheiros, mais nada.”

“É mais do que suficiente para nós”, respondeu Holmes, levantando-se de chofre e trocando apressadamente o roupão pelo paletó. “Quando estivermos a caminho, Mr. MacDonald, pedirei que tenha a bondade de me contar tudo

sobre o caso.”

“Tudo sobre o caso” provou-se decepcionantemente pouco. Ainda assim, ouvimos o bastante para nos convencer de que o problema podia ser digno da mais estreita atenção do especialista. Holmes se iluminou e esfregou as mãos magras ao ouvir os parcos mas extraordinários detalhes. Passáramos por uma longa sequência de semanas estéreis, e ali estava por fim um objeto condizente com aquelas notáveis capacidades que, como todos os dons especiais, tornavam-se maçantes quando não utilizadas. Aquela mente afiada ficava embotada e entorpecida com a inação.

Os olhos de Sherlock Holmes cintilaram, suas faces pálidas ganharam cor e todo o seu ansioso semblante resplandeceu com uma luz interior quando se sentiu convocado para o trabalho. Inclinado para a frente no fiacre, ouviu com atenção o curto esboço que MacDonald fez do problema que nos esperava em Sussex. O inspetor fiava-se, como nos explicou, num relato escrito às pressas que lhe fora enviado pelo trem do leite nas primeiras horas da manhã. White Mason, o agente de polícia local, era um amigo pessoal, e por isso MacDonald fora notificado muito mais depressa do que é praxe na Scotland Yard quando precisam de sua ajuda fora da capital. Em geral, o especialista da metrópole é solicitado a seguir uma pista já muito fria.

Caro inspetor MacDonald

[dizia a carta que ele nos leu]:

O requerimento oficial de seus serviços segue em envelope separado. Isto é para sua consideração pessoal. Telegrafe-me comunicando o trem da manhã que poderá pegar para Birlstone e irei encontrá-lo, ou mandarei alguém se estiver muito ocupado. Este caso é um nó. Comece sem perda de tempo. Se puder trazer

Mr. Holmes, por favor faça-o, pois ele gostará muito do que vai encontrar aqui. Parece até que tudo foi preparado para produzir um efeito dramático – se não houvesse o cadáver de um homem no meio. Cruzes! É *mesmo* um nó difícil de desatar!

“Seu amigo não parece nada tolo”, observou Holmes.

“Não, senhor, White Mason é um homem muito vivo, na medida em que posso julgá-lo.”

“Bem, sabe mais alguma coisa?”

“Só que ele nos porá a par de todos os detalhes quando nos encontrarmos.”

“Então como soube de Mr. Douglas e do fato de ele ter sido

horivelmente assassinado?”

“Isso estava no relatório oficial anexo. Ele não dizia ‘horível’, esse não é um termo oficial reconhecido. Fornecia um nome, John Douglas. Mencionava que ele fora ferido na cabeça com tiros de espingarda. Mencionava também a hora do alarme, que foi ontem perto da meia-noite. Acrescentava que se tratava sem dúvida de assassinato, mas que não fora feita nenhuma prisão, e que o caso apresentava características intrigantes e extraordinárias. Isso é absolutamente tudo o que sabemos até agora, Mr. Holmes.”

“Então, com sua permissão, não vamos dizer mais nada, Mr. Mac. A tentação de formar teorias prematuras a partir de dados insuficientes é a ruína de nossa profissão. No momento só sei duas coisas: um cérebro maquiavélico em Londres e um homem morto em Sussex. É o elo entre uma coisa e outra que vamos investigar.”

III. A TRAGÉDIA DE BIRLSTONE

EAGORA, por um momento, pedirei licença para deixar de lado minha própria e insignificante pessoa e descrever, à luz do conhecimento que obtivemos depois, eventos ocorridos antes de nossa chegada à cena. Só assim posso permitir ao leitor apreciar os personagens envolvidos e o estranho cenário em que o destino deles foi lançado.

O vilarejo de Birlstone é um pequeno e vetusto aglomerado de chalés de madeira e alvenaria na fronteira norte do condado de Sussex. Por séculos permaneceu intocado, mas nos últimos anos seu aspecto e situação pitorescos atraíram muitos residentes abastados, cujas casas de campo despontam das matas circunvizinhas. Acredita-se ali que essas matas são a franja extrema da grande floresta de Weald, que vai se rarefazendo até alcançar as colinas de greda do norte. Algumas lojinhas foram abertas para satisfazer às necessidades da população aumentada; assim, parece haver alguma perspectiva de que Birlstone venha a se transformar em breve, da aldeia antiga que era, numa vila moderna. Ela é o centro de uma região de tamanho considerável, uma vez que Tunbridge Wells, lugarejo importante mais próximo, fica entre dezesseis e dezoito quilômetros a leste, na fronteira com Kent.

A cerca de oitocentos metros da vila, num velho parque famoso por suas enormes faias, ergue-se o antigo Solar Birlstone. Parte dessa venerável construção remonta ao tempo da Primeira Cruzada, quando Hugo de Capus construiu um fortim no centro da propriedade que o Rei Vermelho lhe concedera. Esta foi destruída pelo fogo em 1543, e parte de suas pedras angulares enegrecidas pela fumaça foi reaproveitada quando, no período jacobita, uma casa de campo de tijolos foi erguida sobre as ruínas do castelo feudal.

O solar, com muitas empenas e janelinhas com vidraças em forma de losango, ainda estava praticamente como o construtor o deixara no início do século XVII. Dos dois fossos que haviam protegido seu predecessor mais belicoso, deixara-se que o externo secasse e passasse a desempenhar a função mais humilde de horta. O interno continuava lá, cingindo toda a casa e medindo doze metros de largura, embora agora tivesse apenas pouco mais de

um metro de profundidade. Um pequeno regato o alimentava e continuava além dele, de modo que a lâmina d'água, embora turva, nunca parecia estagnada ou insalubre. As janelas do rés do chão ficavam a cerca de trinta centímetros da superfície da água.

Só era possível chegar à casa passando por uma ponte levadiça, cujas correntes e sarilhos estavam enferrujados e quebrados fazia tempo. Os últimos moradores do solar, contudo, com peculiar energia, consertaram-no e agora a ponte levadiça não só podia ser como de fato era erguida ao fim de cada dia e baixada a cada manhã. Com essa renovação do costume dos velhos tempos feudais, o solar convertia-se numa ilha durante a noite – fato que mostrou relação direta com o mistério que logo seria o foco das atenções de toda a Inglaterra.

A casa passara alguns anos desocupada, e corria o risco de desfazer-se em pitorescas ruínas quando os Douglas tomaram posse dela. Essa família consistia de apenas duas pessoas – John Douglas e a mulher. Douglas era um homem notável, moral e fisicamente. Beirava talvez os cinquenta anos, tinha um queixo enérgico, traços fortes, um bigode grisalho, olhos verdes peculiarmente argutos, e uma figura magra e vigorosa, que nada perdera da força e do dinamismo da juventude. Era alegre e afável com todos, mas tinha maneiras um tanto insolentes, dando a impressão de já ter vivido em estratos sociais bem inferiores ao da sociedade do condado de Sussex.

No entanto, embora visto com alguma curiosidade e reserva pelos vizinhos mais cultos, não demorou a angariar ampla popularidade entre os aldeões, contribuindo generosamente para todos os empreendimentos locais, comparecendo aos *smoking concerts* e outras cerimônias, nas quais, tendo uma voz de tenor extraordinariamente cheia, estava sempre disposto a obsequiar os presentes com uma excelente canção. Parecia ter muito dinheiro, o qual, segundo se dizia, fora ganho nas minas de ouro da Califórnia, e ficava claro por sua própria conversa e a da esposa que havia passado parte de sua vida nos Estados Unidos.

A boa impressão produzida por sua generosidade e maneiras democráticas só fez crescer com a reputação de completa indiferença ao perigo que conquistou. Embora fosse um péssimo cavaleiro, participava de todas as competições hípicas, levando as mais espantosas quedas na determinação de se igualar aos melhores. Quando o presbitério pegou fogo, distinguiu-se também pelo destemor com que entrou de novo no prédio para salvar objetos preciosos, quando o corpo de bombeiros local desistira da

tarefa julgando-a impossível. Ocorreu assim que, em menos de cinco anos, John Douglas do Solar Birlstone havia logrado uma considerável reputação no lugar.

Embora, à maneira inglesa, fossem poucas e espaçadas as visitas recebidas por aquela estranha que se estabelecera no condado sem apresentações, sua mulher também era querida pelos que a conheciam. Isso pouco se lhe dava, pois era modesta por temperamento e muito dedicada, ao que parecia, ao marido e às tarefas domésticas. Sabia-se que era uma dama inglesa e que conhecera Mr. Douglas, então viúvo, em Londres. Era uma mulher bonita, alta, morena e esbelta, cerca de vinte anos mais moça que o marido; uma disparidade que parecia não prejudicar em absoluto a felicidade do casal.

Os que os conheciam melhor, contudo, notavam por vezes que a confiança entre os dois não parecia completa, pois a mulher ou era muito reticente sobre a vida pregressa do marido, ou, como parecia mais provável, estava mal-informada a respeito dela. Fora também percebido e comentado por algumas pessoas observadoras que Mrs. Douglas dava por vezes sinais de certa tensão nervosa, mostrando-se extremamente preocupada quando o marido ausente tardava a regressar. Numa pacata região rural, onde todo mexerico é bem-vindo, essa fraqueza da senhora do Solar Birlstone não passava despercebida, e ganhou força na lembrança das pessoas por ocasião de determinados episódios que lhe conferiram significação especial.

Havia mais uma pessoa que, é verdade, morava apenas intermitentemente sob aquele teto, mas cuja presença por ocasião dos estranhos acontecimentos que serão narrados agora fez com que seu nome aparecesse com destaque perante o público. Tratava-se de Cecil James Barker, de Hales Lodge, Hampstead.

A figura alta e flexível de Cecil Barker era muito conhecida na rua principal da aldeia de Birlstone, pois ele era um hóspede assíduo e bem-vindo do solar. Era ainda mais notado por ser o único amigo da vida passada desconhecida de Mr. Douglas que aparecera em seu novo ambiente inglês. O próprio Barker era sem dúvida inglês, mas seus comentários deixavam claro que conhecera Douglas nos Estados Unidos e lá convivera intimamente com ele. Parecia ser um homem de considerável fortuna e supunham-no solteiro.

Mais jovem que Douglas – tinha no máximo quarenta e cinco anos –, era um sujeito alto e aprumado, peito largo, rosto escanhado de pugilista, sobrancelhas grossas, fortes e pretas, e um par de olhos negros e imperiosos

que podiam, mesmo sem a ajuda de suas mãos poderosas, abrir-lhe caminho através de uma multidão hostil. Não montava a cavalo nem caçava; passava o dia perambulando pela velha aldeia, cachimbo na boca, ou passeando de carro com seu anfitrião, ou, na ausência dele, com sua anfitriã, pela bela região. “Um cavalheiro tranquilo, generoso”, dizia Ames, o mordomo. “Mas palavra! Eu não gostaria de contrariá-lo por nada!” Mostrava-se cordial e íntimo com Douglas, e não menos amistoso com a mulher dele – amizade que não raro parecia causar certa irritação ao marido, de modo que até os criados podiam perceber seu aborrecimento. Essa era a terceira pessoa que fazia parte da família quando a catástrofe ocorreu.

Quanto aos outros moradores da velha construção, bastará mencionar, numa vasta criadagem, o empertigado, respeitável e competente Ames e Mrs. Allen, uma figura rechonchuda e alegre, que poupava a senhora de algumas das responsabilidades domésticas. Os outros seis criados da casa não tiveram nenhuma relação com os eventos da noite de 6 de janeiro.

Foi às onze e quarenta e cinco que o primeiro alarme chegou ao pequeno distrito policial local, a cargo do sargento Wilson, da polícia de Sussex. Cecil Barker, muito alvoroçado, havia corrido até a porta e tocado furiosamente a campainha. Uma tragédia terrível acontecera no solar e John Douglas fora assassinado. Essa foi a essência ofegante de sua mensagem. Ele havia corrido de volta para a casa, seguido dentro de poucos minutos pelo sargento da polícia, que chegou à cena do crime um pouco depois da meia-noite, após tomar diligentes medidas para avisar às autoridades do condado que algo de grave estava se passando.

Ao chegar ao solar, o sargento encontrara a ponte levadiça abaixada, as janelas iluminadas e a casa toda num estado de grande confusão e alarme. Os criados, lívidos, espremiavam-se no saguão, com o apavorado mordomo retorcendo as mãos na soleira. Apenas Cecil Barker parecia senhor de si e de suas emoções; abrira a porta mais próxima da entrada e, com um aceno, convidara o sargento a segui-lo. Nesse momento chegou o dr. Wood, um clínico-geral da aldeia, vivaz e competente. Os três homens entraram juntos na sala fatal; seguindo em seus calcanhares, o horrorizado mordomo fechou a porta atrás de si para ocultar das criadas a terrível cena.

O morto jazia de costas, pernas e braços abertos, no centro da sala. Vestia apenas um roupão cor-de-rosa sobre a roupa de dormir. Tinha pantufas nos pés nus. O médico ajoelhou-se e aproximou dele a lâmpada de mão que pegara sobre a mesa. Uma olhadela na vítima foi o suficiente para lhe mostrar

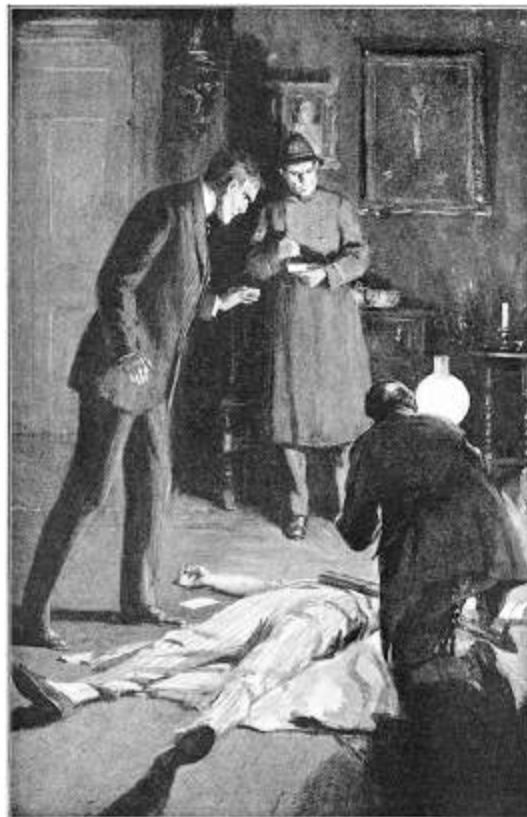
que sua presença era dispensável. O homem havia sido horivelmente ferido. Atravessada sobre o seu peito, via-se uma arma curiosa, uma espingarda de caça com os canos serrados trinta centímetros à frente dos gatilhos. Era patente que fora disparada à queima-roupa e que a vítima recebera toda a carga no rosto, o que quase lhe despedaçara a cabeça. Os gatilhos haviam sido amarrados com um arame, de modo a tornar a descarga simultânea mais destrutiva.

O policial rural sentia-se acovardado e nervoso com a enorme responsabilidade que lhe caía tão de repente sobre os ombros. “Não vamos tocar em nada até que meus superiores cheguem”, disse com voz velada, contemplando com horror a pavorosa cabeça.

“Ninguém tocou em nada até agora”, disse Cecil Barker. “Isso eu posso garantir. Estão vendo todas as coisas exatamente como as encontrei.”

“Quando foi isso?” O sargento tirara do bolso seu bloco de anotações.

“Pouco depois das onze e meia. Eu ainda não começara a me despir e estava sentado junto à lareira em meu quarto quando ouvi o tiro. Não foi muito alto – parecia ter sido abafado. Desci correndo – creio que cheguei à sala em menos de trinta segundos.”



“O médico ajoelhou-se e aproximou dele a lâmpada de mão que pegara sobre a mesa. Uma olhadela na vítima foi o suficiente para lhe mostrar que sua presença era dispensável.”

[Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1914]

“A porta estava aberta?”

“Sim, estava. O pobre Douglas estava estendido como o senhor viu. A vela do seu quarto ardia sobre a mesa. Fui eu que acendi a lâmpada alguns minutos depois.”

“Não viu ninguém?”

“Não. Ouvi Mrs. Douglas descendo a escada atrás de mim, e saí depressa para impedir que ela visse esta cena horrível. Mrs. Allen, a governanta, apareceu e a levou embora. Ames havia chegado, e corremos de volta à sala novamente.”

“Mas estou certo de ter ouvido que a ponte levadiça é mantida erguida a noite toda.”

“Sim, ela estava erguida até que a baixei.”

“Nesse caso, como poderia o assassino ter escapado? É inconcebível! Mr. Douglas deve ter atirado em si mesmo.”

“Foi o que pensamos no início. Mas veja!” Barker puxou a cortina para um lado e mostrou que a comprida janela com vidraças em forma de losangos estava escancarada. “E olhe para isto!” Abaixou a lâmpada e iluminou, sobre o peitoril de madeira, uma mancha de sangue que parecia a marca de uma sola de botina. “Alguém pisou ali ao sair.”

“Está querendo dizer que alguém atravessou o fosso a vau?”

“Exatamente!”

“Mas se o senhor chegou à sala menos de meio minuto após o crime, ele devia estar na água naquele mesmo instante.”

“Não tenho dúvida disso. Ah, se eu tivesse corrido à janela! Mas a cortina a encobria, como o senhor pode ver, e isso não me ocorreu. Depois ouvi os passos de Mrs. Douglas, e não podia deixá-la entrar na sala. Teria sido horrível demais.”

“Sem dúvida!” disse o médico, fitando a cabeça despedaçada e as terríveis marcas que a cercavam. “Não vejo ferimentos como estes desde a colisão de trens em Birlstone.”

“Mas veja bem”, observou o sargento, que, com seu bucólico senso

comum, ainda matutava sobre a janela aberta. “Faz sentido o senhor dizer que um homem escapou atravessando este fosso a vau, mas o que lhe pergunto é: como ele pode ter entrado na casa se a ponte estava erguida?”

“Ah, essa é a questão”, disse Barker.

“A que horas ela foi erguida?”

“Eram quase seis horas”, respondeu Ames, o mordomo.

“Ouvi dizer”, disse o sargento, “que ela geralmente é içada ao pôr do sol. Isto é, mais perto das quatro e meia que das seis horas nesta época do ano.”

“Mrs. Douglas recebeu visitas para o chá”, disse Ames. “Não pude erguê-la até que fossem embora. Depois eu mesmo a ergui.”

“Então estamos no seguinte pé”, disse o sargento: “Se alguém chegou de fora – se é que chegou –, deve ter passado pela ponte antes das seis e ficado escondido desde então até depois das onze horas, quando Mr. Douglas entrou na sala.”

“Isso mesmo! Mr. Douglas dava uma volta pela casa toda noite antes de se deitar para ver se as luzes estavam apagadas. Isso o trouxe aqui. O homem o esperava e atirou nele. Depois saiu pela janela, deixando a arma para trás. Esta é a minha interpretação, pois nenhuma outra se ajustará aos fatos.”

O sargento apanhou um cartão caído no chão, ao lado do cadáver. Nele, grosseiramente escritas a tinta, viam-se as iniciais V.V. e, sob elas, o número 341.

“O que é isto?” perguntou, levantando-o.

Barker olhou com curiosidade. “Não tinha percebido”, disse. “O assassino deve tê-lo deixado para trás.”

“V.V. – 341. Não me diz nada.”

O sargento continuou a girá-lo entre seus dedos compridos. “O que é V.V.? As iniciais de alguém, talvez. O que tem aí, dr. Wood?”

Era um martelo de bom tamanho que estava sobre o tapete em frente à lareira – um martelo robusto, de operário. Cecil Barker apontou para uma caixa de pregos com cabeça de latão sobre o aparador da lareira.

“Mr. Douglas estava mudando os quadros de lugar ontem”, disse. “Eu mesmo o vi, de pé sobre aquela cadeira, pendurando o quadro grande acima dela. Isso explica o martelo.”

“Seria melhor colocá-lo de volta sobre o tapete, onde o encontramos”, disse o sargento, coçando a cabeça em sua perplexidade. “Só os melhores cérebros da força para tirar essa história a limpo. Londres entrará em ação

antes que encerremos o caso.” Levantou a lâmpada e andou lentamente pela sala. “Ei!” exclamou alvoroçado, puxando a cortina da janela para um lado. “A que horas estas cortinas foram fechadas?”

“Quando as luzes foram acesas”, respondeu o mordomo. “Deviam ser quatro e pouco.”

“Alguém se escondeu aqui atrás, com certeza.” Ele abaixou a lâmpada, e pegadas de botinas enlameadas delinearam-se num canto. “Creio que isto corrobora sua teoria, Mr. Barker. Ao que parece, o homem entrou na casa depois das quatro, quando as cortinas foram fechadas, e antes das seis, quando a ponte foi erguida. Enfiou-se nesta sala porque foi a primeira que viu. À falta de outro lugar para se esconder, meteu-se rapidamente atrás desta cortina. Tudo isso parece bastante claro. É provável que o principal intuito dele fosse roubar a casa; mas como Mr. Douglas topou com ele por acaso, matou-o e fugiu.”

“É a minha interpretação”, disse Barker. “Mas não estaríamos perdendo um tempo precioso? Não poderíamos ir começando e dar uma batida na região antes que o sujeito evapore?”

O sargento refletiu por um momento.

“Não há nenhum trem antes das seis da manhã; portanto ele não pode fugir pela ferrovia. Se for pela estrada, com as calças encharcadas, é provável que alguém o perceba. De todo modo, eu mesmo não posso sair daqui até que me rendam. Mas penso que nenhum dos senhores deve sair até esclarecermos melhor a situação.”

O médico pegara a lâmpada e examinava o corpo atentamente. “Que marca é esta?” perguntou. “Poderia ter alguma relação com o crime?”

A manga do roupão, arregaçada, expunha o braço direito do morto até a altura do cotovelo. Mais ou menos no meio do antebraço havia um curioso desenho marrom, um triângulo dentro de um círculo, projetando-se num nítido relevo sobre a pele muito branca.

“Não é uma tatuagem”, disse o médico, examinando através dos óculos. “Nunca vi nada parecido. O homem foi marcado com ferro em brasa, como gado. O que significa isso?”

“Não digo que sei o que significa”, disse Cecil Barker, “mas cansei de ver essa marca em Douglas nestes últimos dez anos.”

“Eu também”, disse o mordomo. “Sempre que o patrão arregaçava as mangas, eu reparava nessa mesma marca. Perguntei a mim mesmo muitas

vezes o que poderia ser isso.”

“Logo, ela não tem nada a ver com o crime”, disse o sargento. “Mas não deixa de ser uma coisa esquisita. Tudo neste caso é esquisito. Mas o que é isso agora?”

O mordomo soltara uma exclamação de espanto e apontava para a mão estendida do morto.

“Levaram sua aliança!” exclamou, arfante.

“O quê?”

“Isso mesmo! O patrão sempre usou uma aliança simples de ouro no dedo mínimo da mão esquerda. Esse outro anel com a pedra tosca ficava sobre ela, e o da serpente enroscada no terceiro dedo. Aí estão o anel com a pepita e a serpente, mas a aliança sumiu.”

“Ele está certo”, disse Barker.

“Você está me dizendo”, disse o sargento, “que a aliança estava sob o outro anel?”

“Sempre esteve!”

“Quer dizer então que o assassino, ou fosse quem fosse, primeiro tirou esse anel com a pedra, depois a aliança, e em seguida enfiou de volta o anel com a pepita?”

“Exatamente!”

O digno policial rural sacudiu a cabeça. “Tenho a impressão de que quanto mais cedo Londres se envolver neste caso, melhor”, disse. “White Mason é um homem inteligente. Nenhum caso local foi demais para ele. Logo estará aqui para nos ajudar. Mas creio que teremos de recorrer a Londres antes de liquidar o assunto. De todo modo, não me envergonha dizer que ele é um pouquinho complicado demais para gente como eu.”

IV. TREVAS

ÀS TRÊS DA MANHÃ o detetive-chefe de Sussex, atendendo ao chamado urgente do sargento Wilson de Birlstone, chegou da chefatura de polícia num *dogcart* puxado por um trotador esfalfado. Enviara sua mensagem à Scotland Yard pelo trem das cinco e quarenta da manhã, e ao meio-dia estava na estação de Birlstone para nos receber. White Mason era um sujeito calmo e bem-disposto; metido num terno de tweed, o rosto corado bem-barbeado, era corpulento e tinha as pernas fortes e arqueadas adornadas com polainas, parecendo um pequeno fazendeiro, um guarda-caça aposentado ou qualquer coisa na face da Terra, exceto um espécime promissor de policial criminal.

“Um verdadeiro nó, Mr. MacDonald!” ele não parava de repetir. “Quando os repórteres entenderem o que aconteceu, acorrerão para cá como moscas. Tomara que terminemos o trabalho antes que eles comecem a meter o bedelho em tudo e a embaralhar as pistas. Nunca houve nada parecido, pelo que me lembro. Ou muito me engano, ou alguns detalhes irão impressioná-lo, Mr. Holmes. E o senhor também, dr. Watson, pois os médicos terão alguma coisa a dizer antes de terminarmos. O quarto dos senhores é no Westville Arms. Não há outro lugar; mas me disseram que é limpo e bom. O criado levará as suas malas. Por aqui, cavalheiros, por favor.”

Era uma pessoa muito animada e afável, esse detetive de Sussex. Em dez minutos estávamos todos instalados. Em mais dez, sentados na sala de estar da hospedaria, ouvíamos um rápido esboço dos acontecimentos delineados no capítulo anterior. MacDonald fazia uma ou outra observação ocasional; enquanto isso Holmes permanecia absorto, com a expressão de admiração surpresa e reverente com que o botânico examina a flor rara e preciosa.

“Impressionante!” exclamou ele quando a narração terminou. “Deveras extraordinário! Custa-me lembrar algum caso com características mais peculiares.”

“Eu sabia que diria isso, Mr. Holmes”, disse White Mason, deliciado. “Acompanhamos a marcha do progresso aqui em Sussex. Contei-lhes como foram as coisas até o momento em que rendi o sargento Wilson entre as três e as quatro horas desta madrugada. Valha-me Deus! Como fiz a velha égua

correr! Mas no fim das contas não precisava ter me afobado tanto, pois não havia nada de imediato que pudesse fazer. O sargento Wilson estava de posse de todos os fatos. Verifiquei e considerei todos eles, e talvez tenha acrescentado alguns por minha conta.”

“Quais foram eles?” indagou Holmes, ansioso.

“Bem, em primeiro lugar mandei examinar o martelo. Lá estava o dr. Wood para me ajudar. Não encontramos quaisquer sinais de violência nele. Eu tinha a esperança de que, se Mr. Douglas o tivesse usado para se defender, tivesse conseguido atingir o assassino antes de deixá-lo cair sobre o tapete. Mas não havia nenhuma mancha.”

“Isso, é claro, não prova nada”, observou o inspetor MacDonald. “Já houve muitos assassinatos com martelo sem que este apresentasse qualquer vestígio.”

“Sem dúvida. Isso não prova que não foi usado. Mas poderiam ter subsistido manchas, o que nos teria ajudado. Mas o fato é que não havia nenhuma. Depois examinei a arma. Os cartuchos eram de chumbo grosso, e, como o sargento Wilson salientou, os gatilhos estavam amarrados um ao outro com arame de modo que, se o de trás fosse puxado, os dois canos descarregassem. Quem quer que tenha preparado aquilo estava decidido a não correr nenhum risco de deixar seu homem escapar. A arma, que tivera seus canos serrados, não tinha mais de sessenta centímetros – uma pessoa podia facilmente levá-la debaixo do paletó. Não havia o nome completo do fabricante; as letras p-e-n estavam gravadas no sulco entre os canos, mas o resto do nome fora cortado fora pela serra.”

“Um grande p com um floreio sobre ele, e e n menores?” perguntou Holmes.

“Exatamente.”

“Pennsylvania Small Arms Company – empresa americana muito conhecida”, disse Holmes.

White Mason olhou para o meu amigo como o modesto clínico de aldeia olha para o especialista de Harley Street que, com uma palavra, pode resolver as dificuldades que o desorientam.

“Isso é muito útil, Mr. Holmes. Sem dúvida está certo. Maravilhoso! Maravilhoso! Carrega os nomes de todos os fabricantes de armas do mundo na memória?”

Holmes rechaçou o assunto com um gesto da mão.

“Sem dúvida é uma espingarda americana”, continuou White Mason. “Tenho a impressão de ter lido que a espingarda serrada é uma arma usada em certas áreas dos Estados Unidos. Independentemente do nome gravado no cano, a ideia já me ocorrera. Há evidências, portanto, de que o sujeito que penetrou na casa era um americano.”

MacDonald sacudiu a cabeça. “Homem, está pondo o carro adiante dos bois”, disse. “Até agora eu não soube de uma evidência sequer de que um estranho tenha estado na casa.”

“A janela aberta, o sangue no peitoral, o cartão estranho, as pegadas de botinas no canto, a arma!”

“Nada que não pudesse ter sido montado. Mr. Douglas era americano, ou viveu muito tempo nos Estados Unidos. Mr. Barker também. Não precisamos importar um americano de fora para explicar procedimentos americanos.”

“Ames, o mordomo...”

“O que acha dele? Confiável?”

“Dez anos com Sir Charles Chandos – sólido como uma rocha. Está com Douglas desde que ele alugou o solar, cinco anos atrás. Nunca viu uma arma daquele tipo na casa.”

“A arma foi preparada para ficar escondida. Daí os canos terem sido serrados. Ela caberia em qualquer caixa. Como ele pôde jurar que não havia uma arma como aquela na casa?”

“Bem, de todo modo, ele nunca viu uma.”

MacDonald sacudiu sua obstinada cabeça escocesa. “Ainda não estou convencido de que alguém esteve na casa”, disse. “Peço-lhe que considere” – seu sotaque ia ficando mais carregado à medida que se absorvia em sua argumentação –, “peço-lhe que considere as implicações de sua suposição de que esta arma foi trazida em algum momento para dentro desta casa, e que todas essas coisas estranhas foram perpetradas por uma pessoa de fora. Oh, homem, é simplesmente inconcebível! Vai claramente contra o senso comum. Pergunto-lhe o que pensa disso, Mr. Holmes, a julgar pelo que ouvimos.”

“Bem, exponha sua argumentação, Mr. Mac”, disse Holmes, assumindo a pose de um juiz.

“O homem não é um ladrão, supondo que ele tenha existido. A questão do anel e o cartão apontam para assassinato premeditado por algum motivo pessoal. Muito bem. Aqui está um homem que se introduz numa casa com a intenção deliberada de cometer um assassinato. Ele sabe, se é que sabe

alguma coisa, que terá dificuldade em fugir, pois a casa é cercada por água. Que arma escolheria? Diríamos que a mais silenciosa do mundo. Assim poderia esperar, concluído o serviço, escapular às pressas pela janela, atravessar o fosso a vau e dar o fora tranquilamente. Isso é aceitável. Mas será aceitável que se dê ao trabalho de levar consigo a arma mais ruidosa que poderia escolher, sabendo muito bem que ela fará todos os moradores da casa acorrerem ao local, com toda a probabilidade de avistá-lo antes que consiga transpor o fosso? Será isso crível, Mr. Holmes?”

“Bem, sua contestação é categórica”, respondeu meu amigo, pensativo. “A hipótese de que um americano entrou na casa por certo precisa de uma boa fundamentação. Posso perguntar, Mr. White Mason, se examinou de imediato a borda externa do fosso para ver se havia algum sinal de que o homem galgara a margem, ao sair da água?”

“Não havia nenhum sinal, Mr. Holmes. Mas como a borda é de pedra, isso já era de esperar.”

“Nenhuma pegada ou marca?”

“Nenhuma.”

“Ah! Haveria alguma objeção, Mr. White Mason, a que fôssemos até a casa agora mesmo? Talvez algum pequeno detalhe pudesse ser sugestivo.”

“Era o que eu ia propor, Mr. Holmes; mas pensei que seria bom deixá-lo a par de todos os fatos antes de irmos. Suponho que se alguma coisa lhe ocorrer...”

“Já trabalhei com Mr. Holmes antes”, disse o inspetor Mac-Donald. “Ele joga o jogo.”

“Pelo menos o jogo tal como o entendo”, disse Holmes com um sorriso. “Entro num caso para ajudar os propósitos da Justiça e o trabalho da polícia. Se alguma vez me separei da força policial, foi porque ela mesma já se separara de mim. Não alimento qualquer desejo de obter vantagens à custa dela. Ao mesmo tempo, Mr. White Mason, reivindico o direito de trabalhar do meu jeito e de comunicar meus resultados quando julgar conveniente – por completo e não em etapas.”

“Fique certo de que estamos honrados com sua presença e lhe mostraremos tudo que sabemos”, disse White Mason cordialmente. “Venha, dr. Watson, e no devido tempo vamos todos esperar por um lugar no seu livro.”

Descemos a pitoresca rua da aldeia, com uma fileira de olmos podados de

cada lado. Pouco adiante havia dois antigos pilares de pedra, desgastados pelo tempo e com manchas de líquen, em cujo topo se via uma figura disforme que outrora fora o leão rampante de Capus de Birlstone. Uma curta caminhada pelo trajeto sinuoso cercado por aqueles relvados e carvalhos que só vemos na Inglaterra rural, depois uma curva súbita, e a comprida e baixa casa jacobita, de tijolos encardidos, cor de fígado, surgiu à nossa frente, com um jardim de teixos aparados, à moda antiga, de cada lado. Quando nos aproximamos, vimos a ponte levadiça de madeira e o belo e largo fosso, plácido e luminoso como uma lâmina de mercúrio ao frio sol de inverno.

Três séculos haviam transcorrido desde a construção do velho solar, séculos de nascimentos e voltas ao lar, de bailes campestres e reuniões de caçadores de raposa. Estranho que agora, em sua velhice, esse caso sinistro tivesse vindo lançar sua sombra sobre as veneráveis paredes! No entanto aqueles telhados estranhos, afilados, e aquelas empenas projetadas eram uma cobertura condizente com uma intriga soturna e terrível. Ao fitar as janelas embutidas e a extensa fachada pardacenta, lambida pela água, senti que não se teria podido armar cenário mais adequado para semelhante tragédia.

“Lá está a janela”, disse White Mason, “aquela logo à direita da ponte levadiça. Está aberta, tal como foi encontrada ontem à noite.”

“Parece um tanto estreita para dar passagem a um homem.”

“Bem, de qualquer maneira não era um homem gordo. Não precisamos de suas deduções para saber disso, Mr. Holmes. Mas o senhor ou eu sem dúvida conseguiríamos, nos espremendo um pouco, passar por ela.”

Holmes andou até a beira do fosso e olhou para o outro lado. Depois examinou a borda de pedra e a faixa de grama além dela.

“Dei uma boa espiada, Mr. Holmes”, disse White Mason. “Não há nada aí, nenhum sinal de que alguém tenha passado... mas por que deveria ele ter deixado algum sinal?”

“Exatamente. Por quê? A água é sempre turva?”

“Em geral é mais ou menos dessa cor. O regato traz o barro.”

“Que profundidade tem?”

“Cerca de sessenta centímetros de cada lado e noventa no meio.”

“Então podemos abandonar qualquer suposição de que o homem teria se afogado ao atravessá-lo.”

“Claro, nem uma criança se afogaria aí.”

Atravessamos a ponte levadiça e fomos recebidos por um sujeito de

aspecto extravagante, seco e rabugento – Ames, o mordomo. O pobre homem estava branco e trêmulo com o choque. O sargento da aldeia, um sujeito alto, formal e melancólico, continuava de vigília na sala fatídica. O médico fora embora.

“Algo de novo, sargento Wilson?” indagou White Mason.

“Não, senhor.”

“Então pode ir para casa. Já ficou demais. Podemos mandar chamá-lo se precisarmos de você. É melhor que o mordomo espere lá fora. Diga-lhe para avisar Mr. Cecil Barker, Mrs. Douglas e a governanta de que podemos precisar trocar uma palavra com eles logo mais. Agora, cavalheiros, talvez me permitam comunicar-lhes primeiro as opiniões que formei; depois poderão chegar às suas próprias.” Aquele especialista rural me impressionou. Tinha uma compreensão sólida dos fatos e um cérebro sereno, lícido, sensato, que por certo o levaria longe na profissão. Holmes ouviu-o com muita atenção, sem dar nenhum sinal daquela impaciência que o expositor oficial não raro produzia nele.

“Foi suicídio ou foi assassinato? – esta é a nossa primeira questão, cavalheiros, não é? Se foi suicídio, temos de acreditar que este homem começou tirando a própria aliança e escondendo-a; que depois desceu a esta sala de roupão, pisoteou o assoalho com sapatos enlameados num canto atrás da cortina para dar a impressão de que alguém o havia esperado ali, abriu a janela, fez uma mancha de sangue no...”

“É claro que podemos rejeitar essa hipótese”, disse MacDonald.

“É o que penso. O suicídio está fora de cogitação. Então um assassinato foi cometido. O que nos cabe determinar é se foi cometido por alguém de fora ou de dentro da casa.”

“Bem, ouçamos a argumentação.”

“As duas hipóteses encerram dificuldades consideráveis, no entanto uma ou outra deve ser procedente. Vamos supor primeiro que uma ou mais pessoas de dentro da casa cometeram o crime. Atraíram este homem para cá quando tudo estava em silêncio e no entanto ninguém dormia. Perpetraram então o ato com a arma mais bizarra e barulhenta do mundo, de modo a anunciar a todos o que havia acontecido – uma arma nunca antes vista na casa. Não parece um começo muito verossímil, não é?”

“Não, não parece.”

“Bem, nesse caso, todos concordam que, após dado o alarme, só havia se

passado um minuto no máximo antes que a casa toda – não apenas Mr. Cecil Barker, embora ele afirme ter sido o primeiro, mas Ames e todos os demais – acesse ao local. Querem que eu acredite que nesse lapso de tempo o culpado conseguiu deixar pegadas no canto, abrir a janela, marcar o peitoril com sangue, tirar a aliança do morto e todo o resto? É impossível!”

“Fez uma exposição muito clara”, disse Holmes. “Inclino-me a concordar com o senhor.”

“Bem, nesse caso somos levados de volta à teoria de que o crime foi cometido por alguém de fora. Ainda nos confrontamos com algumas grandes dificuldades; de todo modo, deixaram de ser impossibilidades. O homem entrou na casa entre as quatro e meia e as seis horas; isto é, entre o anoitecer e o momento em que a ponte foi içada. Tinha havido algumas visitas, e a porta estava aberta; não havia, portanto, nada para impedi-lo. Ele podia ser um ladrão comum, ou alguém pessoalmente ressentido contra Mr. Douglas. Como este havia passado a maior parte de sua vida na América, e essa espingarda parece ser uma arma americana, o ressentimento pessoal parece a hipótese mais provável. Ele se introduziu nesta sala porque foi a primeira com que deparou, e se escondeu atrás da cortina. Ali ficou até depois das onze horas da noite. Nesse momento Mr. Douglas entrou no cômodo. Foi uma entrevista curta, se é que houve alguma; pois Mrs. Douglas declara que o marido a deixara havia poucos minutos quando ela ouviu o tiro.”

“A vela mostra isso”, disse Holmes.

“Exatamente. A vela, que era nova, não chegou a queimar nem dois centímetros. Provavelmente ele a pousou na mesa antes de ser atacado; de outro modo, é claro, ela teria caído quando ele caiu. Isso mostra que ele não foi atacado assim que entrou na sala. Quando Mr. Barker chegou, a lâmpada estava acesa e a vela, apagada.”

“Tudo isso está bastante claro.”

“Bem, sendo assim podemos reconstituir as coisas nesta direção. Mr. Douglas entra na sala. Pousa a vela. Um homem surge de trás da cortina. Está armado com uma espingarda. Pede a aliança – Deus sabe para quê, mas é o que deve ter acontecido. Mr. Douglas a entrega. Depois, ou a sangue-frio ou no curso de uma luta – Douglas pode ter agarrado o martelo que foi encontrado sobre o tapete –, o homem atira em Douglas dessa maneira horrível. Deixou cair sua arma e também, ao que parece, esse insólito cartão – V.V. 341, seja lá o que isso signifique – e escapuliu pela janela, atravessando o fosso no momento exato em que Cecil Barker descobria o crime. O que me

diz, Mr. Holmes?”

“Muito interessante, mas um bocadinho inconvincente.”

“Homem, seria um completo disparate, se qualquer outra hipótese não fosse ainda pior!” exclamou MacDonald. “Alguém matou Mr. Douglas, e, quem quer que tenha sido, eu poderia lhe provar por A mais B que deveria tê-lo feito de alguma outra maneira. Que pretendia ele ao permitir que sua retirada fosse passível de ser interceptada dessa maneira? Que pretendia ao usar uma espingarda, quando só o silêncio lhe teria permitido escapar? Vamos, Mr. Holmes, cabe ao senhor nos dar uma pista, já que diz que a teoria de Mr. White Mason é inconvincente.”

Holmes estivera sentado durante essa longa discussão, observando-a atentamente, sem perder uma palavra, os olhos penetrantes movendo-se para a direita e para a esquerda, a testa vincada revelando profunda reflexão.

“Gostaria de apurar mais alguns fatos antes de chegar a formular uma teoria, Mr. Mac”, disse ele, ajoelhando-se junto ao corpo. “Meu Deus! Estes ferimentos são de estarrecer. Podemos fazer o mordomo entrar por um momento?... É verdade, Ames, que viu muitas vezes esta marca deveras incomum – um triângulo dentro de um círculo marcados com ferro em brasa – no antebraço de Mr. Douglas?”

“Muitas vezes, senhor.”

“Nunca ouviu nenhuma suposição sobre seu significado?”

“Não, senhor.”

“Isso deve ter causado imensa dor ao ser infligido. É sem dúvida uma queimadura. Ora, eu observo, Ames, que há um pedacinho de emplastro no queixo de Mr. Douglas. Notou isso quando ele ainda estava vivo?”

“Sim, senhor. Cortou-se ao fazer a barba ontem de manhã.”

“Ele já havia se cortado antes ao se barbear?”

“Isso não acontecia há muito tempo, senhor.”

“Sugestivo!” disse Holmes. “Pode ter sido, é claro, uma mera coincidência, ou pode indicar um certo nervosismo, sinal de que tinha razões para temer algum perigo. Havia notado algo de inusitado na conduta dele ontem, Ames?”



“É verdade, Ames, que viu muitas vezes esta marca deveras incomum – um triângulo dentro de um círculo marcados com ferro em brasa – no antebraço de Mr. Douglas?”

[Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1914]

“Ele me deu a impressão de estar um pouco inquieto e impaciente, senhor.”

“Ah! O ataque pode não ter sido inteiramente inesperado. Parece que estamos fazendo um pequeno progresso, não é? Gostaria de conduzir o senhor mesmo a inquirição, Mr. Mac?”

“Não, Mr. Holmes, ela está em mãos melhores que as minhas.”

“Bem, passemos então a este cartão – V.V. 341. É cartolina ordinária. Há alguma deste tipo na casa?”

“Creio que não.”

Holmes foi até a escrivaninha e pingou um pouquinho da tinta de cada tinteiro no mata-borrão. “Não foi escrito nesta sala”, disse; “a tinta deste é preta e a do outro, arroxeadada. Foi escrito com uma pena grossa, e estas são finas. Não, eu diria que isto foi feito em outro lugar. Esta inscrição lhe diz alguma coisa, Ames?”

“Não, senhor, nada.”

“Qual é sua opinião, Mr. Mac?”

“Isso me faz pensar em algum tipo de sociedade secreta; da mesma maneira que a insígnia no antebraço.”

“É o que penso também”, disse White Mason.

“Bem, podemos adotá-la como hipótese de trabalho e depois ver até que ponto nossas dificuldades desaparecem. Um agente de uma sociedade desse tipo consegue penetrar na casa, espera por Mr. Douglas, quase lhe arranca a cabeça com esta arma e foge, atravessando o fosso a vau, após deixar ao lado do cadáver um cartão que, quando mencionado nos jornais, comunicará a outros membros da sociedade que a vingança foi feita. Isto tudo faz sentido. Mas por que logo esta, entre todas as armas?”

“Exatamente.”

“E por que o anel desapareceu?”

“Isso mesmo.”

“E por que ninguém foi preso? Passa das duas agora. Tenho certeza de que desde o raiar do dia todos os policiais, num perímetro de sessenta quilômetros, estão à procura de um forasteiro molhado, não é?”

“Perfeitamente, Mr. Holmes.”

“Bem, a menos que ele tivesse um abrigo perto daqui ou uma muda de roupa preparada, dificilmente o deixariam escapar. E no entanto deixaram-no escapar até agora!” Holmes fora até a janela e examinava com sua lente a marca de sangue no peitoril. “É sem sombra de dúvida uma pegada. É notavelmente larga; um pé chato, diríamos. Curioso, porque na medida em que podemos discernir alguma pegada nesse canto enlameado, diríamos que era uma sola mais bem-conformada. Mas a verdade é que são muito indistintas. O que é isso debaixo dessa mesinha?”



“Holmes fora até a janela e examinava com sua lente a marca de sangue no peitoril.”
[Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1914]

“Os halteres de Mr. Douglas”, disse Ames.

“Halteres... aqui só há um. Onde está o outro?”

“Não sei, Mr. Holmes. Talvez só houvesse um. Não reparo neles há meses.”

“Um haltere...”, disse Holmes, muito sério, mas seus comentários foram interrompidos por uma brusca batida na porta.

Um homem alto, queimado de sol, de rosto escanhado e ar inteligente olhou para nós. Não tive dificuldade em adivinhar que era Cecil Barker, de quem ouvira falar. Seus olhos dominadores passaram rapidamente de rosto em rosto, com uma expressão inquisitiva.

“Lamento interromper a conferência dos senhores”, disse, “mas creio que deveriam ser informados das últimas notícias.”

“Uma detenção?”

“Não tivemos tanta sorte. Mas encontraram a bicicleta dele. O sujeito

deixou a bicicleta para trás. Venham dar uma olhada. Está a cerca de noventa metros da porta principal.”

Encontramos três ou quatro cavaleiros e desocupados no caminho, inspecionando uma bicicleta que fora tirada da moita de sempre-vivas em que havia sido escondida. Era uma Rudge-Whitworth muito usada, salpicada de lama como se tivesse feito uma viagem considerável. Havia um alforje com uma chave inglesa e uma lata de óleo, mas nenhuma pista do proprietário.

“Seria uma grande ajuda para a polícia”, disse o inspetor, “se estas coisas fossem numeradas e registradas. Mas devemos ser gratos pelo que temos. Se não conseguirmos descobrir para onde ele foi, é provável ao menos que descubramos de onde veio. Mas por que cargas-d’água teria esse sujeito deixado a bicicleta para trás? E como se safou sem ela? Parece que não temos um lampejo neste caso, Mr. Holmes.”

“Não mesmo?” respondeu meu amigo, pensativo. “Tenho minhas dúvidas!”

V. OS PERSONAGENS DO DRAMA

“VIU TUDO QUE queria no gabinete?” indagou White Mason quando entramos de volta na casa.

“Por enquanto”, respondeu o inspetor, e Holmes assentiu com a cabeça.

“Nesse caso talvez queiram ouvir os depoimentos dos empregados da casa. Poderíamos usar a sala de jantar, Ames. Por favor, venha você primeiro e conte-nos o que sabe.”

O relato do mordomo foi simples e claro, e ele deu uma convincente impressão de sinceridade. Fora contratado cinco anos antes, assim que Douglas chegara a Birlstone. Pelo que sabia, Mr. Douglas era um cavalheiro abastado que fizera fortuna na América. Fora um patrão bom e atencioso – talvez não exatamente como os que costumava ter; mas não se pode ter tudo. Nunca vira nenhum sinal de apreensão em Mr. Douglas – ao contrário, ele era o homem mais destemido que conhecera. Mandava que a ponte levadiça fosse erguida toda noite porque esse era o antigo costume da casa, e gostava de conservar os antigos usos.

Mr. Douglas raramente ia a Londres ou deixava a aldeia; na véspera do crime, porém, estivera fazendo compras em Tunbridge Wells. Ele, Ames, observara alguma inquietação e alvoroço no patrão aquele dia, pois se mostrara impaciente e irritável, o que não lhe era habitual. Ele mesmo ainda não se deitara aquela noite; estava na copa, nos fundos da casa, guardando a prataria, quando ouviu a campainha tocar violentamente. Não ouviu nenhum tiro; mas isso teria sido praticamente impossível, pois a copa e as cozinhas ficam bem nos fundos da casa e várias portas fechadas e um longo corredor as separam do gabinete. A governanta saíra de seu quarto, atraída pelo violento toque da campainha. Haviam ido juntos para a frente da casa.

Ao chegar ao pé da escada, tinham visto Mrs. Douglas descendo-a. Não, ela não corria; não lhe pareceu que estivesse particularmente agitada. Ela acabava de descer a escada quando Mr. Barker saiu correndo do gabinete. Ele a deteve e lhe suplicou que voltasse.

“Pelo amor de Deus, volte para o seu quarto!” gritou. “O pobre Jack está morto! Você não pode fazer nada. Pelo amor de Deus, volte!”

Depois de alguma discussão ao pé da escada, Mrs. Douglas voltara. Ela não gritou. Nem mesmo levantou a voz. Mrs. Allen, a governanta, a levava para cima e ficara com ela no quarto. Ames e Mr. Barker haviam voltado então para o gabinete, onde tinham encontrado tudo exatamente como a polícia vira. A vela não estava acesa, nesse momento, mas a lâmpada ardia. Eles haviam olhado pela janela; mas a noite estava muito escura e não tinham podido ver ou ouvir nada. Depois precipitaram-se para o saguão, onde Ames girara o sarilho que baixava a ponte levadiça. Mr. Barker saíra correndo para chamar a polícia.

Este foi, em essência, o depoimento do mordomo.

O relato de Mrs. Allen, a governanta, até onde chegou, foi uma corroboração do depoimento do colega. O quarto dela era bem mais próximo da frente da casa que a copa em que Ames estivera trabalhando. Ela se preparava para se deitar quando o toque da campainha lhe atraíra a atenção. Não escutava muito bem. Talvez por isso não tivesse ouvido o tiro, mas de todo modo o gabinete ficava muito distante. Lembrava-se de ter percebido um som que imaginara ser o de uma porta batendo. Isso fora bem mais cedo – pelo menos meia hora antes que a campainha ressoasse. Quando Mr. Ames correu para a frente da casa, ela fora junto com ele. Vira Mr. Barker sair do gabinete muito pálido e nervoso. Este interceptou Mrs. Douglas, que descia a escada. Rogou-lhe que voltasse, e ela lhe respondeu, mas ele não pudera ouvir o que ela dissera.

“Leve-a para cima! Fique com ela”, dissera ele a Mrs. Allen.

Ela então levava a patroa para o quarto e tentara acalmá-la. Mrs. Douglas estava muito nervosa, toda trêmula, mas não fez nenhuma outra tentativa de voltar ao térreo. Ficou sentada junto da lareira do quarto, de penhoar, a cabeça enfiada nas mãos. Mrs. Allen passara a maior parte da noite com ela. Quanto aos outros criados, estavam todos na cama e só ouviram o alarme pouco antes da chegada da polícia. Dormiam na parte mais recuada da casa e nenhum som teria chegado até eles.

Mais minuciosamente interrogada, a governanta nada acrescentara além de lamentações e expressões de assombro.

Cecil Barker foi o próximo a depor. Quanto às ocorrências da noite anterior, tinha muito pouco a acrescentar ao que já contara à polícia. Pessoalmente, estava convencido de que o assassino fugira pela janela. Na sua opinião, a mancha de sangue era conclusiva a esse respeito. Ademais, a ponte estava erguida, não havia outra maneira de escapar. Não podia explicar

o que fora feito do assassino, nem por que ele deixara a bicicleta, se é que ela de fato lhe pertencia. Não era possível que tivesse se afogado no fosso, que em nenhum ponto tinha mais de noventa centímetros de profundidade.

Em sua mente, tinha uma teoria muito precisa sobre o assassinato. Douglas era um homem reticente, e havia alguns capítulos em sua vida sobre os quais nunca falava. Havia emigrado muito jovem da Irlanda para os Estados Unidos. Prosperara muito, e Barker conhecera-o na Califórnia, onde haviam se tornado sócios numa bem-sucedida concessão de mina num lugar chamado Benito Canon. Havia se saído muito bem, mas de repente Douglas vendera sua parte e partira para a Inglaterra. Era viúvo na época. Mais tarde Barker também liquidara o negócio e viera morar em Londres. Assim haviam renovado a velha amizade.

Douglas dera-lhe a impressão de que algum perigo o rondava, e ele sempre vira a súbita partida do amigo da Califórnia e o fato de ter alugado uma casa num lugar tão retirado da Inglaterra como associados a esse perigo. Imaginava que alguma sociedade secreta, alguma organização implacável, estava no rastro de Douglas e não descansaria até matá-lo. Essa suposição fora-lhe sugerida por alguns comentários do amigo, embora ele nunca lhe tivesse dito que sociedade era essa, nem de que modo caíra no seu desagrado. Podia apenas supor que a inscrição no cartão tinha alguma relação com essa sociedade secreta.

“Quanto tempo passou com Douglas na Califórnia?” indagou o inspetor MacDonald.

“Cinco anos ao todo.”

“Disse que ele era solteiro?”

“Viúvo.”

“Chegou a saber de onde vinha a primeira mulher dele?”

“Não. Lembro-me de ouvi-lo dizer que ela era de origem alemã, e vi o retrato dela. Era uma mulher muito bonita. Morreu de febre tifoide um ano antes de nos conhecermos.”

“Não associa o passado dele a nenhum local específico dos Estados Unidos?”

“Ouvi-o falar de Chicago. Conhecia bem essa cidade e trabalhara lá. Ouvi-o falar sobre as regiões do carvão e do ferro. Tinha viajado muito na mocidade.”

“Era um político? Essa sociedade secreta tinha alguma coisa a ver com

política?”

“Não, ele não fazia caso algum da política.”

“Não tem nenhum motivo para pensar que fosse um criminoso?”

“Ao contrário. Nunca conheci homem mais honesto em minha vida.”

“Havia algo de curioso sobre a vida dele na Califórnia?”

“Ele preferia ficar e trabalhar em nossa concessão nas montanhas. Nunca ia a parte alguma onde houvesse outros homens, se pudesse evitar. Essa foi a primeira coisa que me levou a pensar que alguém o perseguia. Depois, quando partiu tão subitamente para a Europa, fiquei certo de que era isso. Creio que recebera algum tipo de aviso. Menos de uma semana depois que partiu, apareceu meia dúzia de homens perguntando por ele.”

“Que tipo de homens?”

“Bem, uma gente mal-encarada. Foram até a concessão, querendo saber do paradeiro de Douglas. Disse-lhes que fora para a Europa e que não sabia onde poderiam encontrá-lo. Não tinham boas intenções – era fácil ver isso.”

“Esses homens eram americanos... californianos?”

“Bom, não sei se eram californianos, mas sem dúvida eram americanos. Mas não trabalhavam em minas. Não sei o que eram, e fiquei muito feliz ao vê-los pelas costas.”

“Isso aconteceu seis anos atrás?”

“Quase sete.”

“Ora, se nessa altura os senhores já tinham passado cinco anos juntos na Califórnia, então a questão dele com esses homens remonta a não menos de onze anos...”

“Isso mesmo.”

“Devia ser uma rixa muito séria para se manter tão intensa por tanto tempo. Uma coisa à-toa não daria origem a isso.”

“Acho que isso projetou uma sombra em toda a vida dele. Nunca lhe saiu da mente por completo.”

“Mas se um homem se visse ameaçado pelo perigo, e soubesse disso, não acha que recorreria à polícia em busca de proteção?”

“Talvez fosse algum perigo contra o qual não podia ser protegido. Há uma coisa de que precisam saber. Ele andava sempre armado. Não tirava o revólver do bolso. Mas, por azar, estava de roupão e o deixara no quarto ontem à noite. Suponho que, quando a ponte era erguida, pensava estar a salvo.”

“Gostaria de ter um pouco mais de clareza quanto a essas datas”, disse MacDonald. “Faz mais de seis anos que Douglas deixou a Califórnia. O senhor o seguiu no ano seguinte, não foi?”

“Isso mesmo.”

“E ele estava com cinco anos de casado. O senhor deve ter voltado mais ou menos na época do casamento.”

“Cerca de um mês antes. Fui o padrinho dele.”

“Conhecia Mrs. Douglas antes do casamento?”

“Não. Eu havia passado dez anos fora da Inglaterra.”

“Mas tem estado muito com ela desde então.”

Barker lançou um olhar severo para o detetive. “Tenho estado muito com *ele* desde então”, respondeu. “Se a tenho visto, é porque não se pode visitar um homem sem conviver com a mulher dele. Se o senhor imagina que há alguma conexão...”

“Não imagino nada, Mr. Barker. Sou obrigado a fazer todas as perguntas que possam ter relação com o caso. Mas não quis ofendê-lo.”

“Algumas perguntas são ofensivas”, respondeu Barker, irritado.

“Só queremos os fatos. É do seu interesse e do interesse de todos que eles sejam elucidados. Mr. Douglas aprovava inteiramente sua amizade com a mulher dele?”

Barker ficou pálido e suas mãos grandes e fortes se agarraram convulsivamente. “O senhor não tem o direito de fazer perguntas como essas!” exclamou. “O que tem isso a ver com o assunto que está investigando?”

“Sou obrigado a repetir a pergunta.”

“Bem, recuso-me a responder.”

“Pode recusar-se a responder, mas deve estar ciente de que sua recusa é em si mesma uma resposta, pois não se recusaria se não tivesse alguma coisa a esconder.”

Barker ficou parado por um momento, o rosto rigidamente fechado, as sobrancelhas fortes e pretas abaixadas em intensa reflexão. Depois levantou os olhos com um sorriso. “Bem, suponho que os cavalheiros estão apenas cumprindo o seu dever, afinal de contas, e não tenho o direito de me interpor no seu caminho. Peço-lhes apenas que não importunem Mrs. Douglas com esse assunto, pois ela já tem inquietações suficientes por ora. Posso lhes dizer que o pobre Douglas só tinha um defeito no mundo, e esse era o de ser

ciumento. Ele gostava de mim – nenhum homem poderia gostar mais de um amigo. E era devotado à mulher. Gostava que eu viesse aqui, e estava sempre me convidando. No entanto, se a mulher e eu conversássemos ou se parecesse haver alguma afinidade entre nós, uma espécie de onda de ciúme o invadia, e num instante ele perdia a cabeça e dizia as coisas mais absurdas. Mais de uma vez jurei nunca mais voltar por essa razão, mas depois ele escrevia cartas tão penitentes, tão suplicantes, que eu simplesmente tinha de ceder. Mas posso lhes afirmar, cavalheiros, como se fosse a minha última palavra, que jamais um homem teve mulher mais amorosa e fiel – e posso dizer também que nenhum amigo poderia ser mais leal que eu!”

Embora isso tenha sido dito com fervor e sentimento, o inspetor MacDonald não desistiu.

“Está ciente”, disse, “de que a aliança foi retirada do dedo do cadáver?”

“É o que parece”, disse Barker.

“O que quer dizer com ‘parece’? Afinal, sabe tratar-se de um fato.”

O homem pareceu confuso e indeciso. “Quando eu disse ‘parece’, quis dizer que era concebível que ele mesmo tivesse tirado a aliança.”

“O mero fato de a aliança não estar lá, quem quer que a tenha removido, sugeriria, ao tirocínio de qualquer pessoa, uma conexão entre o casamento e a tragédia, não é?”

Barker sacudiu os largos ombros. “Não tenho a pretensão de saber o que isso significa”, respondeu. “Mas se quer insinuar que tal fato possa se refletir de alguma maneira sobre a honra dessa senhora...” – seus olhos chamejaram por um instante, e depois, com evidente esforço, ele conseguiu controlar suas emoções – “bem, o senhor está na pista errada, só isso.”

“Creio que por ora não tenho mais nada a lhe perguntar”, disse MacDonald friamente.

“Há um pequeno detalhe”, observou Sherlock Holmes. “Quando o senhor entrou na sala havia apenas uma vela acesa sobre a mesa, certo?”

“Sim, isso mesmo.”

“Foi essa luz que lhe permitiu ver que um terrível incidente ocorrera?”

“Exatamente.”

“Tocou a campainha pedindo ajuda de imediato?”

“Sim.”

“E ela chegou prontamente?”

“Demorou cerca de um minuto.”

“No entanto, quando eles chegaram, encontraram a vela apagada e a lâmpada acesa. Isso parece de fato extraordinário.”

Mais uma vez Barker mostrou alguns sinais de indecisão. “Não vejo o que há de extraordinário nisso, Mr. Holmes”, respondeu ele após uma pausa. “A vela produzia uma luz muito ruim. Meu primeiro pensamento foi conseguir uma melhor. Como a lâmpada estava sobre a mesa, eu a acendi.”

“E apagou a vela?”

“Exatamente.”

Holmes não fez mais nenhuma pergunta, e Barker, após nos percorrer com um olhar deliberado, que encerrava, ao que me pareceu, uma dose de desafio, virou-se e saiu da sala.

O inspetor MacDonald enviara um bilhete a Mrs. Douglas comunicando-lhe que iria vê-la em seu quarto, mas ela respondera que viria ao nosso encontro na sala de jantar. Nesse momento, entrou uma mulher alta e bonita de trinta anos, reservada e com notável grau de autoconfiança, muito diferente da figura trágica e perturbada que eu imaginara. É verdade que tinha o rosto pálido e abatido, como quem sofrera um grande choque, mas tinha maneiras serenas, e a mão finamente esculpida que pousou sobre a beirada da mesa estava tão firme quanto a minha. Seus olhos tristes e atraentes fitavam-nos alternadamente com uma expressão inquisitiva. Esse olhar indagador transformou-se de súbito numa fala:

“Já descobriram mais alguma coisa?”

Foi imaginação minha, ou havia um quê mais de medo que de esperança na pergunta?

“Tomamos todas as medidas possíveis, Mrs. Douglas”, disse o inspetor. “Pode ter certeza de que nada será negligenciado.”

“Não poupem gastos”, disse ela num tom surdo, inexpressivo. “É meu desejo que todos os esforços possíveis sejam empenhados.”

“Talvez possa nos dizer algo que lance um pouco de luz sobre o caso.”

“Receio que não; mas tudo que sei está a serviço dos senhores.”

“Soubemos por Mr. Cecil Barker que a senhora não viu realmente... que não chegou a entrar na sala em que a tragédia ocorreu, não é?”

“Não. Ele me fez subir de novo a escada. Implorou que eu voltasse ao meu quarto.”

“Compreende-se. A senhora tinha ouvido o tiro, e descera no mesmo instante.”

“Vesti meu penhoar e em seguida desci.”

“Quanto tempo depois de ouvir o tiro a senhora foi detida na escada por Mr. Barker?”

“Provavelmente uns dois minutos. É tão difícil avaliar o tempo numa hora dessas. Ele implorou que eu não fosse adiante. Assegurou-me que eu não poderia fazer nada. Depois Mrs. Allen, a governanta, levou-me de novo para cima. Foi tudo como um pesadelo.”

“Pode nos dar alguma ideia de quanto tempo seu marido passou no rés do chão antes de ouvir o tiro?”



“Já descobriram mais alguma coisa?” indagou ela.” [Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1914]

“Não, não sei dizer. Ele saiu de seu toucador e não vi quando desceu. Ele percorria a casa inteira todas as noites, pois tinha muito medo de incêndio. É a única coisa que sei que o afligia.”

“É exatamente a esse ponto que eu queria chegar, Mrs. Douglas. Conheceu seu marido apenas na Inglaterra, não foi?”

“Sim. Estávamos casados havia cinco anos.”

“Ouviu-o falar sobre alguma coisa que aconteceu nos Estados Unidos que pudesse representar algum perigo para ele?”

Mrs. Douglas pensou seriamente antes de responder. “Sim”, terminou por dizer, “sempre senti que havia um perigo pairando sobre ele. Recusava-se a

discutir o assunto comigo. Não era por falta de confiança em mim – havia total amor e confiança entre nós –, era em razão de seu desejo de me manter a salvo de qualquer susto. Pensava que eu ficaria ruminando isso se soubesse, então calava.”

“Como soube, então?”

O semblante de Mrs. Douglas iluminou-se com um sorriso fugaz. “Pode um marido guardar um segredo a vida inteira, sem que a mulher que o ama tenha qualquer suspeita sobre ele? Eu sabia por sua recusa em falar sobre alguns episódios de sua vida na América. Sabia por certas precauções que tomava. Sabia por certas palavras que deixava escapar. Sabia pela maneira como olhava para desconhecidos que surgiam de maneira inesperada. Eu tinha absoluta certeza de que meu marido tinha inimigos poderosos, de que acreditava estar sendo perseguido e se mantinha sempre em guarda contra eles. Minha certeza era tamanha e durou tantos anos que eu ficava aterrorizada quando porventura ele chegava em casa mais tarde que o combinado.”

“Posso lhe perguntar”, disse Holmes, “quais foram as palavras que lhe chamaram a atenção?”

“O Vale do Medo”, respondeu a dama. “Essa era uma expressão que ele usava quando eu o interrogava. ‘Estive no Vale do Medo. Ainda não saí dele.’ – ‘E nunca sairemos do Vale do Medo?’ perguntei quando o vi mais sério que de costume. ‘Por vezes penso que nunca conseguiremos’, ele respondeu.”

“Mas não lhe perguntou o que queria dizer com Vale do Medo?”

“Perguntei, mas ele assumiu uma expressão muito grave e sacudiu a cabeça. ‘Já é mau o bastante que um de nós esteja à sombra dele’, disse. ‘Queira Deus ela nunca caia sobre você!’ Foi algum vale real em que ele viveu, e em que algo de terrível lhe aconteceu, estou certa disto; mas não posso lhes dizer mais nada.”

“E ele nunca mencionou algum nome?”

“Sim, certa vez, quando sofreu um acidente durante uma caçada, três anos atrás, uma febre o deixou delirante. Lembro-me então de um nome que lhe vinha aos lábios a todo momento. Pronunciava-o com raiva e uma espécie de horror. O nome era McGinty – mestre McGinty. Perguntei-lhe, quando se recuperou, quem era esse homem, e de quem era mestre. ‘Meu nunca, graças a Deus!’ ele respondeu com uma risada, e foi só o que consegui lhe arrancar.

Mas há uma ligação entre o mestre McGinty e o Vale do Medo.”

“Há mais um ponto”, disse o inspetor MacDonald. “A senhora conheceu Mr. Douglas numa pensão em Londres e ficou noiva ali, não foi? Houve algum romance, alguma coisa secreta ou misteriosa envolvendo o casamento?”

“Houve romance. Sempre há romance. Não houve nada de secreto ou misterioso.”

“Ele não tinha nenhum rival?”

“Não, eu era inteiramente livre.”

“Ouvii falar, sem dúvida, que a aliança dele foi retirada. Isso lhe sugere alguma coisa? Suponhamos que algum velho inimigo seu o encontrou e cometeu esse crime, que razão poderia ter para levar essa aliança?”

Por um instante, eu poderia ter jurado que a levíssima sombra de um sorriso roçou os lábios da mulher.

“Realmente não sei”, respondeu ela. “É sem dúvida uma coisa extraordinária.”

“Bem, não vamos detê-la por mais tempo, e lamento tê-la incomodado num momento como este”, disse o inspetor. “Haverá outros pontos a esclarecer, sem dúvida; mas poderemos lhe falar sobre eles à medida que surjam.”

Ela se levantou e novamente me dei conta daquele olhar rápido e inquisitivo com que nos examinara havia pouco. “Que impressão lhes causou meu depoimento?” era a pergunta que parecia estar fazendo. Depois, com um cumprimento de cabeça, saiu da sala.

“É uma mulher bonita – uma mulher muito bonita”, disse MacDonald, pensativo, depois que a porta se fechou atrás dela. “Esse Barker sem dúvida tem vindo muito aqui. É um homem capaz de atrair uma mulher. Ele admite que o falecido era ciumento, e talvez este soubesse melhor que ninguém que motivos tinha para sentir ciúmes. Além disso, há aquela aliança. Não podemos esquecer isso. O homem que arranca uma aliança do dedo de um morto... Que diria disso, Mr. Holmes?”

Meu amigo se sentara com a cabeça apoiada nas mãos, mergulhado na mais profunda reflexão. Nesse momento, levantou-se e tocou a campainha. “Ames”, disse, quando o mordomo entrou, “onde está Mr. Cecil Barker agora?”

“Vou ver, senhor.”

Voltou um momento depois para dizer que Barker estava no jardim.

“É capaz de lembrar, Ames, o que Mr. Barker tinha nos pés ontem à noite quando o encontrou no gabinete?”

“Sim, Mr. Holmes. Ele calçava um par de chinelos. Eu lhe trouxe as botinas quando saiu para ir à polícia.”

“Onde estão os chinelos agora?”

“Ainda estão sob a cadeira, no saguão.”

“Muito bem, Ames. É importante para nós, é claro, saber quais pegadas podem ser de Mr. Barker e quais foram deixadas por pessoas de fora.”

“Sim, senhor. Posso dizer que notei que os chinelos estavam manchados de sangue. Na verdade, os meus também.”

“É muito natural, dadas as condições da sala. Muito bem, Ames. Tocaremos se quisermos lhe falar.”

Poucos minutos depois passamos ao gabinete. Holmes trouxera consigo os chinelos que estavam no saguão. Como Ames observara, ambas as solas estavam escuras de sangue.

“Estranho!” murmurou Holmes, examinando-os minuciosamente à luz da janela. “Realmente muito estranho!”

Abaixando-se com uma de suas arremetidas felinas, colocou um pé do chinelo sobre a marca de sangue no peitoril. A correspondência era exata. Ele sorriu em silêncio para os colegas.

O inspetor ficou transfigurado de excitação, seu sotaque nativo enrolando-lhe a língua mais do que nunca.

“Homem”, exclamou, “já não resta mais nenhuma dúvida! Barker simplesmente marcou a janela ele mesmo! Isso é muito mais largo que qualquer marca de botina. Lembro que o senhor disse que era um pé chato, e cá está a explicação. Mas qual é a jogada, Mr. Holmes – qual é a jogada?”

“Ah! Qual é a jogada?” repetiu meu amigo, pensativo.

White Mason soltou uma risadinha e esfregou as mãos com satisfação profissional. “Eu disse que era um nó!” exclamou. “Um nó cego!”

VI. UMA LUZ DESPONTA

COMO OS TRÊS DETETIVES tinham muitas questões de detalhe a investigar, voltei sozinho para nossos modestos aposentos na hospedaria da aldeia. Antes, porém, dei um giro pelo curioso e antiquado jardim que flanqueava o solar. Renques de teixos muito antigos podados em estranhos formatos o circundavam. Dentro havia uma bela extensão de gramado com um velho relógio de sol no meio, o conjunto produzindo um efeito tão apaziguador e repousante que fez bem aos meus nervos um tanto irritados. Naquela atmosfera profundamente sossegada era possível esquecer, ou lembrar apenas como um pesadelo fantástico, aquele gabinete sombrio com o cadáver ensanguentado no chão. Entretanto, quando eu passeava por ali, tentando embeber minha alma do bálsamo suave do lugar, aconteceu um estranho incidente, que me levou de volta à tragédia e deixou-me na mente uma impressão sinistra.

Eu disse que o jardim era ornamentado por um cinturão de teixos. Na ponta mais afastada da casa eles se adensavam numa sebe contínua. Do outro lado dessa sebe, escondido dos olhos de qualquer pessoa que viesse da casa, havia um banco de pedra. Quando me aproximei do lugar, percebi vozes, um comentário no tom grave de um homem, respondido pelo murmúrio de um riso feminino.

Um instante depois eu dera a volta pela extremidade da sebe e meus olhos depararam com Mrs. Douglas e o tal Barker, antes que eles se dessem conta da minha presença. A aparência dela me chocou. Na sala de jantar mostrara-se recatada e discreta. Agora, toda afetação de pesar desaparecera. Os olhos brilhavam de alegria de viver, e o rosto ainda fremia diante da graça que vira em alguma observação do companheiro. Ele se sentava inclinado para a frente, as mãos fechadas e os antebraços apoiados nos joelhos, um sorriso cúmplice estampado no rosto confiante, bem-desenhado. Assim que minha figura ficou visível – mas com um átimo de atraso –, os dois reassumiram suas máscaras solenes. Depois de trocarem uma ou duas palavras apressadas, Barker se levantou e veio na minha direção.

“Desculpe-me, senhor”, disse, “mas estou me dirigindo ao dr. Watson?”

Inclinei a cabeça com uma frieza que mostrava muito claramente, creio, a impressão que aquilo produzira em mim.

“Pareceu-nos provável que fosse o senhor, já que seu amigo Mr. Sherlock Holmes é tão conhecido. Incomoda-se de ir até ali e falar com Mrs. Douglas por um momento?”

Segui-o com a fisionomia fechada. Via com grande nitidez, em minha mente, aquela figura dilacerada no assoalho. Ali estavam, poucas horas depois da tragédia, a esposa e o maior amigo daquele homem rindo juntos atrás de um arbusto no jardim que lhe pertencera. Cumprimentei a dama com reserva. Compadecera-me de sua dor na sala de jantar. Agora respondi a seu olhar cativante com indiferença.

“Temo que me julgue insensível”, disse ela.

Dei de ombros. “Isso não compete a mim”, respondi.

“Talvez algum dia o senhor me faça justiça. Se ao menos compreendesse...”

“Não há nenhuma necessidade de que o dr. Watson compreenda”, atalhou Barker rapidamente. “Como ele mesmo disse, isso não é da conta dele.”

“Isso mesmo”, disse eu, “portanto peço-lhe licença para retomar o meu passeio.”

“Um momento, dr. Watson”, exclamou a mulher num tom súplice. “Há uma questão a que o senhor pode responder com mais autoridade que qualquer outra pessoa no mundo, e isso pode fazer uma grande diferença para mim. Conhece Mr. Holmes e as relações dele com a polícia melhor que ninguém. Supondo que um assunto fosse levado confidencialmente ao conhecimento dele, seria imprescindível que ele o transmitisse aos detetives?”

“Sim, é isso”, disse Barker, ansioso. “Ele trabalha por conta própria ou está inteiramente associado a eles?”

“Não me sinto em absoluto no direito de discutir semelhante questão.”

“Eu peço... eu imploro que o faça, dr. Watson! Asseguro-lhe que estará nos ajudando... ajudando-me enormemente se nos orientar nesse ponto.”

Havia tal tom de sinceridade na voz da mulher que por um instante esqueci tudo sobre sua volubilidade e quis apenas fazer-lhe a vontade.

“Mr. Holmes é um investigador independente”, respondi. “É seu próprio patrão e faria o que seu próprio julgamento determinasse. Ao mesmo tempo, ele se sentiria naturalmente no dever de ser leal aos policiais que trabalham

no mesmo caso, e não lhes esconderia nada que pudesse ajudá-los a levar um criminoso ao tribunal. Não posso dizer nada além disto, e sugiro que procurem o próprio Mr. Holmes caso queiram outras informações.”

Com estas palavras, levantei o chapéu e retomei meu caminho, deixando-os ainda sentados sob a proteção da sebe. Quando cheguei à extremidade, olhei para trás e vi que continuavam muito entretidos em sua conversa, e, como olhavam para mim, ficou claro que o assunto que debatiam era a nossa entrevista.

“Não tenho nenhum interesse nas confidências deles”, disse Holmes quando lhe relatei o ocorrido. Ele passara a tarde toda no solar, conferenciando com seus dois colegas, e retornara por volta das cinco com um apetite voraz para um chá completo que eu mandara preparar. “Nada de confidências, Watson, pois elas são muito embaraçosas em caso de prisão por conspiração e assassinato.”

“Pensa que isso poderá acontecer?”

Ele estava em seu humor mais risonho. “Meu caro Watson, quando eu tiver exterminado aquele quarto ovo estarei pronto a pô-lo a par de toda a situação. Não digo que a compreendemos por completo – longe disso –, mas quando tivermos encontrado aquele haltere desaparecido...”

“O haltere!”

“Por Deus, Watson, será possível que não tenha percebido que o caso todo depende desse haltere desaparecido? Bem, bem, não precisa ficar abatido; pois, cá entre nós, acho que nem o inspetor Mac nem o excelente clínico local compreenderam a esmagadora importância desse incidente. Um haltere só, Watson! Pense num atleta com um haltere só! Imagine o desenvolvimento unilateral, o perigo iminente de um desvio da coluna. Chocante, Watson, chocante!”

Com a boca cheia de torrada e os olhos faiscando de malícia, contemplava meu embaraço intelectual. O mero espetáculo de seu excelente apetite era uma garantia de sucesso, pois eu tinha lembranças muito claras de dias e noites que passara sem sequer pensar em comida, quando sua mente perplexa impacientava-se diante de algum problema, enquanto seus traços magros e ansiosos se adelgaçavam com o ascetismo da completa concentração mental. Por fim ele acendeu o cachimbo e, sentado no canto junto à lareira da velha hospedaria de aldeia, pôs-se a conversar com calma, a esmo, sobre o seu caso, mais parecendo pensar em voz alta que fazer uma

declaração refletida.

“Uma mentira, Watson – uma grande, enorme, flagrante, rematada mentira –, foi o que encontramos de saída! Foi nosso ponto de partida. Toda a história contada por Barker é uma mentira. Mas a história de Barker é corroborada por Mrs. Douglas. Portanto, ela está mentindo também. Os dois estão mentindo, e em conluio. Assim, temos agora um problema claro. Por que estão mentindo e qual é a verdade que tanto se esforçam para esconder? Tentemos ver, Watson, você e eu, se conseguimos transpor essa mentira e reconstruir a verdade.

“Como sei que estão mentindo? Porque é uma história mal-contada que simplesmente não poderia ser verdadeira. Pense! Segundo nos foi dito, o assassino teve menos de um minuto depois de cometer assassinato para tirar o anel, que estava sob um outro anel, do dedo do morto, pôr esse outro anel de volta – algo que certamente nunca faria – e colocar aquele singular cartão ao lado da vítima. Afirmo que isso é obviamente impossível.

“Você poderia argumentar – mas tenho demasiado respeito pelo seu discernimento, Watson, para pensar que o fará – que o anel pode ter sido retirado antes que o homem fosse morto. O fato de que a vela só passara um curto tempo acesa mostra que não houve uma longa conversa. Era Douglas, pelo que ouvimos falar de seu caráter destemido, um homem propenso a entregar sua aliança sem mais delongas? Podemos mesmo supor que a entregaria, fosse como fosse? Não, não, Watson, o assassino ficou sozinho com o morto durante algum tempo com a lâmpada acesa. Não tenho nenhuma dúvida.

“Mas o disparo da espingarda parece ter sido a causa da morte. Portanto a arma deve ter sido disparada algum tempo antes do que estão nos dizendo. Mas não poderia haver engano quanto a uma questão como essa. Estamos em presença, portanto, de uma conspiração deliberada da parte das duas pessoas que ouviram o tiro – esse tal Barker e essa Mrs. Douglas. Quando a isso se acrescenta o fato de que fui capaz de mostrar que a mancha de sangue no peitoral foi posta ali de caso pensado por Barker, para dar uma pista falsa à polícia, você há de admitir que as coisas ficam pretas para o lado dele.

“Agora temos de perguntar a nós mesmos a que horas o assassinato realmente ocorreu. Como até as dez e meia os criados estavam circulando pela casa, com certeza não foi antes dessa hora. Às quinze para as onze todos eles tinham ido para os seus quartos, com exceção de Ames, que se encontrava na copa. Estive fazendo algumas experiências depois que você

nos deixou esta tarde, e verifiquei que nenhum barulho que MacDonald possa fazer no gabinete pode penetrar até a copa quando as portas estão todas fechadas.

“Com relação ao quarto da governanta, a situação é outra. Não fica tão ao fundo do corredor, e dele pude ouvir uma voz, quando emitida num tom muito elevado. O som de uma espingarda é de certo modo abafado quando desferido muito à queima-roupa, como sem dúvida foi neste caso. Não deve ter sido muito alto, mas no silêncio da noite deve ter penetrado facilmente no quarto de Mrs. Allen. Ela é um pouco surda, como nos contou; mesmo assim, mencionou em seu depoimento ter ouvido algo semelhante a uma porta batendo meia hora antes que o alarme soasse. Meia hora antes que o alarme soasse seriam quinze para as onze. Não tenho nenhuma dúvida de que o que ela ouviu foi a detonação da arma, e que esse foi o real instante do assassinato.

“Se é assim, temos agora de determinar o que Barker e Mrs. Douglas, presumindo que não são os verdadeiros assassinos, poderiam ter estado fazendo entre um quarto para as onze, quando o som do tiro os trouxe para o térreo, e um quarto após as onze, quando tocaram a campainha, chamando os criados. Que faziam e por que não deram o alarme de imediato? Esta é a questão com que nos defrontamos, e quando ela tiver sido respondida, teremos por certo meio caminho andado na solução de nosso problema.”

“Pessoalmente, estou convencido”, disse eu, “de que há um entendimento entre essas duas pessoas. Ela deve ser uma criatura desalmada para estar rindo de alguma pilhéria poucas horas depois que o marido foi assassinado.”

“Isso mesmo. Ela não brilhou como esposa nem mesmo ao narrar os acontecimentos. Não sou um admirador ardoroso do sexo feminino, como você bem sabe, Watson, mas minha experiência de vida me ensinou que poucas mulheres com alguma estima pelo marido permitiriam que a palavra de um homem se interpusesse entre elas e o corpo morto desse marido. Se algum dia eu me casar, Watson, gostaria de inspirar em minha esposa algum sentimento que a impedisse de ser levada embora por uma governanta quando meu cadáver estivesse caído a poucos metros dela. A coisa foi mal urdida, pois até os investigadores mais inexperientes por certo se impressionariam com a ausência dos costumeiros gemidos femininos. Se não houvesse mais nada, esse incidente por si só teria sugerido uma conspiração à minha mente.”

“Pensa então, definitivamente, que Barker e Mrs. Douglas são culpados do assassinato?”

“Suas perguntas são pavorosamente diretas, Watson”, disse Holmes, sacudindo o cachimbo para mim. “Elas me ferem como balas. Se você disser que Mrs. Douglas e Barker sabem a verdade sobre o assassinato e estão conspirando para ocultá-la, poderei lhe dar uma resposta taxativa. Tenho certeza de que sim. Mas sua suposição mais radical não está tão clara. Consideremos por um momento as dificuldades que se interpõem.



“Pensa então, definitivamente, que Barker e Mrs. Douglas são culpados do assassinato?”
[Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1914]

“Suponhamos que esse casal esteja unido pelos laços de um amor culpado, e que tenha decidido se livrar do homem que atravessava em seu caminho. É uma suposição ousada, pois indagações discretas feitas a criados e outros não a corroboraram em absoluto. Ao contrário, há muitas evidências de que os Douglas eram bastante afeiçoados um ao outro.”

“Tenho certeza de que isso não pode ser verdade”, contestei, pensando no belo rosto sorridente que vira no jardim.

“Bem, pelo menos davam essa impressão. Suponhamos, contudo, que sejam um casal extraordinariamente astuto, que enganou a todos a esse respeito e conspirou para assassinar o marido. Por acaso, ele é um homem sobre cuja cabeça paira algum perigo...”

“Só sabemos disso pelo que eles dizem.”

Holmes pareceu pensativo. “Entendo, Watson. Você está esboçando uma teoria pela qual tudo que eles disseram desde o início é falso. Segundo sua ideia, nunca houve nenhuma ameaça oculta, ou sociedade secreta, ou Vale do Medo, ou chefe MacSei-lá-quem, ou qualquer outra coisa. Bem, esta é uma vastíssima generalização. Vejamos aonde ela nos leva. Eles inventam essa teoria para explicar o crime. Conferem plausibilidade à ideia deixando aquela bicicleta no parque como prova da existência de um forasteiro. A mancha no peitoril transmite a mesma ideia. O mesmo pode ser dito do cartão sobre o corpo, que pode ter sido preparado na casa. Tudo isso se encaixa na sua hipótese, Watson. Mas agora chegamos aos detalhes desagradáveis, incongruentes, inflexíveis que se recusam a se encaixar em seus lugares. Por que uma espingarda de cano serrado, entre todas as armas possíveis, e ainda por cima americana? Como poderiam eles ter certeza de que o estampido não levaria alguém ao gabinete? Foi por mero acaso que Mrs. Allen não saiu à procura da porta que bateu. Por que seu casal culpado fez tudo isso, Watson?”

“Confesso que não consigo explicá-lo.”

“Ademais, se uma mulher e seu amante conspiram para assassinar um marido, será que iriam anunciar sua culpa retirando-lhe ostensivamente o anel de casamento após matá-lo? Isso lhe parece muito provável, Watson?”

“Não, não parece.”

“E mais uma vez, se a ideia de deixar uma bicicleta escondida tivesse ocorrido a você, será que teria concluído que ela realmente valia a pena, quando o detetive mais obtuso veria nisso uma óbvia pista falsa, já que a bicicleta seria a primeira coisa de que o fugitivo teria precisado para fugir?”

“Não consigo atinar com nenhuma explicação.”

“No entanto, não deveria haver nenhuma combinação de fatos para a qual a perspicácia humana não seja capaz de conceber uma explicação. Como simples exercício mental, sem nenhuma pretensão de exprimir a verdade, permita-me indicar uma linha possível de raciocínio. Trata-se, admito, de mera imaginação; mas quantas vezes a imaginação não é a mãe da verdade?”

“Vamos supor que houvesse um segredo condenável, um segredo realmente vergonhoso na vida desse Douglas. Isso leva a seu assassinato por alguém que é, suponhamos, um vingador, alguém de fora. Esse vingador, por alguma razão que me confesso ainda incapaz de explicar, retirou a aliança do

morto. Podemos admitir que a vendeta remontava ao primeiro casamento do homem e que por isso a aliança foi subtraída.

“Antes que esse vingador fosse embora, Barker e a esposa haviam chegado à sala. O assassino os convenceu de que qualquer tentativa de detê-lo provocaria a divulgação de um escândalo hediondo. Persuadidos, eles preferiram deixá-lo partir. Para esse fim, provavelmente baixaram a ponte, o que pode ser feito de maneira bastante silenciosa, e depois a ergueram de novo. O criminoso fugiu e, por alguma razão, pensou que poderia fazê-lo de maneira mais segura a pé do que de bicicleta. Por isso deixou a máquina onde só seria descoberto quando ele já estivesse bem longe, a salvo. Até agora estamos nos limites da possibilidade, não é?”

“Bem, isso é possível, sem dúvida”, respondi com alguma reserva.

“Temos de lembrar, Watson, que o que ocorreu, seja lá o que for, foi sem dúvida algo muito extraordinário. Bem, agora, para prosseguir com o nosso caso hipotético, os dois – não necessariamente um casal culpado – se dão conta, depois que o assassino partiu, de que se colocaram numa posição em que lhes poderá ser difícil provar não terem eles mesmos perpetrado o ato ou sido coniventes com ele. Trataram então de se safar da enrascada às pressas e de maneira um tanto canhestra. O chinelo manchado de sangue de Barker foi usado para deixar uma pegada no peitoril, de modo a sugerir a maneira como o criminoso fugira. Como nenhum dos dois poderia negar ter ouvido o tiro, deram o alarme exatamente como teriam feito em outras circunstâncias, mas uma boa meia hora após o incidente.”

“E como pretende provar tudo isso?”

“Bem, se houve um forasteiro, ele pode ser encontrado e detido. Essa seria a mais poderosa de todas as provas. Mas se não... bem, os recursos da ciência estão longe de ter sido esgotados. Creio que passar uma noite sozinho naquele gabinete me ajudaria muito.”

“Uma noite sozinho!”

“Pretendo ir para lá daqui a pouco. Combinei tudo com o estimável Ames, que está longe de depositar uma confiança cega em Barker. Vou me sentar naquela sala e ver se a atmosfera me traz inspiração. Tenho fé no *genius loci*.^a Você sorri, amigo Watson. Bem, veremos. A propósito, trouxe aquele seu guarda-chuva grande, não?”

“Cá está ele.”

“Ótimo, vou tomá-lo emprestado, se me permite.”

“É claro – mas que arma vagabunda! Se houver perigo...”

“Nada de sério, meu caro Watson, ou eu por certo pediria sua assistência. Mas vou levar o guarda-chuva. Neste momento estou apenas aguardando a volta de nossos colegas de Tunbridge Wells, onde estão empenhados na tentativa de encontrar um provável dono da bicicleta.”

A noite já caíra quando o inspetor MacDonald e White Mason voltaram de sua expedição, e chegaram exultantes, relatando um grande avanço em nossa investigação.

“Homem, reconheço que tinha as minhas dúvidas de que tivesse existido algum forasteiro”, disse MacDonald, “mas agora isso é passado. A bicicleta foi identificada e temos uma descrição do nosso homem, de modo que fizemos um grande avanço em nossa jornada.”

“Isso me soa como o começo do fim”, disse Holmes. “Dou parabéns aos dois de todo o coração.”

“Bem, parti do fato de que Mr. Douglas parecera perturbado desde o dia anterior, quando estivera em Tunbridge Wells. Fora ali que ele se apercebera de algum perigo. Estava claro, portanto, que se um homem tinha chegado ao solar de bicicleta, era provável que tivesse vindo de Tunbridge Wells. Levamos a bicicleta conosco e a exibimos nos hotéis. Ela foi identificada de imediato pelo gerente do Eagle Commercial como pertencendo a um homem chamado Hargrave, que se hospedara lá dois dias antes. A bicicleta e uma maleta de mão eram seus únicos pertences. Ele se registrara como proveniente de Londres, mas não dera nenhum endereço. A maleta tinha sido fabricada em Londres e os conteúdos eram de fabricação britânica; o próprio homem, contudo, era sem sombra de dúvida americano.”

“Bem, bem”, disse Holmes, radiante, “vocês por certo fizeram um trabalho sério enquanto eu fiquei aqui fabricando teorias com o meu amigo! É uma lição de senso prático, Mr. Mac.”

“Exatamente, Mr. Holmes”, respondeu o inspetor, muito satisfeito.

“Mas tudo isso pode se encaixar nas suas teorias”, observei.

“Talvez. Mas ouçamos o fim da história, Mr. Mac. Não havia nada que permitisse identificar esse homem?”

“Tão pouco que era evidente que ele tomara extremo cuidado para impedi-lo. Não havia nenhum papel ou carta, nenhuma etiqueta nas roupas. Um mapa ciclístico do condado estava sobre a mesa do quarto. Ele deixara o hotel ontem de manhã, após o desjejum, de bicicleta, e não se tivera mais

nenhuma notícia dele até nossas indagações.”

“É isso que me intriga, Mr. Holmes”, disse White Mason. “Se o sujeito não queria despertar suspeitas, seria de imaginar que teria retornado e permanecido no hotel como um turista inofensivo. Agindo como agiu, agora deve saber que será denunciado à polícia pelo gerente do hotel e que seu desaparecimento será associado ao assassinato.”

“É o que imagináramos. Mesmo assim, até agora o comportamento dele se justificou, pois não foi preso. Mas e a descrição dele... que me diz dela?”

MacDonald consultou seu bloco de anotações. “Temos o que eles puderam nos dar. Não parecem ter prestado especial atenção ao homem; mesmo assim, o carregador, o porteiro e a camareira concordam que isto mais ou menos esgota suas características. Era um homem de cerca de um metro e setenta e cinco de altura, por volta dos cinquenta anos, de cabelo ligeiramente grisalho, um bigode grisalho, um nariz curvo e um rosto que todos descreveram como cruel e intimidador.”

“Bem, exceto pela expressão, isso poderia quase ser uma descrição do próprio Douglas”, disse Holmes. “Ele devia ter pouco mais de cinquenta anos, cabelo e bigode grisalho, e mais ou menos essa estatura. Conseguiram mais alguma coisa?”

“Ele vestia uma pesada japona cinza, um sobretudo amarelo curto e uma boina.”

“E quanto à espingarda?”

“Ela tem menos de sessenta centímetros de comprimento. Poderia perfeitamente caber na maleta. E ele pode tê-la carregado debaixo do sobretudo sem dificuldade.”

“E que relação, a seu ver, tem tudo isso com o caso geral?”

“Bem, Mr. Holmes”, respondeu MacDonald, “quando pegarmos o nosso homem – e fique certo de que divulguei a descrição dele por telégrafo minutos após ouvi-la – seremos mais capazes de julgar. Mas, desde já, creio que fizemos um grande avanço. Sabemos que um americano que diz se chamar Hargrave chegou de bicicleta a Tunbridge Wells com uma maleta dois dias atrás. Nesta última estava uma espingarda com os canos serrados; ele veio, portanto, com o propósito deliberado de cometer um crime. Ontem de manhã ele partiu para cá em sua bicicleta, com a arma escondida sob o sobretudo. Ninguém o viu chegar, ao que sabemos; mas não precisou atravessar a aldeia para chegar aos portões do parque, e há muitos ciclistas na

estrada. Presumivelmente, logo tratou de esconder a bicicleta entre os loureiros, onde foi encontrada, e talvez tenha se escondido ele próprio ali, de olho na casa, esperando que Mr. Douglas saísse. A espingarda é uma arma estranha para se usar dentro de uma casa, mas a intenção dele era usá-la fora, onde proporcionaria vantagens óbvias, pois seria impossível errar o alvo com ela e o som de tiros é tão comum numa região inglesa de caça que ninguém prestaria muita atenção nisso.”

“Tudo isso está muito claro”, disse Holmes.

“Bem, Mr. Douglas não apareceu. Que faria ele em seguida? Abandonou a bicicleta e aproximou-se da casa no lusco-fusco. Encontrou a ponte abaixada e ninguém por perto. Arriscou a sorte, pretendendo, sem dúvida, dar alguma desculpa se topasse com alguém. Não encontrou ninguém. Introduziu-se na primeira sala que viu e se escondeu atrás da cortina. Dali pôde ver a ponte ser erguida e percebeu que sua única saída seria através do fosso. Esperou até as onze e quinze, quando Mr. Douglas, em sua costureira ronda noturna, entrou na sala. Atirou nele e fugiu, como planejara. Ciente de que a bicicleta seria descrita pelo pessoal do hotel e seria uma pista contra ele, deixou-a lá e se dirigiu de alguma outra maneira para Londres ou para algum esconderijo seguro que preparara antes. Que tal, Mr. Holmes?”

“Bem, Mr. Mac, não deixa de ser muito bom e muito claro. Esse é seu fim da história. O meu é que o crime foi cometido meia hora antes do que foi informado; que Mrs. Douglas e Barker estão ambos de conluio para esconder alguma coisa; que eles ajudaram o assassino a fugir – ou pelo menos que chegaram à sala antes que ele fugisse –; e que fabricaram evidências dessa fuga pela janela, quando, com toda a probabilidade, eles mesmos o haviam deixado partir baixando a ponte. Esta é minha interpretação da primeira metade.”

Os dois detetives sacudiram a cabeça.

“Bem, Mr. Holmes, se isso for verdade, desvendamos um mistério para cair em outro”, disse o inspetor de Londres.

“E sob alguns aspectos, um ainda mais obscuro”, acrescentou White Mason. “A senhora nunca esteve nos Estados Unidos em toda a sua vida. Que vínculo poderia ter com um assassino americano que a levasse a protegê-lo?”

“Admito de bom grado as dificuldades”, disse Holmes. “Pretendo fazer eu mesmo uma investigação esta noite, e é possível que ela possa dar alguma contribuição para a causa comum.”

“Podemos ajudá-lo, Mr. Holmes?”

“Não, não! A escuridão e o guarda-chuva do dr. Watson bastam – minhas necessidades são simples. E Ames, o leal Ames, sem dúvida será indulgente comigo. Todas as minhas linhas de pensamento me levam invariavelmente a uma questão básica: por que deveria um homem atlético desenvolver sua forma física com um instrumento tão antinatural como um único haltere?”

ERAM ALTAS HORAS da noite quando Holmes voltou de sua excursão solitária. Dormíamos num quarto com duas camas, o melhor que a pequena hospedaria de aldeia pudera nos oferecer. Eu já adormecera quando fui parcialmente despertado por sua entrada.

“Então, Holmes”, murmurei, “descobriu alguma coisa?”

Ele parou a meu lado em silêncio, uma vela na mão. Depois a figura alta e magra inclinou-se sobre mim. “Diga-me, Watson”, cochichou, “você teria medo de dormir no mesmo quarto que um lunático, um homem de miolo mole, um idiota cuja mente tivesse perdido a capacidade de funcionar?”

“De jeito nenhum”, respondi assombrado.

“Ah, que sorte!” exclamou ele, e não pronunciou mais nenhuma palavra aquela noite.

^a O “espírito residente” ou o “espírito do lugar”, em latim no original.

VII. A SOLUÇÃO

NA MANHÃ SEGUINTE, depois do desjejum, encontramos o inspetor MacDonald e White Mason confabulando na saleta do distrito policial local. Sobre a mesa, diante deles, via-se uma pilha de cartas e telegramas, que classificavam e registravam cuidadosamente. Três haviam sido postos de lado.

“Ainda no rastro do ciclista fujão?” indagou Holmes, muito alegre. “Quais são as últimas notícias do facínora?”

MacDonald apontou para sua pilha de correspondência, desolado.

“Neste momento temos informação de que está em Leicester, Nottingham, Southampton, Derby, EastHam, Richmond e catorze outros lugares. Em três deles – EastHam, Leicester e Liverpool – há claras denúncias contra o homem, que chegou de fato a ser preso. O país parece estar cheio de fugitivos de sobretudo amarelo.”

“Valha-me Deus!” exclamou Holmes, solidário. “Agora, Mr. Mac, e o senhor, Mr. White Mason, quero lhes dar um conselho muito importante. Quando entrei neste caso com os senhores, impus como condição, como sem dúvida devem se lembrar, que eu não teria de lhes apresentar teorias semicomprovadas; que guardaria minhas ideias para mim e as desenvolveria, até eu mesmo ficar convencido de sua correção. Por esta razão, não estou lhes dizendo neste momento tudo que tenho em minha mente. Por outro lado, eu disse que jogaria limpo com os senhores, e não me parece correto permitir que gastem suas energias desnecessariamente, por um momento que seja, numa tarefa improdutiva. Por isso estou aqui para aconselhá-los esta manhã, e o conselho que tenho para lhes dar pode ser resumido em três palavras: abandonem o caso.”

MacDonald e White Mason fitaram o célebre colega, estarecidos.

“O senhor o considera insolúvel!” exclamou o inspetor.

“Considero a investigação dos senhores impossível. Não considero impossível chegar à verdade.”

“Mas esse ciclista. Ele não é uma invenção. Temos a descrição dele, a maleta, a bicicleta. O sujeito deve estar em algum lugar. Por que não conseguiríamos agarrá-lo?”

“Sim, sim, sem dúvida ele está em algum lugar, e sem dúvida vamos pegá-lo; mas eu não gostaria de vê-los desperdiçar suas energias em EastHam ou Liverpool. Tenho certeza de que podemos chegar a um resultado por um caminho mais curto.”

“Está escondendo alguma coisa. Não é leal da sua parte, Mr. Holmes.” O inspetor parecia aborrecido.

“Conhecem os meus métodos de trabalho, Mr. Mac, mas só lhes ocultarei alguma coisa pelo menor tempo possível. Desejo apenas comprovar meus detalhes de determinada maneira, o que pode ser feito muito facilmente, e depois despeço-me dos senhores e volto para Londres, deixando todos os meus resultados a seu dispor. Tenho uma dívida grande demais para com os senhores para agir de outro modo, pois, em toda a minha experiência, não consigo me lembrar de nenhum estudo mais singular e interessante.”

“Isto escapa inteiramente à minha compreensão, Mr. Holmes. Estivemos com o senhor ao retornarmos de Tunbridge Wells ontem à noite, e concordou com nossos resultados no essencial. O que aconteceu de lá para cá para mudar completamente sua visão sobre o caso?”

“Bem, já que me pergunta, ontem à noite passei algumas horas no solar, como lhes disse que faria.”

“E aí, o que houve?”

“Ah, por enquanto só posso lhes dar uma resposta bastante genérica. A propósito, estive lendo uma descrição curta, mas clara e interessante, da velha construção, que pode ser adquirida na tabacaria local pela modesta soma de um pêni.”

Nesse momento Holmes tirou do bolso do colete uma pequena brochura, adornada com uma gravura tosca do antigo solar.

“O prazer de uma investigação intensifica-se enormemente, meu caro Mr. Mac, quando estamos em sintonia com a atmosfera histórica de nosso ambiente. Não fique tão impaciente; garanto-lhe que mesmo uma descrição despojada como esta suscita uma espécie de imagem do passado em nossa mente. Permitam-me dar-lhes uma amostra: ‘Erigida no quinto ano do reinado de Jaime I, e erguendo-se no local de uma construção muito mais antiga, o Solar de Birlstone nos oferece um dos mais belos exemplos remanescentes da residência jacobita cercada por fosso...’”

“Está zombando de nós, Mr. Holmes!”

“Ora, Mr. Mac!... é o primeiro sinal de irritabilidade que detecto no

senhor. Bem, não vou ler palavra por palavra, já que isso os incomoda tanto. Mas quando eu lhes disser que há um relato da tomada do lugar por um coronel e membro do Parlamento em 1644, de como ele serviu de esconderijo para Carlos por vários dias durante a Guerra Civil, e finalmente da visita que recebeu de Jorge II, os senhores haverão de admitir que há vários conluios de interesses ligados a essa antiga casa.”

“Não duvido, Mr. Holmes, mas isso não nos diz respeito.”

“Não? Não diz? Largueza de ideias, meu caro Mr. Mac, é um dos requisitos de nossa profissão. A interação das ideias e os usos oblíquos do conhecimento são com frequência de extraordinária valia. Releve estas observações da parte de alguém que, embora um mero *connaisseur* do crime, é muito mais velho e talvez mais experiente que o senhor.”

“Sou o primeiro a admiti-lo”, respondeu o detetive com sinceridade. “O senhor chega aonde quer, eu admito, mas de que maneira confusa e tortuosa!”

“Bem, bem, vou deixar a história de lado e ir direto aos fatos atuais. Fiz uma visita ao solar ontem à noite, como já disse. Não estive nem com Barker nem com Mrs. Douglas. Não vi necessidade de perturbá-los; mas tive o prazer de ouvir que a senhora não estava visivelmente muito contristada e participara de um excelente jantar. Minha visita foi feita em especial ao bom Mr. Ames, com quem troquei algumas amabilidades, que culminaram na permissão que me deu para passar algum tempo sozinho no gabinete sem que mais ninguém soubesse.”

“Quê? Com aquilo?” exclamei.

“Não, não, agora está tudo em ordem. O senhor deu permissão, Mr. Mac, como fui informado. A sala estava em seu estado normal, e passei ali um instrutivo quarto de hora.”

“Fazendo o quê?”

“Bem, para não fazer mistério de coisa tão simples, estive procurando o haltere. Ele sempre parecera muito importante na minha avaliação do caso. Acabei encontrando-o.”

“Onde?”

“Ah, aí chegamos ao limiar do inexplorado. Permitam-me ir um pouco adiante, só um pouquinho adiante, e prometo-lhes que compartilharão de tudo que sei.”

“Bem, somos obrigados a aceitar os seus termos”, disse o inspetor, “mas daí a nos dizer para abandonar o caso... por que cargas-d’água deveríamos

fazê-lo?”

“Pela simples razão, meu caro Mr. Mac, de que não tem a menor ideia do que está investigando.”

“Estamos investigando o assassinato de Mr. John Douglas do Solar Birlstone.”

“Sim, sim, é o que estão fazendo. Mas não se preocupem em descobrir o cavalheiro da bicicleta. Eu lhes asseguro que isso não irá ajudá-los.”

“Então o que sugere que façamos?”

“Eu lhes direi exatamente o que fazer, se estiverem dispostos a me dar ouvidos.”

“Bem, sou obrigado a dizer que sempre descobri que o senhor tinha razão, por trás de todos os seus métodos arrevesados. Farei o que aconselhar.”

“E o senhor, Mr. White Mason?”

O detetive da província lançou um olhar impotente de um para o outro. Holmes e seus métodos eram novos para ele. “Bem, se isso é conveniente para o inspetor, é conveniente para mim”, terminou por assentir.

“Excelente!” exclamou Holmes. “Nesse caso, eu recomendaria aos dois uma agradável e revigorante caminhada pelo campo. Ouvi dizer que da crista de Birlstone se têm vistas magníficas dos bosques. Com certeza pode-se conseguir um almoço em alguma estalagem conveniente, embora minha ignorância da região me impeça de recomendar alguma. Ao cair da tarde, cansados mas felizes...”

“Homem, isso não é brincadeira que se faça!” exclamou MacDonald, levantando-se da cadeira, furioso.

“Está certo, passem o dia como bem entenderem”, disse Holmes, dando-lhe batidinhas afáveis no ombro. “Façam o que quiserem, vão aonde quiserem, mas encontrem-me aqui sem falta antes do anoitecer – sem falta, Mr. Mac.”

“Isto soa mais sensato.”

“Embora meu conselho tenha sido todo excelente, não insisto, contanto que esteja aqui quando precisar do senhor. Mas agora, antes de nos separarmos, quero que escreva um bilhete para Mr. Barker.”

“Sim?”

“Vou ditá-lo, se me permite. Pronto?”

“CARO SENHOR, – Parece-me ser nosso dever drenar o fosso, na esperança

de podermos encontrar alguma...”

“É impossível”, atalhou o inspetor. “Estive indagando.”

“Ora, meu caro senhor, por favor, faça o que estou lhe pedindo.”

“Bem, continue.”

“... na esperança de podermos encontrar alguma coisa que possa ter relação com nossa investigação. Tomei as devidas providências, e os operários começarão a trabalhar amanhã cedo para desviar o regato.”

“Impossível!”

“... desviar o regato; por isso pareceu-me que seria conveniente avisá-lo de antemão.’ Agora assine isso e mande entregar em mãos por volta das quatro horas. Nessa mesma hora deveremos nos encontrar novamente nesta sala. Até então cada um de nós pode fazer o que quiser, pois posso lhes garantir que esta investigação chegou indiscutivelmente a uma pausa.”

A noite caía quando nos reencontramos. Holmes parecia muito sério, eu estava curioso e os detetives mostravam-se críticos e irritados.

“Bem, cavalheiros”, disse meu amigo em tom grave. “Peço-lhes agora para pôr minhas hipóteses à prova comigo, e avaliar por si mesmos se as observações que fiz justificam as conclusões a que cheguei. A tarde está fria, e não sei por quanto tempo nossa expedição poderá se estender; de modo que lhes peço que vistam seus casacos mais quentes. É de capital importância que estejamos a postos antes de escurecer; por isso, com sua permissão, devemos sair agora mesmo.”

Contornamos os limites externos do parque do solar até chegar a um ponto onde havia uma brecha na cerca que o rodeava. Esgueiramo-nos por ela e em seguida, na escuridão que se adensava, seguimos Holmes até alcançarmos um grupo de arbustos situado quase em frente à porta principal e à ponte levadiça. Esta não havia sido erguida. Holmes agachou-se atrás do tapume de loureiros e nós três lhe seguimos o exemplo.

“Bem, o que devemos fazer agora?” perguntou MacDonald de maneira um tanto brusca.

“Salvar nossas almas com nossa paciência, e fazer tão pouco barulho quanto possível”, respondeu Holmes.

“Para que diabos estamos aqui? Penso realmente que o senhor poderia nos tratar com mais franqueza.”

Holmes riu. “Watson insiste que eu sou o dramaturgo da vida real”, respondeu. “Minha veia artística se manifesta, e pede insistentemente uma

performance bem-encenada. Por certo, Mr. Mac, a nossa profissão seria bem monótona e sórdida se vez por outra não preparássemos o palco de modo a glorificar nossos resultados. A acusação direta, a batida brutal no ombro – o que nos proporciona um *dénouement* como esse? Mas a inferência rápida, a armadilha sutil, a previsão inteligente de eventos vindouros, a comprovação triunfante de teorias ousadas – não são estes o prêmio e a justificação da obra de nossas vidas? Neste momento o senhor palpita com o glamour da situação e a antecipação da caçada. Onde estaria essa emoção se eu tivesse sido tão explícito quanto um quadro de horários? Só lhe peço um pouco de paciência, Mr. Mac, e tudo ficará claro para o senhor.”

“Bem, espero que o orgulho, a justificação e tudo o mais venham antes que morramos todos de frio”, disse o detetive de Londres com cômica resignação.

Todos tínhamos boas razões para compartilhar essa aspiração, pois nossa vigília foi longa e dolorosa. Um vapor frio e úmido vindo do fosso nos congelava até os ossos e nos fazia bater os dentes. Havia uma única lâmpada sobre o portão e um imperturbável globo de luz no gabinete fatal. Tudo o mais estava escuro e silencioso.

“Quanto tempo isto vai durar?” perguntou por fim o inspetor. “E o que estamos esperando?”

“Sei tão pouco quanto o senhor o tempo que isto vai durar”, respondeu Holmes com alguma aspereza. “Se os criminosos fizessem sempre seus movimentos em horas certas, como os trens de ferro, seria sem dúvida mais conveniente para nós. Quanto ao que estamos... Bem, é isso que estamos esperando!”

Enquanto ele falava, a luz amarela e brilhante no gabinete foi eclipsada por alguém que ia e vinha diante dela. Os loureiros entre os quais nos escondíamos ficavam bem em frente à janela e a não mais de trinta metros dela. Logo depois ela foi aberta com um rangido das dobradiças e pudemos ver vagamente a silhueta escura da cabeça e dos ombros de um homem fitando a escuridão. Por alguns minutos ele sondou as trevas de uma maneira furtiva, disfarçada, como quem deseja se assegurar de que não está sendo observado. Então debruçou-se, e, em meio ao profundo silêncio, percebemos o marulho suave de água agitada. Ele parecia estar revolvendo o fosso com algo que segurava na mão. Depois, de repente, puxou alguma coisa como um pescador pega um peixe – um objeto grande, redondo, que eclipsou a luz ao ser arrastado através do caixilho aberto da janela.

“Agora!” exclamou Holmes. “Agora!”

Levantamo-nos todos e o seguimos, cambaleando com nossas pernas enrijecidas, enquanto ele atravessava a ponte em disparada e tocava a campainha com força. Ouvimos um som áspero de ferrolhos do outro lado, e um assombrado Ames postou-se na soleira. Holmes empurrou-o para um lado sem dizer palavra e, seguido por todos nós, correu até a sala ocupada pelo homem que estivéramos observando.

A lâmpada a óleo sobre a mesa era responsável pela claridade que víramos de fora. Agora ela estava na mão de Cecil Barker, que a segurava na nossa direção quando entramos. A luz iluminava-lhe o rosto escanhado, forte e resoluto, e seus olhos ameaçadores.

“Que diabos significa tudo isso?” gritou. “Posso saber pelo menos o que estão procurando?”

Holmes correu os olhos rapidamente à sua volta e em seguida precipitou-se sobre uma trouxa encharcada, amarrada com um cordão, que se encontrava embaixo da escrivaninha, onde fora enfiada.

“É isto que estamos procurando, Mr. Barker – esta trouxa, que o senhor tornou mais pesada com um haltere e que acaba de içar do fundo do fosso.”

Barker olhou para Holmes, o assombro estampado no rosto. “Como conseguiu descobrir alguma coisa sobre isso?” indagou.

“Simplesmente porque fui eu que o coloquei ali.”

“O senhor colocou-o ali! O senhor?”

“Talvez eu devesse ter dito ‘recoloquei-o ali’”, disse Holmes. “Deve se lembrar, inspetor MacDonald, que a ausência de um haltere me deixou com a pulga atrás da orelha. Chamei sua atenção para o fato; mas com a pressão dos acontecimentos o senhor mal teve tempo de lhe dar a consideração que lhe teria permitido extrair deduções. Quando há água nas proximidades e um peso desaparece, não é muito forçado supor que alguma coisa foi afundada. A suposição merecia pelo menos ser posta à prova. Assim, com a ajuda de Ames, que me deixou entrar na sala, e o gancho do guarda-chuva do dr. Watson, consegui pescar e inspecionar esta trouxa ontem à noite.

“Era de vital importância, contudo, que fôssemos capazes de provar quem a colocara ali. Fizemos isso mediante o estratagema muito óbvio de anunciar que o fosso seria drenado amanhã, o que teria, é claro, o efeito seguro de levar quem quer que tivesse escondido a trouxa a tentar retirá-la assim que a escuridão o permitisse. Temos nada menos de quatro testemunhas que podem

atestar quem foi que se aproveitou da oportunidade. Diante disso, Mr. Barker, parece-me que cabe ao senhor se pronunciar.”

Sherlock Holmes depositou a trouxa enopada sobre a mesa, ao lado da lâmpada, e desamarrou o cordão que a fechava. Tirou de dentro um haltere, que jogou junto do outro, num canto. Em seguida, um par de botinas. “Americanas, como podem ver”, observou, apontando para as biqueiras. Por fim, extraiu um bolo de roupas, compreendendo um jogo completo de roupas de baixo, meias, um terno de tweed cinza e um curto sobretudo amarelo.

“As roupas são comuns”, observou Holmes, “com exceção do sobretudo, que é cheio de detalhes sugestivos.” Segurou-o cuidadosamente contra a luz. “Aqui, como podem perceber, o bolso interno se prolonga no forro de maneira a dar amplo espaço para a espingarda serrada. A etiqueta do alfaiate está na nuca – ‘Neal, Alfaiate, Vermissa, EUA.’ Passei uma tarde muito instrutiva na biblioteca do pastor e ampliei meus conhecimentos, inteirando-me de que Vermissa é uma cidadezinha florescente à frente de um dos mais conhecidos vales de carvão e ferro nos Estados Unidos. Se não me falha a memória, Mr. Barker, o senhor associou os distritos carvoeiros à primeira esposa de Mr. Douglas, e com certeza não seria muito forçado inferir que o V.V. no cartão deixado junto ao cadáver poderia significar vale Vermissa, ou que esse mesmo vale que envia emissários da morte pode ser o Vale do Medo de que ouvimos falar. Tudo isso está bastante claro. E agora, Mr. Barker, não quero mais impedi-lo de dar a sua explicação.”

Foi incrível ver o semblante de Cecil Barker durante a fala do grande detetive. Raiva, espanto, consternação e indecisão refletiram-se nele sucessivamente. Por fim ele se refugiou numa ironia um tanto ácida.

“Sabe tanta coisa, Mr. Holmes, que talvez devesse nos contar mais um pouco”, escarneceu.

“Tenho certeza de que poderia lhe contar muito mais, Mr. Barker, mas o senhor por certo o faria com mais graça.”

“Ah, então é o que pensa? Bem, a única coisa que posso dizer é que se há algum segredo aqui, não é um segredo meu, não cabendo a mim revelá-lo.”

“Bem, se vai adotar essa linha, Mr. Barker”, disse o inspetor com muita calma, “vamos simplesmente ficar de olho no senhor até obtermos o mandado que nos permitirá detê-lo.”

“Façam o que bem entenderem”, respondeu Barker em tom de desafio.

Os procedimentos pareciam ter chegado claramente ao fim no que lhe

dizia respeito; pois bastava olhar para aquele rosto de granito para compreender que nenhuma *peine forte et dure*^b iria jamais forçá-lo a se explicar contra a vontade. O impasse foi rompido, entretanto, por uma voz de mulher. Mrs. Douglas estivera ouvindo junto à porta semiaberta, e nesse momento entrou na sala.

“Fez o bastante por ora, Cecil”, disse ela. “Aconteça o que acontecer no futuro, você fez o bastante.”

“O bastante e mais do que o bastante”, observou Sherlock Holmes com gravidade. “Compartilho todos os seus sentimentos, madame, e exorto-a enfaticamente a ter alguma confiança no bom senso de nossa jurisdição e revelar tudo de maneira voluntária à polícia. É possível que eu mesmo esteja em falta por não ter me fiado no sinal que me transmitiu através de meu amigo, o dr. Watson; mas naquele momento eu tinha todos os motivos para acreditar que a senhora estava diretamente envolvida no crime. Agora tenho certeza de que isso não é verdade. Ao mesmo tempo, há muita coisa por explicar e por isso rogo-lhe, senhora, que peça a Mr. Douglas para nos contar sua própria história.”

Mrs. Douglas deixou escapar um grito de susto às palavras de Holmes. Sem dúvida eu e os detetives lhe fizemos eco quando demos pela presença de um homem que parecia ter brotado da parede e emergia agora da escuridão do canto em que surgira. No mesmo instante Mrs. Douglas virou-se e abraçou-o. Barker agarrara a mão que ele estendia.

“É melhor assim, Jack”, repetia sua mulher; “tenho certeza de que é melhor assim.”

“De fato, Mr. Douglas”, disse Sherlock Holmes, “estou certo de que isto lhe parecerá melhor.”

O homem estava parado, fitando-nos com o olhar de quem saiu da escuridão para a luz. Era um rosto notável, vivos olhos cinza, um forte bigode grisalho, aparado bem curto, um queixo quadrado, saliente, e uma boca zombeteira. Olhou bem para todos nós e em seguida, para meu espanto, andou em direção a mim e entregou-me um maço de papéis.

“Ouvi falar do senhor”, disse com um sotaque não de todo inglês e não de todo americano, mas melodioso e agradável. “O senhor é o historiador desse bando. Bem, dr. Watson, nunca uma história como esta passou por suas mãos, aposto meu último dólar nisso. Conte-a à sua maneira, mas fatos são fatos, e com eles o senhor certamente atingirá o público. Passei dois dias

engaiolado, e aproveitei toda a luz do dia – o pouco dela que consegui ter naquele buraco – para pôr a coisa em palavras. Transmito-as ao senhor de bom grado – ao senhor e ao seu público. É a história do Vale do Medo.”

“Isso é o passado, Mr. Douglas”, disse Sherlock Holmes, muito calmo. “O que desejamos agora é ouvir sua história presente.”

“Vai ouvi-la, senhor”, disse Mr. Douglas. “Posso fumar enquanto falo? Ah, muito obrigado. O senhor também fuma, se me lembro bem, e pode imaginar o que é passar dois dias com tabaco no bolso e com medo de que o cheiro denuncie a sua presença.” Apoiou-se no aparador da lareira e deu uma baforada no charuto que Holmes lhe dera. “Conheço-o de nome, Mr. Holmes. Nunca pensei que fosse conhecê-lo em pessoa. Mas antes de terminar de ler isso”, acenou para os meus papéis, “dirá que eu lhe trouxe algo de novo.”

O inspetor MacDonald estivera olhando para o recém-chegado com o maior assombro. “Bem, isto me deixa completamente perplexo!” exclamou por fim. “Se o senhor é John Douglas do Solar, quem é aquele cuja morte estivemos investigando nestes dois dias, e de onde diabos o senhor surgiu agora? Tive a impressão de que surgiu do chão como o boneco que pula de uma caixa de surpresas.”

“Ah, Mr. Mac”, disse Holmes, sacudindo o dedo num gesto de repreensão, “o senhor se recusou a ler aquela excelente compilação local que descreve a ocultação do rei Carlos. Naquele tempo as pessoas não se escondiam sem excelentes esconderijos, e o esconderijo que foi usado uma vez pode sê-lo novamente. Eu estava convencido de que haveria de encontrar Mr. Douglas debaixo deste teto.”

“E por quanto tempo ficou nos fazendo de bobos, Mr. Holmes?” indagou o inspetor, irritado. “Por quanto tempo deixou que nos desgastássemos numa busca que sabia ser absurda?”

“Nem um só instante, meu caro Mr. Mac. Só ontem à noite formei minhas ideias sobre o caso. Como só pude pô-las à prova esta noite, sugeri que tirasse um dia de folga junto com seu colega. Diga-me, que mais eu poderia fazer? Quando descobri a trouxa de roupas no fosso, ficou óbvio para mim no mesmo instante que o corpo que havíamos encontrado não podia de maneira alguma ser de Mr. John Douglas, e devia ser daquele ciclista de Tunbridge Wells. Por isso cabia-me verificar onde o próprio Mr. John Douglas poderia estar, e as probabilidades indicavam que, com a conivência da esposa e do amigo, estava escondido numa casa que oferecesse essas boas condições para um fugitivo, à espera de tempos mais calmos em que pudesse empreender sua

fuga definitiva.”

“O senhor matou a charada muito bem”, elogiou Douglas. “Pensei que escaparia da lei britânica; pois não sei ao certo como fico sob ela, e vi também minha oportunidade de tirar aqueles maníacos da minha pista de uma vez por todas. Vejam, do começo ao fim não fiz nada de que devesse me envergonhar, e nada que não faria de novo; mas os senhores julgarão isso por si mesmos quando eu lhes contar a minha história. Não precisa me advertir, inspetor. Estou disposto a me ater estritamente à verdade.

“Não vou começar do começo. Está tudo ali”, apontou para o meu maço de papéis, “e lhes parecerá uma história do arco-da-velha. Tudo se resume nisto: há alguns homens que têm bons motivos para me odiar e dariam seu último dólar para pôr as mãos em mim. Enquanto eu estiver vivo e eles estiverem vivos, não haverá segurança para mim neste mundo. Eles me caçaram de Chicago até a Califórnia, depois me obrigaram a deixar a América; mas quando me casei e me instalei neste lugar tranquilo, pensei que poderia viver meus últimos anos em paz.

“Nunca expliquei a situação para minha mulher. Para que envolvê-la nisso? Ela nunca mais teria um minuto de sossego, estaria sempre preocupada. Suponho que sabia alguma coisa, pois posso ter deixado escapar uma palavra aqui, outra ali; mas até ontem, depois que os senhores a viram, ela nunca soube exatamente o que se passava. Contou-lhes tudo que sabia, e o mesmo fez Barker aqui, pois na noite em que essa coisa aconteceu houve muito pouco tempo para explicações. Agora ela sabe tudo, e teria sido mais sábio de minha parte contar-lhe mais cedo. Mas era uma questão difícil, querida”, segurou a mão da mulher na sua por um instante, “e agi com as melhores intenções.

“Bem, cavalheiros, na véspera desses acontecimentos, eu estava em Tunbridge Wells e vislumbrei um homem na rua. Foi só um vislumbre, mas tenho um olho rápido para essas coisas e não tive a menor dúvida. Era o pior de todos os meus inimigos – um homem que estivera atrás de mim todos esses anos como um lobo faminto atrás de uma rena. Sabendo que o perigo se aproximava, vim para casa e me preparei para ele. Estava certo de que seria capaz de enfrentá-lo muito bem sozinho, houve um tempo em que minha boa estrela era assunto do país inteiro. Não tinha a menor dúvida de que ela continuaria comigo.

“Tomei cuidado durante todo o dia seguinte, não pus o pé nem no parque. Ainda bem, ou ele poderia ter me acertado com aquele chumbo grosso antes

mesmo que eu pudesse me aproximar dele. Depois que a ponte foi erguida – eu sempre ficava mais tranquilo quando isso acontecia no fim do dia –, tirei a coisa da cabeça. Nunca sonhei que ele entraria na casa e esperaria por mim. Mas quando desci de roupão para fazer a minha ronda, como é meu costume, mal entrei no gabinete farejei perigo. Creio que quando um homem enfrentou perigos na vida – e meu quinhão foi maior que o da maioria em meu tempo –, há uma espécie de sexto sentido que acena a bandeira vermelha. Vi o sinal muito claramente, e no entanto não posso lhes dizer por quê. No instante seguinte bati os olhos numa botina sob a cortina da janela e então soube muito bem por quê.

“Eu tinha apenas a vela que estava na minha mão, mas uma boa luminosidade vinda da lâmpada do saguão entrava pela porta aberta. Pousei a vela e saltei para agarrar um martelo que deixara sobre o aparador da lareira. No mesmo instante ele pulou sobre mim. Vi o lampejo de uma faca e golpeei-o com toda a força com o martelo. Acertei-o em algum lugar, pois a faca caiu no chão, retinindo. Ele tirou o corpo, contornando a mesa, rápido como uma enguia, e no momento seguinte puxou a arma de sob o casacão. Ouvi-o engatilhá-la, mas consegui agarrá-la antes que ele pudesse atirar. Segurei-a pelo cano, e lutamos por ela desesperadamente por um minuto ou mais. O homem que a soltasse estaria morto.

“Em nenhum momento ele a soltou; mas segurou-a com a coronha para baixo por um tempo um pouco longo demais. Talvez tenha sido eu que puxei o gatilho. Talvez um de nós tenha simplesmente esbarrado nele. De uma maneira ou de outra, ele recebeu a descarga dos dois canos no rosto, e lá estava eu, olhando para tudo que restara de Ted Baldwin. Eu o reconhecera na cidade, e novamente quando pulou sobre mim, mas nem sua própria mãe teria reconhecido o rosto que contemplei naquele momento. Já vi de tudo, mas aquela visão realmente me deu engulhos.

“Eu me segurava à borda da mesa quando Barker desceu correndo. Ouvi minha esposa se aproximando, corri à porta e a detive. Aquilo não era coisa para uma mulher ver. Prometi que logo iria ao encontro dela. Disse uma ou duas palavras a Barker – ele entendeu tudo num piscar de olhos – e esperamos que os outros chegassem. Mas não deram nenhum sinal. Compreendemos então que não tinham podido ouvir nada, e que só nós sabíamos do que acontecera.



“Ouvi-o engatilhá-la, mas consegui agarrá-la antes que ele pudesse atirar.” [Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

“Foi nesse instante que a ideia me ocorreu. Fiquei bastante fascinado com seu brilhantismo. A manga do homem estava arregaçada e lá estava a marca a ferro da loja no antebraço dele. Vejam aqui!”

O homem que se apresentara como Douglas levantou a manga do próprio paletó e mostrou um triângulo marrom dentro de um círculo, marca idêntica à que víamos no cadáver.

“Foi a visão daquilo que me deu a ideia. Tive a impressão de ver tudo claro num relance. Sua estatura, cabelo e feições eram mais ou menos iguais aos meus. Ninguém poderia jurar pelo seu rosto, pobre diabo! Trouxe estas roupas cá para baixo, e num quarto de hora Barker e eu tínhamos vestido o cadáver com meu roupão e o deixado como os senhores o encontraram. Amarramos todas as coisas dele numa trouxa, pus junto o único peso que pude encontrar e jogamos tudo pela janela. O cartão que ele pretendia deixar sobre o meu corpo ficou caído ao lado do dele.

“Meus anéis foram enfiados no dedo dele; mas quando chegou a vez da

aliança”, ele mostrou sua mão musculosa, “os senhores podem ver por si mesmos que eu chegara ao limite. Eu não a tirara do dedo desde o dia em que me casei, e teria precisado de uma lima para arrancá-la. Não sei, de todo modo, se teria gostado de me separar dela; mas, ainda que tivesse querido, não teria podido. Diante disso, tive que desprezar esse detalhe. Por outro lado, trouxe um pedacinho de emplastro para cá e o apliquei no lugar em que eu mesmo estou usando um neste instante. Nessa o senhor escorregou, Mr. Holmes, com toda a sua esperteza; pois se porventura tivesse removido o emplastro, não teria encontrado nenhum corte sob ele.

“Bem, esta foi a situação. Se eu pudesse me esconder por algum tempo e depois ir para um lugar onde minha ‘viúva’ pudesse juntar-se a mim, teríamos por fim uma oportunidade de viver em paz pelo resto de nossos dias. Aqueles demônios não me dariam descanso enquanto eu estivesse vivo; mas se lessem nos jornais que Baldwin liquidara seu homem, todas as minhas atribulações teriam fim. Não tive muito tempo para explicar tudo isso a Barker e minha mulher; mas eles compreenderam o suficiente para serem capazes de me ajudar. Eu sabia tudo sobre esse esconderijo, assim como Ames; mas nunca passou pela cabeça dele associá-lo com o assunto. Refugiei-me nele e coube a Barker fazer o resto.

“Creio que podem inferir por si mesmos o que ele fez. Abriu a janela e fez a marca no peitoril para dar uma ideia de como o assassino escapara; teria sido uma fuga complicada, mas, como a ponte estava erguida, não havia outra saída. Depois, quando tudo estava arranjado, ele tocou a campainha com toda a força. O que aconteceu depois, os senhores sabem. E assim, cavalheiros, podem fazer o que quiserem; mas eu lhes disse a verdade, e toda a verdade, portanto, que Deus me ajude! O que lhes pergunto agora é: como fico perante a lei inglesa?”

Houve um silêncio que foi quebrado por Sherlock Holmes.

“A lei inglesa é em essência uma lei justa. O senhor não receberá dela nada pior do que o que merece, Mr. Douglas. Mas eu lhe perguntaria: como esse homem sabia que morava aqui, ou a maneira de entrar na sua casa, ou onde devia se esconder para surpreendê-lo?”

“Não faço a menor ideia.”

O semblante de Holmes estava muito pálido e grave. “Temo que esta história ainda não tenha terminado”, disse. “Poderá encontrar perigos piores que a lei inglesa, ou até que seus inimigos da América. Vejo dificuldades no seu caminho, Mr. Douglas. O senhor aceitará meu conselho e continuará de

atalaia.”

E agora, meu paciente leitor, peço-lhe que venha passar algum tempo comigo longe do Solar Birlstone de Sussex, e longe também do ano da graça em que fizemos a memorável viagem que terminou com a estranha história do homem que fora conhecido como John Douglas. Quero que viaje no tempo para cerca de vinte anos atrás, e no espaço para milhares de quilômetros a oeste, de modo que eu possa expor diante dos seus olhos uma narrativa singular e terrível – tão singular e tão terrível que talvez lhe pareça difícil acreditar que, ainda que eu a narre, ela tenha de fato acontecido. Não pense que estou lhe impingindo uma história antes que outra tenha terminado. À medida que for lendo, verá que não é assim. E quando eu tiver detalhado aqueles eventos distantes e você tiver desvendado esse mistério do passado, voltaremos a nos encontrar naqueles aposentos de Baker Street onde este caso, como tantas outras aventuras maravilhosas, encontrará o seu fim.

^b “Punição intensa e severa”, em francês no original.

PARTE II

Os Scowrers

I. O HOMEM

ERA O DIA 4 de fevereiro do ano de 1875. O inverno fora severo e uma grossa camada de neve acumulava-se nos desfiladeiros das montanhas Gilmerton. Mas os limpa-neves tinham mantido a estrada de ferro aberta, e o trem da tarde, que liga a longa fileira de minas de carvão e metalúrgicas, resfolegava, subindo o caminho íngreme que levava de Stagville, na planície, a Vermissa, a cidade central situada na cabeceira do vale Vermissa. A partir desse ponto, os trilhos precipitam-se para baixo, em direção a Barton Crossing, Helmdale e o condado essencialmente agrícola de Merton. Era uma ferrovia de uma só linha, mas a cada desvio – e eles eram muitos – longas fileiras de vagões de carga repletos de carvão e minério de ferro falavam da riqueza oculta que trouxera uma população rude e uma vida alvoroçada para esse canto desolado dos Estados Unidos da América.

Desolado, sem dúvida. O primeiro pioneiro que o atravessou dificilmente poderia ter imaginado que as mais lindas pradarias e as mais viçosas pastagens nada valiam comparadas a essa terra soturna de penhascos negros e floresta cerrada. Acima das matas escuras e muitas vezes quase impenetráveis nos flancos, elevavam-se de ambos os lados os cumes altos e nus das montanhas, com sua neve branca e rocha recortada, deixando no centro um vale comprido e sinuoso.

As lâmpadas a óleo acabavam de ser acesas no primeiro vagão de passageiros, um carro comprido e desguarnecido em que umas vinte ou trinta pessoas estavam sentadas. Na maioria, eram operários que voltavam da labuta diária na parte mais baixa do vale. Uns doze homens, pelo menos, deixavam claro ser mineiros, por seus rostos enfarruscados e as lanternas de segurança que carregavam. Sentados em grupo, fumavam e conversavam em voz baixa, olhando de soslaio de vez em quando para dois homens no lado oposto do vagão, cujos uniformes e distintivos indicavam serem eles policiais.

Várias mulheres da classe trabalhadora e um ou dois viajantes que poderiam ser pequenos lojistas compunham o resto da companhia, à exceção de um rapaz sozinho num canto. É neste homem que estamos interessados. Olhe bem para ele, pois vale a pena.

É um jovem de estatura mediana e pele viçosa, que diríamos não estar muito longe dos trinta anos. Tem olhos cinza, grandes, sagazes e úmidos, que volta e meia piscam inquisitivamente enquanto ele olha, através dos óculos, as pessoas à sua volta. É fácil ver que é de disposição sociável e possivelmente simples, ansioso por ser amigável com todos. Qualquer um poderia identificá-lo de imediato como um sujeito de hábitos gregários e natureza comunicativa, com presença de espírito e um sorriso pronto. No entanto, quem o estudasse com mais atenção discerniria certa firmeza no queixo e tensão em torno dos lábios, indicativas de águas mais profundas, e de que esse agradável jovem irlandês de cabelo castanho seria capaz de deixar sua marca, para o bem ou para o mal, em qualquer sociedade em que fosse introduzido.

Após dirigir um ou dois comentários hesitantes ao mineiro mais próximo, e receber apenas respostas curtas e ríspidas, o viajante resignou-se a um desagradável silêncio, contemplando pela janela, desalentado, a paisagem que desaparecia.

Não era uma perspectiva animadora. Na escuridão crescente pulsava o fulgor vermelho das fornalhas nas encostas dos morros. Grandes montes de escória e cinzas assomavam de cada lado, com as torres altas das minas de carvão elevando-se sobre eles. Grupos densos de humildes casas de madeira, cujas janelas começavam a se iluminar, espalhavam-se aqui e ali ao longo da ferrovia, e as frequentes estações estavam apinhadas com seus morenos habitantes.

Os vales de ferro e carvão da região de Vermissa não eram locais de recreio para ociosos ou letrados. Por toda parte havia severos sinais da mais crua batalha pela vida, o trabalho bruto a ser feito, e os trabalhadores rudes e fortes que o faziam.

O jovem viajante contemplava essa região lúgubre com uma expressão mesclada de repulsa e interesse, que mostrava ser a cena nova para ele. A intervalos, tirava do bolso uma carta volumosa que consultava e em cujas margens rabiscava algumas anotações. Uma hora tirou de trás da cintura algo que por certo não se teria esperado encontrar na posse de homem tão amável. Era um revólver da Marinha, o de maior tamanho. Quando o inclinou para a luz, o brilho nas bordas dos cartuchos de cobre dentro do tambor mostrou que estava inteiramente carregado. O rapaz devolveu a arma rapidamente ao bolso secreto, mas não antes que ela tivesse sido observada por um operário sentado no banco ao lado.

“Céus, companheiro”, disse este. “Parece armado e pronto para a briga.”

O rapaz sorriu, embaraçado.

“Sim”, respondeu. “Um homem precisa disto às vezes no lugar de onde venho.”

“E que lugar seria esse?”

“Estou vindo agora de Chicago.”

“É um forasteiro nestas bandas?”

“Sou.”

“Talvez descubra que precisa dele aqui”, disse o operário.

“Ah! É mesmo?” O rapaz pareceu interessado.

“Não ouviu falar nada do que acontece por aqui?”

“Nada de excepcional.”

“Ora, pensei que não se falasse em outra coisa no país. Não vai demorar a ouvir. O que o trouxe aqui?”

“Ouvi dizer que havia sempre trabalho para um homem disposto.”

“É membro do sindicato?”

“É claro.”

“Então vai conseguir seu emprego, creio eu. Tem algum amigo?”

“Ainda não; mas tenho como fazê-los.”

“Como assim?”

“Sou membro da Venerável Ordem dos Homens Livres. Não há cidade sem uma loja da Ordem, e onde houver uma, encontrarei amigos.”

O comentário produziu um efeito singular sobre seu interlocutor. Ele correu os olhos, desconfiado, pelos demais passageiros do vagão. Os mineiros continuavam sussurrando entre si. Os dois policiais cochilavam. O homem deixou o seu lugar, sentou-se ao lado do jovem viajante e estendeu a mão.

“Toque aqui!”

Os dois apertaram-se as mãos.

“Vejo que fala a verdade”, disse o operário. “Mas é bom verificar.” Levantou a mão direita à sobrancelha direita. Imediatamente o viajante levantou a mão esquerda à sobrancelha esquerda.

“Noites escuras são desagradáveis”, disse o operário.

“Sim, para forasteiros viajarem”, respondeu o outro.

“Isso basta. Sou o irmão Scanlan, Loja 341, vale Vermessa. É um prazer

vê-lo nesta região.”

“Muito obrigado. Sou o irmão John McMurdo, Loja 29, Chicago. O mestre da loja é J.H. Scott. Mas que sorte a minha, encontrar um irmão tão depressa!”

“Bem, somos muitos por aqui. Em nenhum outro lugar nos Estados Unidos você encontrará a Ordem mais florescente que no vale Vermessa. Mas faltam-nos jovens como você. Não entendo que um homem vigoroso, sindicalizado, não consiga encontrar trabalho em Chicago.”

“Trabalho era o que não me faltava”, disse McMurdo.

“Então por que deixou a cidade?”

McMurdo fez um sinal com a cabeça em direção aos policiais e sorriu. “Acho que aqueles tipos ali gostariam de saber”, respondeu.

Scanlan expressou seu entendimento com um grunhido.

“Em apuros?” perguntou, num sussurro.

“E como!”

“Coisa para penitenciária?”

“E o resto.”

“Não um assassinato!”

“É muito cedo para falar dessas coisas”, disse McMurdo com o ar de um homem que foi induzido a falar mais do que pretendia. “Tive boas razões para ir embora de Chicago, e é melhor você se contentar com isto. Quem é você para se dar o direito de perguntar essas coisas?” Seus olhos cinza brilharam por trás dos óculos, com súbita e perigosa ira.

“Está bem, companheiro, não quis ofender. Os rapazes não pensarão mal de você, o que quer que tenha feito. Para onde vai?”

“Vermessa.”

“É a terceira parada adiante. Onde vai se hospedar?”

McMurdo pegou um envelope e segurou-o perto da suja lâmpada a óleo. “Aqui está o endereço: Jacob Shafter, Sheridan Street. É uma pensão que me foi recomendada por um homem que conheci em Chicago.”

“Bem, não a conheço; mas Vermessa fica fora da minha área. Moro em Hobson’s Patch, que é onde já vamos parar. Mas tenho um pequeno conselho para lhe dar antes de nos separarmos: se tiver dificuldades em Vermessa, vá direto à Union House e procure o chefe McGinty. Ele é o mestre da loja de Vermessa, e nada acontece por estes lados se Black Jack McGinty não quiser. Adeus, companheiro! Talvez nos encontremos na loja qualquer noite dessas.

Mas não se esqueça do que eu disse: se tiver algum problema, procure o chefe McGinty.”

Scanlan saltou, e McMurdo ficou mais uma vez entregue a seus pensamentos. A noite caíra, e as chamas das sucessivas fornalhas rugiam e bruxuleavam na escuridão. Contra esse pano de fundo sinistro, formas escuras curvavam-se, forcejavam, retorciam-se e giravam, com o movimento de guinchos ou roldanas, ao ritmo de um fragor e rugido eternos.

“Acho que o inferno deve ser parecido com isso”, alguém falou.

McMurdo virou-se e viu que um dos policiais deslocara-se no banco e contemplava o deserto em chamas.

“Nesse ponto”, disse o outro policial, “concordo que o inferno deve ser mesmo igual a isso. Acho até que nem deve haver por lá demônios piores do que alguns que poderíamos citar. Por acaso é novo por aqui, rapaz?”

“E se for?” respondeu McMurdo com rispidez.

“Só isto: eu o aconselharia a escolher seus amigos com cuidado. Acho que, se eu estivesse no seu lugar, não começaria com Mike Scanlan ou seu bando.”

“Que diabos tem você a ver com quem são os meus amigos?” rugiu McMurdo, num tom que fez todas as cabeças no vagão se virarem para testemunhar a altercação. “Por acaso lhe pedi conselho, ou acha que sou tão idiota que não sei me virar sem ele? Fale quando lhe dirigirem a palavra, e, por Deus, teria que esperar muito tempo para que eu fizesse isso!”

Espichou o rosto para a frente e arreganhou os dentes para os guardas como um cão rosento.

Os dois policiais, corpulentos e afáveis, ficaram surpresos com a extraordinária veemência com que sua abordagem amistosa fora rejeitada.

“Não quisemos ofender, forasteiro”, disse um deles. “É um aviso para seu próprio bem, já que você mesmo se apresenta como novo neste lugar.”

“Sou novo neste lugar, mas conheço muito bem gente da sua laia!” exclamou McMurdo, furioso. “Acho que vocês são iguais em toda parte, impingindo seus conselhos quando ninguém precisa deles.”

“Pode ser que nos esbarremos em breve”, disse um dos guardas, com um sorriso. “Você tem tudo para isso, até onde posso julgar.”

“Eu estava pensando a mesma coisa”, observou o outro. “Acho que podemos voltar a nos encontrar.”

“Não pensem que tenho medo de vocês!” exclamou McMurdo. “Meu

nome é Jack McMurdo – ouviram bem? Se quiserem falar comigo, poderão me encontrar na pensão de Jacob Shafter, em Sheridan Street, Vermissa; não estou me escondendo de vocês, estou? Dia ou noite, ousou encarar gente como vocês de frente – não duvidem disso!”

A atitude destemida do recém-chegado suscitou um murmúrio de solidariedade e admiração, enquanto os dois policiais davam de ombros e voltavam a conversar entre si.

Minutos depois o trem entrou na estação mal-iluminada e o vagão quase se esvaziou, pois Vermissa era de longe a maior cidade na linha. McMurdo pegou sua maleta de couro e estava prestes a se afastar na escuridão quando um dos mineiros o abordou.

“Por Deus, companheiro! Você sabe falar com os homens”, disse em tom reverente. “Ouvi-lo lavou minha alma. Permita-me carregar sua maleta e mostrar-lhe o caminho. Vou passar pela pensão do Shafter a caminho do meu barraco.”

Ao sair da plataforma, ouviram um coro de amistosos “boa noite” dos outros mineiros. Antes mesmo de ter posto o pé em Vermissa, McMurdo, o turbulento, havia se tornado um personagem no lugar.

Se a região já apresentava um aspecto terrível, a cidade, por sua vez, era ainda mais deprimente. Ao longo daquele comprido vale havia pelo menos um esplendor melancólico nas imensas fogueiras e nuvens erráticas de fumaça, enquanto a força e a indústria do homem encontravam monumentos apropriados nos morros que ele despejara ao lado de suas monstruosas escavações. Mas a cidade exibia uma feiura e imundície abjetas, sem relevo. O tráfego revolvera a rua principal, transformando-a numa pasta sulcada de neve barrenta. As calçadas eram estreitas e acidentadas. Os muitos lampiões a gás só serviam para delinear uma longa fileira de casas de madeira, cada qual com sua varandinha desleixada e suja dando para a rua.

Conforme se aproximavam do centro da cidade, o cenário ia sendo clareado por uma fileira de lojas bem-iluminadas, nas quais os mineiros gastavam seus salários ganhos com muito esforço, mas generosos.

“Ali está a Union House”, disse o guia, apontando um *saloon* de aparência tão pomposa que mais parecia um hotel. “O mandachuva lá é Jack McGinty.”

“Que espécie de homem ele é?”

“Ora! Nunca ouviu falar do chefe?”

“Como poderia ter ouvido falar dele, se sou um forasteiro na região?”

“Bem, pensei que o nome dele fosse conhecido no país todo. Aparece a toda hora nos jornais.”

“Dizendo o quê?”

“Bem”, o mineiro baixou a voz, “sobre os casos.”

“Que casos?”

“Meu Deus! É um bocado esquisito, se posso dizer isto sem ofensa. Só ouvirá falar de um tipo de caso por aqui, os casos dos Scowrers.”

“Ah, creio que já li sobre os Scowrers em Chicago. Uma quadrilha de assassinos, não é?”

“Silêncio, se tem amor à vida!” exclamou o mineiro, imobilizando-se em seu alarme e fitando o companheiro com espanto. “Homem, você não viverá muito tempo por estas bandas se falar assim em plena rua. Muita gente morreu por menos.”

“Bem, não sei nada sobre eles. Isso é só o que li.”

“E não estou dizendo que não leu a verdade.” O homem olhou nervosamente à sua volta enquanto falava, perscrutando as sombras como se temesse algum perigo oculto. “Se matar é assassinar, Deus sabe que não falta assassinato por aqui. Mas não ouse pronunciar o nome de Jack McGinty em conexão com isso, forasteiro, pois todo e qualquer sussurro acaba chegando aos ouvidos dele, que tende a não relevar nada. Veja, ali está a casa que está procurando, aquela recuada. Verá que Jacob Shafter, o proprietário, é o homem mais honesto da cidade.”



“‘Silêncio, se tem amor à vida!’ exclamou o mineiro, imobilizando-se em seu alarme e fitando o companheiro com espanto.” [Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

“Eu lhe agradeço”, disse McMurdo, e, apertando a mão do novo conhecido, trilhou, maleta na mão, o caminho que levava à pensão, em cuja porta deu uma sonora batida.

Ela foi aberta de imediato por alguém muito diferente do que ele esperava: uma mulher, jovem e de singular beleza. Era de um tipo alemão, clara e de cabelo louro, contrastando sedutoramente com um par de bonitos olhos escuros. Ela examinou o desconhecido com surpresa e um embaraço agradável, o que espalhou uma onda de cor em seu rosto pálido. Emoldurada na luz viva do vão da porta aberta, pareceu a McMurdo a imagem mais bonita que já vira, tornada ainda mais atraente em comparação com o ambiente sórdido e soturno. Uma linda violeta a crescer num daqueles negros montes de escória das minas não teria parecido mais surpreendente. McMurdo sentiu-se de tal forma extasiado que ficou a fitá-la, sem dizer uma palavra, e foi ela quem quebrou o silêncio.

“Pensei que era o pai”, disse com um leve e agradável sotaque alemão. “Veio à procura dele? Está na cidade. Deve voltar a qualquer minuto.”

McMurdo continuou olhando para a moça em franca admiração, até que

ela baixou os olhos, desconcertada diante daquele insolente visitante.

“Não, senhorita”, respondeu ele por fim, “não tenho pressa de vê-lo. Mas recomendaram-me a sua casa como pensão. Pensei que ela poderia me convir – e agora sei que convirá.”

“Toma decisões depressa”, observou a jovem com um sorriso.

“Qualquer homem faria o mesmo, a menos que fosse cego”, respondeu o outro.

Ela riu do elogio. “Tenha a bondade de entrar”, disse. “Sou Ettie Shafter, filha de Mr. Shafter. Minha mãe morreu, e eu cuido da casa. Pode se sentar junto do fogão na sala da frente até meu pai chegar – ah, lá vem ele! Assim poderá acertar tudo agora mesmo.”

Um homem corpulento, entrado em anos, avançava pelo caminho. McMurdo explicou-lhe sua situação em poucas palavras. Um conhecido chamado Murphy lhe dera o endereço em Chicago, dizendo tê-lo recebido por sua vez de uma outra pessoa. O velho Shafter não levantou objeção. O recém-chegado, que parecia estar cheio de dinheiro, não discutiu as condições, concordando prontamente com tudo. Por sete dólares semanais, pagos antecipadamente, teria casa e comida.

Foi assim que McMurdo, o fugitivo confesso da justiça, instalou-se sob o teto dos Shafter, primeiro passo de um longo e soturno encadeamento de fatos que terminaria num país muito distante.

II. O MESTRE DA LOJA

McMURDO ERA um homem que não demorava a imprimir sua marca. Onde quer que estivesse, sua presença logo se fazia notar. Bastou uma semana para tornar-se, de longe, a figura mais importante na pensão de Shafter. Dez ou doze pessoas se hospedavam ali; mas eram capatazes honestos ou simples balconistas de loja, gente de um calibre muito diferente do daquele jovem irlandês. À noite, quando se reuniam, era ele que tinha sempre a piada mais espirituosa, a conversa mais brilhante, a melhor canção. Era um bom companheiro nato, dotado de um magnetismo que deixava todos à sua volta de bom humor. Volta e meia, no entanto, como fizera no vagão de trem, dava mostras de uma capacidade de se irritar de maneira súbita e feroz, que infundia respeito e até medo nos que o cercavam. Além disso, exibia pela lei, e por todos que estavam associados a ela, um desprezo rancoroso que encantava alguns colegas de pensão e alarmava outros.

Desde o início McMurdo deixou evidente, por sua admiração declarada, que a filha da casa lhe conquistara o coração no instante mesmo em que pusera os olhos sobre sua beleza e graça. Não era um pretendente tímido. No segundo dia, disse à moça que a amava, e desse momento em diante repetiu a mesma história, sem dar nenhuma importância ao que ela pudesse dizer para desencorajá-lo.

“Outra pessoa?” exclamava. “Bem, azar dessa outra pessoa! Esse sujeito que se cuide! Então vou perder a oportunidade da minha vida e minha bem-amada para um outro? Pode continuar dizendo não, Ettie, chegará o dia em que dirá sim, sou jovem o bastante para esperar.”

Com sua lábia irlandesa e maneiras bonitas, persuasivas, era um pretendente perigoso. Tinha em torno de si aquele feitiço da experiência e do mistério que atrai o interesse de uma mulher, e finalmente seu amor. Podia falar dos vales suaves do condado de Monaghan, de onde vinha, da ilha linda e distante, cujas colinas baixas e campinas verdejantes pareciam mais belas quando imaginadas naquele lugar de fuligem e neve.

Ademais, era versado na vida das cidades do Norte, de Detroit, das áreas de exploração florestal de Michigan, e finalmente de Chicago, onde

trabalhara numa madeireira. Depois veio o toque romanesco, a sugestão de que coisas estranhas lhe haviam acontecido naquela cidade grande, tão estranhas e tão íntimas que não podiam ser faladas. Ele se referia em tom melancólico a uma partida intempestiva, ao rompimento de antigos laços, a uma fuga para um mundo estranho que terminara naquele vale árido, e Ettie ouvia, os olhos escuros brilhando, cheios de compaixão e solidariedade – esses dois sentimentos que tão rápida e naturalmente podem se transformar em amor.

McMurdo obtivera um emprego temporário de guarda-livros, pois era um homem instruído. Isso o mantinha fora a maior parte do dia, e ele ainda não encontrara oportunidade para se apresentar ao mestre da loja da Venerável Ordem dos Homens Livres. Sua omissão lhe foi lembrada, contudo, pela visita que recebeu certa noite de Mike Scanlan, o membro da loja que conhecera no trem. Scanlan, um sujeito nervoso, baixote, de rosto fino e olhos pretos, pareceu satisfeito em reencontrá-lo. Depois de um ou dois copos de uísque, abordou o assunto que o levara lá.

“Pois bem, McMurdo”, disse, “lembrei-me do seu endereço e me atrevi a vir. Surpreende-me que você não tenha se apresentado ao mestre da loja. Por que ainda não foi procurá-lo?”

“Estava atrás de um emprego. Tenho andado ocupado.”

“Precisa encontrar tempo para ele, mesmo que não tenha nenhum para mais nada. Meu Deus, homem! Que tolice não ter passado na Union House e registrado seu nome assim que chegou! Se vier a se desentender com ele... bem, *não o faça*, só isto!”

McMurdo mostrou alguma surpresa. “Sou membro da loja há mais de dois anos, Scanlan, mas nunca ouvi dizer que as obrigações eram tão urgentes assim.”

“Talvez não em Chicago.”

“Mas a sociedade é a mesma aqui.”

“É?”

Scanlan fitou-o longa e fixamente. Havia algo de sinistro em seus olhos.

“Não é?”

“Responda-me daqui a um mês. Parece que teve uma conversa com os guardas depois que eu saltei do trem.”

“Como soube?”

“Oh, a história se espalhou... as coisas se espalham para o bem e para o

mal nesta região.”

“É, foi isso. Eu disse para os canalhas o que pensava deles.”

“Por Deus, como McGinty vai gostar de você!”

“Por quê? Ele também odeia a polícia?”

Scanlan caiu na gargalhada. “Vá visitá-lo, meu rapaz”, disse ao sair. “Não é a polícia, é você que ele odiará se não o fizer! Vamos, aceite o conselho de um amigo e vá agora mesmo!”

Aconteceu que na mesma noite McMurdo teve outra conversa que o impeliu em igual direção. É possível que suas atenções a Ettie tivessem se tornado mais evidentes que antes, ou tivessem penetrado pouco a pouco na mente lerda do bom hospedeiro alemão; seja como for, o dono da pensão chamou o rapaz à sua sala e abordou o assunto sem circunlóquios.

“Parece-me, senhor”, disse ele, “que está se agradando da minha Ettie. É isso mesmo, ou estou errado?”

“Sim, é isso mesmo”, respondeu o rapaz.

“Bem, quero lhe dizer agora mesmo que isso não pode ser. Alguém chegou antes.”

“Foi o que ela me disse.”

“Bem, pode acreditar que ela disse a verdade. Mas ela lhe contou quem era?”

“Não, eu perguntei, mas ela não quis dizer.”

“Imagino que não, a mocinha! Talvez não quisesse amedrontá-lo.”

“Amedrontar!” MacMurdo enfureceu-se no mesmo instante.

“Ah, sim, meu amigo! Não precisa ter vergonha de ter medo dele. É Teddy Baldwin.”

“E quem diabos é ele?”

“É um chefe dos Scowrers.”

“Scowrers! Já ouvi falar deles antes. Fala-se deles aqui, ali, e sempre num sussurro! De que todos têm medo? Quem são os Scowrers?”

O dono da pensão baixou instintivamente a voz, como faziam todos ao falar sobre aquela terrível sociedade. “Os Scowrers”, respondeu, “são a Venerável Ordem dos Homens Livres!”

O rapaz arregalou os olhos. “Ora, eu mesmo sou membro dessa ordem.”

“Você! Eu jamais o teria acolhido em minha casa se soubesse... nem que me pagasse cem dólares por semana.”

“Que há de errado com a Ordem? Ela se destina a fazer obras de caridade e estimular o companheirismo. As regras dizem isto.”

“Talvez em alguns lugares. Não aqui!”

“Como é aqui?”

“É uma sociedade assassina, é isso que é.”

McMurdo riu, incrédulo. “Como pode provar o que diz?” perguntou.

“Provar! Então não há cinquenta assassinatos para provar isso? Que me diz de Milman e Van Shorts, e a família Nicholson, e o velho Mr. Hyam, e o pequeno Billy James e os outros? Provar! Haverá algum homem ou alguma mulher neste vale que não saiba dessas coisas?”

“Escute aqui!” disse McMurdo, muito sério. “De duas uma: ou você retira o que disse ou prova que está falando a verdade. Trate de fazer uma coisa ou outra antes que eu saia desta sala. Ponha-se no meu lugar. Cá estou eu, um forasteiro na cidade. Pertencço a uma sociedade que conheço apenas como uma organização inocente. É possível encontrá-la por toda parte nos Estados Unidos, mas sempre considerada inofensiva. E agora, quando pretendo ingressar nela aqui, você vem me dizer que se confunde com uma sociedade criminosa chamada Scowrers. Creio que me deve ou um pedido de desculpa ou uma explicação, Mr. Shafter.”

“Só posso lhe dizer o que todo mundo sabe. Os chefes de uma são os chefes da outra. Se a pessoa ofende uma, é a outra que vai atacá-la. Já comprovamos isso muitas vezes.”

“São apenas boatos... quero provas!” exclamou McMurdo.

“Se passar tempo suficiente aqui, terá suas provas. Mas esqueço-me que você mesmo é um deles. Logo será tão mau como os outros. Mas terá de arrumar outras acomodações. Não posso hospedá-lo aqui. Já não basta um daqueles sujeitos ter vindo cortejar a minha Ettie e eu não ter ousado rejeitá-lo? Serei obrigado também a hospedar um outro? Isso mesmo, não o quero dormindo aqui depois desta noite!”

McMurdo viu-se escorraçado tanto de suas confortáveis acomodações como da proximidade da moça a quem amava. Nessa mesma noite encontrou-a sozinha na sala de estar e confiou-lhe suas atribulações.

“Seu pai quer me mandar embora”, disse. “Eu pouco me importaria se fosse só o meu quarto, mas na verdade, Ettie, embora só a conheça há uma semana, você é para mim o próprio sopro da vida, sem o qual não posso viver!”

“Oh, cale-se, Mr. McMurdo, não diga isso!” respondeu a moça. “Não lhe disse que chegou tarde demais? Há um homem, e, embora eu não tenha aceitado me casar com ele de imediato, nem por isso posso fazer essa promessa para um outro.”

“Suponhamos que eu tivesse chegado primeiro, Ettie, teria tido uma chance?”

A jovem mergulhou a cabeça nas mãos. “Céus, como gostaria que tivesse sido o primeiro!” disse, a soluçar.

McMurdo ajoelhou-se a seus pés no mesmo instante. “Pelo amor de Deus, Ettie, não leve isso adiante!” exclamou. “Vai arruinar a sua vida e a minha por causa dessa promessa? Siga o seu coração, *acushla!* Ele é um guia mais seguro do que qualquer promessa feita quando você não sabia o que estava dizendo.”

Ele prendera a clara mão de Ettie entre as suas, fortes e morenas.

“Diga que será minha, e enfrentaremos isso juntos!”

“Não aqui!”

“Sim, aqui.”

“Não, não, Jack!” Os braços dele a envolviam agora. “Não poderia ser aqui. Poderia me levar embora?”

Por um momento o semblante de McMurdo foi de conflito; mas por fim imobilizou-se como granito. “Não, aqui”, disse ele. “Eu a possuirei contra o mundo, Ettie, aqui mesmo onde estamos!”

“Por que não poderíamos ir os dois embora daqui?”

“Não, Ettie. Não posso ir embora.”

“Mas por quê?”

“Eu nunca mais voltaria a andar de cabeça erguida se me sentisse expulso. Além disso, o que temos a temer? Não somos pessoas livres num país livre? Se você me ama, e eu a amo, quem ousará interpor-se entre nós?”

“Você não sabe, Jack. Faz muito pouco tempo que está aqui. Não conhece esse Baldwin. Não conhece McGinty e seus Scowrers.”

“Não, não os conheço, não tenho medo deles e não acredito neles!” disse McMurdo. “Vivi entre homens rudes, minha querida, e em vez de ter medo deles, sempre acabei deixando-os com medo de mim – sempre, Ettie. Isso é obviamente uma loucura! Se esses homens, como diz o seu pai, cometeram um crime atrás do outro no vale, e se todos os conhecem pelo nome, como se explica que nenhum tenha sido levado aos tribunais? Responda-me isto,

Ettie!”

“Porque nenhuma testemunha ousa depor contra eles. Não viveria um mês se o fizesse. E também porque eles sempre têm algum de seus próprios homens para jurar que o acusado estava longe da cena do crime. Mas com certeza você deve ter lido tudo isso. Eu estava certa de que todos os jornais nos Estados Unidos vinham escrevendo sobre isso.”

“Bem, li alguma coisa, é verdade, mas achei que estavam inventando. Talvez esses homens tenham algum motivo para fazer o que fazem. Talvez tenham sido injustamente tratados e não tenham outra maneira de se defender.”

“Oh, Jack, não me faça ouvi-lo falar assim! É assim que ele fala – o outro!”

“Baldwin... é assim que ele fala?”

“E é por isso que o abomino tanto. Oh, Jack, agora posso lhe contar a verdade. Detesto-o de todo o meu coração, mas tenho medo dele também. Tenho medo por mim mesma, mas sobretudo por meu pai. Sei que um profundo sofrimento poderia recair sobre nós se eu ousasse dizer o que realmente sinto. Foi por isso que me esquivei dele com meias promessas. Era verdadeiramente nossa única esperança. Mas se você fugir comigo, Jack, poderíamos levar o pai conosco e viver para sempre longe do poder desses homens cruéis.”

Mais uma vez uma luta se refletiu na face de McMurdo, e mais uma vez ela se imobilizou como granito. “Não lhe acontecerá nada de mau, Ettie... nem a seu pai. Quanto aos homens cruéis, creio que você pensará que sou tão mau quanto o pior deles antes de terminarmos com isto.”

“Não, não, Jack! Eu confiaria em você em qualquer lugar.”

McMurdo riu com amargura. “Meu Deus! Como você me conhece pouco! Sua alma inocente, minha querida, não poderia sequer imaginar o que se passa na minha. Mas, olá, quem é o visitante?”

A porta se abriu de repente, dando passagem a um jovem que entrou com um andar arrogante, como se fosse o dono da casa. Bonito e garboso, tinha mais ou menos a mesma idade e compleição que McMurdo. Sob um chapéu de feltro preto de abas largas, que ele não se dera ao trabalho de remover, um rosto bonito com olhos intensos e nariz aquilino fitava ferozmente o par sentado ao pé do fogão.

Ettie levantara-se de um salto, muito confusa e alarmada. “É um prazer

vê-lo, Mr. Baldwin”, disse. “Chegou mais cedo do que eu esperava. Queira sentar-se.”

Baldwin ficou parado, as mãos nos quadris, encarando McMurdo. “Quem é esse?” perguntou secamente.

“É um amigo meu, Mr. Baldwin, nosso novo hóspede. Mr. McMurdo, posso apresentá-lo a Mr. Baldwin?”

Os dois jovens trocaram cumprimentos de cabeça.

“Miss Ettie teria lhe contado sobre nós?” perguntou Baldwin.

“Não sabia que havia algum tipo de relação entre vocês.”

“Não? Bem, pois fique sabendo agora. Posso informá-lo de que esta jovem dama pertence a mim, e com certeza esta lhe parecerá uma bela noite para uma caminhada.”

“Muito obrigado. Não estou com nenhuma disposição para caminhar.”

“Ah, não?” Os olhos selvagens do homem fuzilavam de cólera. “Estaria talvez com disposição para uma luta, Mr. Hóspede?”

“Isto sim!” gritou McMurdo, levantando-se. “Nunca ouvi uma sugestão mais agradável!”

“Pelo amor de Deus, Jack! Oh, pelo amor de Deus”, gritou Ettie, desesperada. “Oh, Jack, Jack, ele vai machucar você.”

“Ah, já o chama de Jack?” vociferou Baldwin, com uma blasfêmia. “Então já chegaram a esse ponto, é?”

“Oh, Ted, seja sensato, seja bom! Faça isso por mim, Ted, se algum dia me amou, seja generoso e clemente!”

“Acho que se você nos deixasse sozinhos, Ettie, poderíamos resolver isto”, interveio McMurdo com calma. “Ou talvez Mr. Baldwin queira dar uma volta pela rua comigo. Faz uma bela noite, e há um terreno baldio depois do próximo quarteirão.”



“Estaria talvez com disposição para uma luta, Mr. Hóspede?” ‘Isto sim!’ gritou McMurdo, levantando-se. ‘Nunca ouvi uma sugestão mais agradável!’” [Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

“Vou ajustar contas com você sem precisar sujar as mãos”, disse o rival. “Vai se arrepender do dia em que pôs os pés nesta casa antes mesmo de eu acabar com você!”

“Não há hora melhor do que esta”, exclamou McMurdo.

“Escolherei minha própria hora. Deixe isso comigo. Veja!” De repente, enrolou a manga e mostrou em seu antebraço um sinal peculiar que parecia ter sido feito com ferro em brasa. Era um círculo com um triângulo dentro dele. “Sabe o que isto significa?”

“Não sei nem quero saber!”

“Mas vai saber, isso eu lhe prometo. E não falta muito. Talvez Miss Ettie possa lhe dizer alguma coisa a esse respeito. Quanto a você, Ettie, você voltará para mim de joelhos – está ouvindo, garota? –, de joelhos... e então lhe direi qual será o seu castigo. Vocês semearam... e, por Deus, eu os farei colher!” Lançou um olhar furioso para os dois. Em seguida deu meia-volta e um instante depois a porta da rua bateu atrás dele.

McMurdo e a moça permaneceram alguns instantes em silêncio. Depois ela o envolveu nos braços.

“Oh, Jack, como você foi corajoso! Mas é inútil, você tem de fugir. Esta

noite, Jack... esta noite! É sua única esperança. Ele o matará. Li em seus olhos terríveis. Que chance tem você contra uma dúzia deles, com o chefe McGinty e todo o poder da loja por trás?”

McMurdo desvencilhou-se das mãos dela, beijou-a e empurrou-a suavemente de volta numa cadeira. “Calma, *acushla!* Não fique perturbada ou com medo por mim. Também sou membro dos Homens Livres, já contei isto a seu pai. Talvez eu não seja melhor que os outros; portanto, não me tome por santo. Não me odeia também, agora que lhe contei isto?”

“Odiá-lo, Jack? Enquanto eu viver, jamais poderei fazê-lo! Ouvi dizer que não há nenhum mal em pertencer aos Homens Livres em qualquer lugar, só aqui; então por que deveria pensar mal de você por isso? Mas se é membro dessa Ordem, Jack, por que não vai lá e faz amizade com o chefe McGinty? Oh, vá depressa, Jack, depressa! Apresente-se primeiro, ou os canalhas estarão no seu rastro.”

“Eu estava pensando a mesma coisa”, disse McMurdo. “Irei sem demora e resolverei isso. Pode dizer ao seu pai que dormirei aqui esta noite e arranjaré outro canto amanhã de manhã.”

O *saloon* de McGinty estava cheio como sempre, pois era ali que os elementos mais rudes da cidade gostavam de matar o tempo. O homem era estimado, pois tinha uma índole animada, jovial, que mascarava muita coisa. Mas, afóra essa popularidade, o medo que inspirava a toda a população da cidade, e de fato pelos quase cinquenta quilômetros do vale e além das montanhas que o limitavam dos dois lados, era suficiente por si só para lotar o *saloon*, porque ninguém podia se dar ao luxo de não cultivar sua boa vontade.

Além dos poderes secretos que todos acreditavam que ele exercia implacavelmente, McGinty era um funcionário público graduado, um conselheiro municipal e intendente das estradas, eleito para o cargo graças aos votos dos fora da lei, que esperavam receber favores em troca. Impostos e taxas eram exorbitantes; as obras públicas, notoriamente negligenciadas; auditores subornados faziam vista grossa às irregularidades nas contas; e o cidadão decente era induzido pelo terror a ceder à extorsão pública e ficar de bico calado para evitar que coisa pior lhe acontecesse.

Foi assim que, ano após ano, os alfinetes de diamante do chefe McGinty tornaram-se mais espalhafatosos, correntes de ouro mais pesadas cruzavam coletes mais vistosos, e seu *saloon* foi se expandindo, até ameaçar ocupar um lado inteiro da Market Square.

McMurdo empurrou a porta de vaivém do *saloon* e avançou por entre a multidão de homens apinhada lá dentro, em meio a uma atmosfera embaçada de fumaça de tabaco e fedendo a álcool. O lugar era intensamente iluminado, e em todas as paredes imensos espelhos em elaboradas molduras douradas refletiam e multiplicavam a feérica iluminação. Vários barmen em mangas de camisa trabalhavam sem descanso preparando drinques para os ociosos alinhados no largo balcão com adornos de latão.

Na ponta do balcão, o corpo apoiado nele e um charuto pendendo num ângulo agudo do canto da boca, via-se um homem alto, forte e robusto que não podia ser outro senão o popular McGinty. Era um gigante de juba preta, a barba chegando às maçãs do rosto e a cabeleira negra caindo-lhe sobre o colarinho. A tez era morena como a de um italiano e os olhos, de um estranho preto fosco, o que, combinado a um ligeiro estrabismo, lhe dava uma aparência particularmente sinistra.

Tudo o mais no homem – as proporções nobres, os traços finos e a atitude franca – correspondia às maneiras joviais e diretas que ele afetava. Ali estava, dir-se-ia, um sujeito brusco e honesto, em quem tudo, por mais rudes que soassem suas palavras sinceras, sugeria um bom coração. Mas bastava aqueles olhos escuros, foscos e implacáveis fixarem-se num homem para que este se encolhesse todo, sentindo-se face a face com uma infinita possibilidade de maldade latente, apoiada em tamanha força, coragem e astúcia que se tornava mil vezes mais mortífera.

Depois de dar uma boa olhada em seu homem, McMurdo foi abrindo passagem com os cotovelos com a audácia negligente de sempre, e se enfiou no grupinho de bajuladores que cercava o poderoso chefe, rindo a bandeiras despregadas da menor de suas piadas. Os atrevidos olhos cinza do jovem forasteiro fitaram de volta sem medo, através dos óculos, os mortíferos olhos pretos que se voltaram de súbito para ele.



“Olá, rapaz, não consigo me lembrar do seu rosto.” [Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

“Olá, rapaz, não consigo me lembrar do seu rosto.”

“Sou novo aqui, Mr. McGinty.”

“Não tão novo que não possa dar a um cavalheiro o título que lhe cabe.”

“Ele é o conselheiro McGinty, rapaz”, disse uma voz saída do grupo.

“Desculpe-me, conselheiro. Não conheço as maneiras do lugar. Mas aconselharam-me a vir vê-lo.”

“Bem, está me vendo. Não há mais nada. O que pensa de mim?”

“Creio que ainda é cedo para julgá-lo. Se tiver o coração grande como o corpo, e a alma bela como o rosto, eu não pediria nada melhor”, respondeu McMurdo.

“Valha-me Deus! Não há dúvida de que você sabe falar como um irlandês”, exclamou o taberneiro, sem saber ao certo se devia agradecer a esse visitante audacioso ou exigir respeito.

“Então é bondoso o bastante para aprovar minha aparência?”

“Sem dúvida”, disse McMurdo.

“E lhe disseram para vir me ver?”

“Sim.”

“E quem foi?”

“O irmão Scanlan da Loja 341, Vermissa. Bebo à sua saúde, conselheiro, e a que nos conheçamos melhor.” Levou aos lábios o copo que lhe haviam servido, levantando o dedo mindinho enquanto bebia.

McGinty, que o estivera observando atentamente, alçou as negras e grossas sobrancelhas. “Oh, então é assim?” disse. “Terei de examinar seu caso com um pouco mais de atenção, Mr...”

“McMurdo.”

“Com um pouco mais de atenção, Mr. McMurdo. Pois não confiamos nas pessoas às cegas por aqui, nem acreditamos em tudo que nos dizem. Chegue aqui um instante, atrás do balcão.”

Havia uma saleta ali, lotada de barris. Após fechar a porta com cuidado, McGinty aboletou-se num deles, mordendo pensativamente o charuto e examinando o companheiro com aqueles olhos inquietantes. Por uns dois minutos, permaneceu em completo silêncio. McMurdo tolerou a inspeção com bom humor, uma das mãos no bolso do paletó, a outra torcendo seu bigode castanho. De repente McGinty inclinou-se e mostrou um revólver.

“Olhe aqui, seu engraçadinho – se eu pensasse que está aprontando alguma para nós, a brincadeira terminaria depressa.”

“É uma estranha acolhida”, respondeu McMurdo com alguma dignidade, “para o mestre de uma loja dos Homens Livres dar a um irmão recém-chegado.”

“Sim, mas é isso mesmo que você tem de provar”, disse McGinty, “e Deus o ajude se não conseguir! Onde foi iniciado?”

“Loja 29, Chicago.”

“Quando?”

“Dia 24 de junho de 1872.”

“Quem era o mestre da loja?”

“James H. Scott.”

“Quem era o dirigente regional?”

“Bartholomew Wilson.”

“Hum! Parece responder com bastante desenvoltura. O que está fazendo

aqui?”

“Trabalhando, assim como o senhor... mas num emprego mais humilde.”

“Tem a resposta sempre na ponta da língua.”

“Sim, minha palavra sempre foi rápida.”

“É rápido no gatilho?”

“Tive essa reputação entre os que mais me conheciam.”

“Bem, podemos pô-lo à prova mais cedo do que pensa. Ouviu falar alguma coisa da loja por aqui?”

“Ouvi dizer que é preciso ser homem para ser um irmão.”

“Será assim para você, McMurdo. Por que deixou Chicago?”

“Ah, isso eu nunca vou lhe contar!”

McGinty arregalou os olhos. Não estava acostumado a receber respostas desse tipo, e isso o divertiu. “Por que não?”

“Porque um irmão não pode contar uma mentira a outro.”

“Então a verdade é ruim demais para ser contada?”

“Pode pôr a coisa assim, se quiser.”

“Escute aqui, não pode esperar que eu, o mestre de uma loja, admita nela um homem por cujo passado não posso responder.”

McMurdo pareceu perplexo. Depois tirou um velho recorte de jornal de um bolso interno.

“Não delataria um companheiro?” perguntou.

“Vou lhe esquentar a cara se falar assim comigo!” exclamou McGinty, furioso.

“Tem razão, conselheiro”, respondeu McMurdo com humildade. “Devo me desculpar. Falei sem pensar. Bem, sei que estou em segurança em suas mãos. Veja este recorte.”

McGinty passou os olhos pela notícia da morte a tiros de um tal Jonas Pinto, no Lake Saloon, Market Street, Chicago, na semana do ano-novo de 1874.

“Trabalho seu?” perguntou, devolvendo o jornal.

McMurdo assentiu com a cabeça.

“Por que atirou nele?”

“Eu estava ajudando o Tio Sam a fabricar dólares. Talvez os meus não fossem de um ouro tão bom quanto os dele, mas tinham ótima aparência e eram de fabricação mais barata. Esse Pinto me ajudou a empurrar o arame...”

“A fazer o quê?”

“Bem, isso significa pôr os dólares em circulação. Depois ele ameaçou me alcaguetar. Talvez o tenha feito. Não esperei para ver. Simplesmente apaguei o sujeito e fugi para a região do carvão.”

“Por que a região do carvão?”

“Porque havia lido nos jornais que eles não são muito exigentes por aqui.”

McGinty riu. “Você foi primeiro falsário, depois assassino, e veio para estas bandas porque pensou que seria bem-vindo?”

“Mais ou menos isso.”

“Bem, creio que você vai longe. Diga-me, ainda é capaz de fazer aqueles dólares?”

McMurdo tirou meia dúzia de moedas do bolso. “Estas aqui nunca passaram pela casa de cunho de Washington”, disse.

“Não me diga!” McGinty segurou-as à luz em sua manzorra, peluda como a de um gorila. “Não consigo ver nenhuma diferença. Céus! Acho que você nos será de grande utilidade, irmão! Estamos precisando de um ou dois homens maus entre nós, amigo McMurdo, pois às vezes temos de nos defender. Se não empurrássemos de volta os que nos empurram, logo nos veríamos contra a parede.”

“Bem, acho que darei minha cota de empurrões com o resto dos rapazes.”

“Você parece ter bastante sangue-frio. Não estremeceu quando lhe apontei este revólver.”

“Não era eu quem estava em perigo.”

“Quem era, então?”

“Era o senhor, conselheiro.” McMurdo sacou uma pistola engatilhada do bolso lateral da japona. “Eu o tive sob minha mira o tempo todo. Acho que meu tiro teria sido mais rápido que o seu.”

“Barbaridade!” McGinty ficou rubro de raiva e depois caiu numa sonora gargalhada. “Ah! Há muitos anos não aparece por aqui um maroto do seu calibre. Creio que a loja vai aprender a se orgulhar de você... Bem, que diabo está querendo? Não posso conversar sozinho com um cavalheiro por cinco minutos sem que você venha se intrometer?”

O barman ficou desconcertado. “Desculpe-me, conselheiro, mas é Ted Baldwin. Ele diz que precisa falar com o senhor agora mesmo.”

A mensagem foi desnecessária, pois o rosto rígido e cruel do próprio

homem olhava por sobre o ombro do empregado. Ele empurrou o barman para fora e fechou-lhe a porta na cara.

“Então”, disse, lançando um olhar furioso para McMurdo, “chegou aqui primeiro, é? Tenho uma palavra a lhe dizer sobre esse homem, conselheiro.”

“Então diga-a aqui e agora, na minha frente”, exclamou McMurdo.

“Vou dizê-la quando e como bem entender.”

“Vamos! Vamos!” disse McGinty, levantando-se do barril. “Assim não pode ser. Temos um novo irmão aqui, Baldwin, e isso não são maneiras de recebê-lo. Estenda a mão, homem, e faça as pazes com ele!”

“Nunca!” exclamou Baldwin, furioso.

“Ofereci-me para lutar com ele caso tenha se julgado ofendido”, disse McMurdo. “Lutarei com os punhos, ou, se isso não o satisfizer, da maneira que ele escolher. Agora deixo em suas mãos, conselheiro, julgar entre nós como compete ao mestre da loja.”

“Do que se trata, afinal?”

“De uma jovem. Ela é livre para escolher por si mesma.”

“É mesmo?” exclamou Baldwin.

“Em se tratando de dois irmãos da loja, eu diria que sim”, disse o chefe.

“Ah, essa é a sua decisão?”

“Sim, é, Ted Baldwin”, disse McGinty com um olhar impiedoso. “É você que iria contestá-la?”

“Então abandonaria alguém que está há cinco anos a seu lado em favor de um homem que nunca viu na vida? Não é mestre da loja vitalício, Jack McGinty e, por Deus!, na próxima votação...”

O conselheiro saltou sobre ele como um tigre. Agarrou-lhe o pescoço e jogou-o contra um dos barris. Em sua fúria louca, ele o teria esganado até matá-lo, se McMurdo não tivesse interferido.

“Calma, conselheiro! Pelo amor de Deus, tenha calma!” exclamou, arrastando-o para trás.



“Agarrou-lhe o pescoço e jogou-o contra um dos barris.” [Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

McGinty soltou a presa, e Baldwin, assustado e abalado, ofegando e tremendo como quem esteve à beira da morte, sentou-se sobre o barril contra o qual fora jogado.

“Você está pedindo isso há muitos dias, Ted Baldwin – agora recebeu!” bradou McGinty, o peito enorme arfando. “Talvez pense que, se votassem contra a minha permanência como mestre da loja, o cargo seria seu. Cabe à loja dizer isso. Mas, enquanto eu for o chefe, não admitirei que homem algum levante a voz contra mim ou minhas decisões.”

“Não tenho nada contra o senhor”, murmurou Baldwin, apalpando a garganta.

“Bem, nesse caso”, exclamou o outro, num rompante brusco e jovial, “somos todos bons amigos de novo e a questão está liquidada.”

Passou a mão numa garrafa de champanhe que estava sob uma prateleira e torceu a rolha.

“Atenção”, continuou, enchendo três copos altos. “Vamos fazer um brinde para selar o fim das querelas na loja. Esse gesto, como sabem, apaga qualquer rancor entre nós. Agora, com a mão esquerda sobre o meu pomo de adão, eu lhe pergunto: qual é a ofensa, Ted Baldwin?”

“As nuvens estão carregadas”, respondeu Baldwin.

“Mas elas haverão de brilhar para sempre.”

“E isto eu juro!”

Os três homens esvaziaram seus copos e a mesma cerimônia foi realizada entre Baldwin e McMurdo.

“Pronto!” exclamou McGinty, esfregando as mãos. “Este é o fim do ressentimento. Se a coisa for adiante, você estará sujeito à disciplina da loja, e ela tem a mão pesada por aqui, como o irmão Baldwin sabe... e como você vai descobrir logo, logo, irmão McMurdo, se procurar confusão.”

“Não terei nenhuma pressa de me enrascar”, disse McMurdo. Estendeu a mão para Baldwin. “Sou rápido para brigar e rápido para perdoar. Dizem que é o meu sangue quente de irlandês. Mas para mim a questão está encerrada, e não guardarei nenhum rancor.”

Baldwin teve de apertar a mão oferecida, pois o olhar maligno do terrível chefe estava sobre ele. Mas seu rosto emburrado mostrava quão pouco as palavras do outro o haviam impressionado.

McGinty bateu as mãos nos ombros de ambos. “Ora! Essas moças! Essas moças!” exclamou. “Pensar que as mesmas saias se meteram entre dois de meus rapazes! É muito azar! Bem, é a moça dentro delas quem deve decidir a questão; pois isso, graças a Deus, está fora da jurisdição de um mestre de loja! Mesmo sem esse problema, já temos muito com que nos preocupar. Terá de se filiar à Loja 341, irmão McMurdo. Temos nossos próprios costumes e métodos, diferentes dos de Chicago. Nossa reunião é aos sábados à noite, e, se comparecer, nós o libertaremos para sempre do vale Vermessa.”

III. LOJA 341, VERMISSA

NO DIA SEGUINTE à noite marcada por tantos acontecimentos eletrizantes, McMurdo deixou o quarto que ocupava na pensão do velho Jacob Shafter e viúva MacNamara, nos arredores da cidade. Pouco depois, Scanlan, o homem que ele conhecera no trem, teve oportunidade de se mudar para Vermissa e os dois passaram a morar juntos. Não havia nenhum outro hóspede, e a senhoria, uma velha irlandesa de boa paz, não se intrometia na vida deles, de modo que os dois gozavam da liberdade para conversar que homens com segredos em comum tanto apreciam.

Como Shafter havia abrandado a ponto de permitir que McMurdo fizesse as refeições em sua casa quando lhe aprouvesse, as relações do rapaz com Ettie não haviam sofrido nenhuma ruptura. Ao contrário, tornavam-se mais estreitas e íntimas à medida que as semanas se passavam.

Em seu quarto, na nova casa, McMurdo sentia-se seguro para expor os moldes das moedas, e, sob muitas juras de sigilo, vários irmãos da loja foram autorizados a ir vê-los, e todos saíam levando no bolso alguns exemplares do dinheiro falso, tão habilmente cunhado que nunca havia a menor dificuldade em repassá-lo. Por que, dominando tão maravilhosa arte, McMurdo se sentia na obrigação de trabalhar, era um mistério insondável para seus companheiros, embora ele deixasse claro para todos que lhe perguntavam que, se vivesse sem nenhuma fonte de renda visível, isso poria a polícia em seu rastro muito depressa.

Na verdade, já havia um policial na sua cola; mas o incidente, no fim das contas, acabou fazendo ao aventureiro muito mais bem do que mal. Depois de sua primeira ida ao *saloon* de McGinty, eram raras as noites em que não voltava lá, para melhor se familiarizar com “os rapazes”, jovial epíteto pelo qual os membros do perigoso bando que infestava o lugar se chamavam uns aos outros. As maneiras arrojadadas e o modo destemido de falar faziam dele o favorito de todos; ao mesmo tempo, a forma rápida e científica como se livrou do adversário numa briga de bar valeu-lhe o respeito daquela rude comunidade. Um outro incidente, no entanto, elevou-o ainda mais na estima geral.

Certa noite, na hora de maior movimento, a porta se abriu para dar passagem a um homem com o discreto uniforme azul e o barrete pontudo da Polícia do Carvão e do Ferro. Esse era um corpo especial formado pelos proprietários das ferrovias e das minas de carvão para suplementar os esforços da polícia civil regular, que se via inteiramente impotente diante do banditismo organizado que aterrorizava o distrito. Todos silenciaram quando ele entrou, e muitos lhe lançaram olhares curiosos; mas as relações entre policiais e criminosos são peculiares em algumas partes dos Estados Unidos, e o próprio McGinty, postado atrás de seu balcão, não mostrou nenhuma surpresa quando o recém-chegado se misturou aos demais fregueses.

“Um uísque puro, porque a noite está de um frio cortante”, disse o policial. “Creio que ainda não nos conhecemos, não é conselheiro?”

“Será o novo capitão?” perguntou McGinty.

“Isso mesmo. Esperamos que o senhor, conselheiro, e os outros cidadãos eminentes nos ajudem a manter a lei e a ordem nesta cidade. Meu nome é capitão Marvin.”

“Estariamos melhor sem o senhor, capitão Marvin”, disse McGinty friamente, “pois temos nossa própria polícia distrital e não precisamos de artigos importados. O que são vocês senão o instrumento remunerado dos capitalistas, contratados por eles para espancar ou fuzilar seus pobres concidadãos?”

“Ora, ora, não vamos brigar por isso”, disse o policial, sem perder o bom humor. “Creio que todos nós cumprimos o que nos parece ser o nosso dever; mas não podemos todos vê-lo da mesma maneira.” Havia esvaziado o copo e se virara para sair quando bateu os olhos em Jack McMurdo, que, a seu lado, o fitava com cara de poucos amigos. “Olá! Olá!” exclamou, olhando-o de alto a baixo. “Cá está um velho conhecido!”

McMurdo afastou-se. “Nunca fui seu amigo, nem de qualquer outro maldito polícia na minha vida!” exclamou.

“Um conhecido nem sempre é um amigo”, disse o capitão, abrindo um sorriso. “Você é Jack McMurdo de Chicago, com certeza, não queira negar!”

McMurdo sacudiu os ombros. “Não estou negando”, retrucou. “Pensa que tenho vergonha do meu próprio nome?”

“Tem boas razões para tanto, pelo menos.”

“Que diabo quer dizer com isso?” rosnou McMurdo, os punhos cerrados.

“Não, não, Jack, isso não funciona comigo. Eu era policial em Chicago

antes de ter de pôr os pés nesta maldita carvoaria, e reconheço um velhaco de Chicago quando vejo um.”

McMurdo ficou desconcertado. “Não me diga que é Marvin, da Polícia Central de Chicago!” exclamou.



“Eu era policial em Chicago antes de ter de pôr os pés nesta maldita carvoaria, e reconheço um velhaco de Chicago quando vejo um.” [Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

“Exatamente o mesmo velho Teddy Marvin, a seu dispor. Não esquecemos o fuzilamento de Jonas Pinto por lá.”

“Nunca atirei nele.”

“Ah não? Sua palavra é uma prova boa e imparcial, não é? Bem, a morte dele veio a calhar para você, ou o teriam prendido como falsário. Mas podemos jogar uma pá de cal no passado; pois, cá entre nós – e talvez eu esteja indo além de meu dever ao lhe contar –, eles não conseguiram nenhuma prova contra você, e nada o impediria de voltar para Chicago amanhã.”

“Estou muito bem onde estou.”

“Bem, dei-lhe a informação, e você é um cão rabugento se não me agradece por isso.”

“Bem, suponho que está com boas intenções e lhe agradeço”, disse McMurdo, um pouco a contragosto.

“Ficarei de bico calado enquanto vir que está agindo às direitas”, disse o capitão. “Mas, por Deus! Se sair da linha de agora em diante, será uma outra história! Então boa noite para você... e boa noite, conselheiro.”

O capitão deixou o *saloon*; não antes, porém, de criar um herói local. Já se cochichava antes sobre os feitos de McMurdo em Chicago. Ele se esquivara de todas as perguntas com um sorriso, como alguém que não repelia a glória. Mas agora a coisa estava oficialmente confirmada. Os vadios que enchiam o bar o cercaram e sacudiram-lhe a mão com vigor. Ele se sentiu um membro livre da comunidade a partir desse momento. Era capaz de beber muito e mostrar poucos sinais disso, mas naquela noite, se o seu companheiro Scanlan não estivesse disponível para levá-lo para casa, o festejado herói teria por certo passado a noite debaixo do balcão.

Numa noite de sábado, McMurdo foi admitido na loja. Ele pensava que seu ingresso se faria sem cerimônia, já que era um iniciado de Chicago; mas havia em Vermessa ritos particulares que eram motivo de orgulho e pelos quais todo postulante devia passar. A assembleia se reunia numa ampla sala reservada para esse fim na Union House. A ordem tinha cerca de sessenta membros em Vermessa, mas isso não representava nem de longe o efetivo completo da organização, pois havia várias outras lojas no vale, e outras ainda além das montanhas de ambos os lados. Elas permutavam membros quando qualquer assunto sério estava em jogo, o que permitia que crimes fossem cometidos por homens estranhos à localidade. No total, a ordem tinha nada menos que quinhentos membros espalhados pela região carbonífera.

Na despojada sala de reunião, os homens abancavam-se numa mesa comprida. Ao lado havia uma segunda, tomada por garrafas e copos, à qual alguns membros do grupo já lançavam olhares compridos. McGinty sentou-se à cabeceira, com um capelo de veludo preto sobre a cabeleira negra e emaranhada e uma estola roxa em torno do pescoço, parecendo um sacerdote a presidir um ritual diabólico. À sua direita e à esquerda sentaram-se as autoridades mais graduadas da loja, e entre elas via-se o rosto bonito e cruel de Ted Baldwin. Cada um desses homens usava uma estola ou medalhão como emblema de seu cargo.

Em sua maioria, eram homens de idade madura; mas o restante do grupo era formado por rapazes entre os dezoito e os vinte e cinco anos, os agentes aptos e competentes que cumpriam as ordens dos mais velhos. Entre estes últimos, havia muitos cujos traços revelavam almas sanguinárias, visceralmente delinquentes; olhando os membros comuns, porém, era difícil acreditar que aqueles jovens entusiastas, de expressão honesta, formassem na verdade um perigoso bando de assassinos, cujas mentes haviam sofrido tamanha perversão moral que eles sentiam um orgulho desmedido de sua competência no negócio, nutrindo o mais profundo respeito por aqueles que tinham a reputação de fazer o que chamavam de “serviço limpo”.

Para suas naturezas deformadas, tornara-se algo corajoso e cavalheiresco oferecer-se para serviços contra um homem que jamais os ofendera, e a quem em muitos casos nunca tinham visto em suas vidas. Uma vez cometido o crime, disputavam quem havia dado o golpe fatal, e se divertiam mutuamente descrevendo os gritos e contorções da vítima.

A princípio haviam mantido algum sigilo em torno de suas tramas, mas na época descrita por esta narrativa seus procedimentos eram mais que ostensivos, já que, por um lado, o reiterado fracasso da lei provaria-lhes que ninguém ousaria testemunhar contra eles e, por outro, dispunham de um número ilimitado de dóceis testemunhas que podiam convocar e de um cofre abarrotado de onde podiam tirar recursos para contratar os maiores talentos jurídicos do estado. Em dez longos anos de atrocidades, os Scowrers não haviam recebido uma só condenação, e o único perigo que vez por outra os ameaçava residia na própria vítima – a qual, ainda que em grande inferioridade numérica e apanhada de surpresa, podia deixar sua marca sobre os atacantes e por vezes o fazia.

McMurdo fora advertido de que teria de passar por uma prova, mas ninguém quisera lhe contar no que ela consistia. Viu-se então conduzido a uma antessala por dois solenes irmãos. Pela divisória de tábuas, podia ouvir o burburinho da assembleia dentro do recinto. Uma ou duas vezes, captou o som do próprio nome, e soube que discutiam sua candidatura. Depois entrou um guarda interno do templo, uma faixa verde e dourada cruzando-lhe o peito.

“O mestre da loja ordena que ele seja amarrado, vendado e introduzido”, disse ele.

Os três tiraram-lhe o paletó, arregaçaram a manga do braço direito e por fim envolveram-no com uma corda acima dos cotovelos e apertaram-na. Em

seguida cobriram sua cabeça e a parte superior do rosto com um grosso capuz preto, cegando-o por completo. Levaram-no então para a sala de reunião.

Estava escuro como breu sob o sufocante capuz. Ele ouviu o ruge-ruge e o burburinho à sua volta e depois a voz de McGinty, soando surda e distante através do pano que lhe cobria os ouvidos.

“John McMurdo”, disse a voz, “já é membro da Venerável Ordem dos Homens Livres?”

Ele anuiu com a cabeça.

“Pertence à loja 29, Chicago?”

Novo gesto de assentimento.

“Noites escuras são desagradáveis”, disse a voz.

“Sim, para forasteiros viajarem”, respondeu ele.

“As nuvens estão carregadas.”

“Sim, uma tempestade se aproxima.”

“Os irmãos estão satisfeitos?” perguntou o mestre da loja.

Houve um murmúrio geral de assentimento.

“Sabemos, irmão, pela senha e a contrassenha que nos deu, que é realmente um de nós”, disse McGinty. “Gostaríamos que soubesse, porém, que neste e em outros condados desta região temos certos ritos e também certas obrigações próprias que exigem homens de coragem. Está pronto para ser posto à prova?”

“Estou.”

“Tem um coração robusto?”

“Tenho.”

“Dê um passo adiante para prová-lo.”

Quando estas palavras foram ditas ele sentiu duas pontas duras diante dos olhos, pressionando-os de tal maneira que lhe pareceu que não poderia avançar sem o perigo de perdê-los. Apesar disso, conseguiu reunir coragem para pisar resolutamente à frente, e quando o fez a pressão se desvaneceu. Houve um discreto murmúrio de aplauso.

“Ele tem coração forte”, disse a voz. “É capaz de suportar a dor?”

“Como qualquer homem”, respondeu ele.

“Ponham-no à prova!”

Só o que pôde fazer foi se conter para não soltar um grito porque uma dor lancinante lhe atravessou o antebraço. Quase desmaiou sob o choque

repentino, mas mordeu os lábios e cerrou as mãos para ocultar sua agonia.

“Suporto mais do que isto”, declarou.

Dessa vez ouviu-se um fragoroso aplauso. Nunca se vira na loja apresentação mais excelente. Deram-lhe palmadas nas costas e arrancaram-lhe o capuz da cabeça. Ele ficou parado, piscando e sorrindo, em meio às congratulações dos irmãos.

“Uma última palavra, irmão McMurdo”, disse McGinty. “Já fez o juramento de sigilo e fidelidade, mas está ciente de que, se ele for violado, a punição é a morte sumária e inexorável?”

“Sim”, disse McMurdo.

“E aceita a autoridade do atual mestre da loja em quaisquer circunstâncias?”

“Aceito.”



“Quase desmaiou sob o choque repentino, mas mordeu os lábios e cerrou as mãos para ocultar sua agonia. ‘Suporto mais do que isto’, declarou.” [Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

“Então, em nome da Loja 341 de Vermessa, dou-lhe as boas-vindas a seus privilégios e debates. Ponha a bebida sobre a mesa, irmão Scanlan, e bebamos ao nosso valoroso irmão.”

O paletó de McMurdo lhe fora levado; antes de vesti-lo, porém, ele

examinou seu braço direito, que ainda ardia intensamente. Ali, na carne do antebraço, estava um círculo com um triângulo dentro, profundo e vermelho, como o ferro de marcar o deixara. Um ou dois vizinhos arregaçaram as mangas e mostraram as próprias marcas da loja.

“Todos nós a temos”, disse um, “mas nem todos fomos tão corajosos quanto você ao recebê-la.”

“Ora! Não foi nada”, disse ele; mas isso não impediu a ferida de queimar e doer.

Depois de consumidas todas as bebidas servidas após a cerimônia de iniciação, a loja passou aos demais assuntos em pauta. McMurdo, habituado aos procedimentos prosaicos de Chicago, ouviu o que se seguiu de orelha em pé e com mais surpresa do que se atreveu a manifestar.

“O primeiro assunto na agenda”, disse McGinty, “é esta carta do chefe de divisão Windle, da Loja 249 do condado de Merton. Ele diz:

Caro senhor,

Há um serviço a ser feito junto a Andrew Rae, da Rae & Sturmash, proprietário de minas de carvão perto deste lugar. Por certo se lembra de que sua loja nos deve uma retribuição, tendo tido o auxílio de dois dos nossos irmãos na questão do guarda no outono passado. Peço que nos envie dois homens corajosos. Eles ficarão aos cuidados do tesoureiro Higgins desta loja, cujo endereço conhece. Ele lhes mostrará quando e onde agir. Seu irmão na liberdade,

J.W. Windle, C.D.V.O.H.L.

“Windle nunca nos deixou na mão quando tivemos ocasião de pedir um ou dois homens emprestados, e não podemos frustrá-lo.” McGinty fez uma pausa e passeou pela sala seus olhos opacos e cruéis. “Quem se oferece para o serviço?”

Vários rapazes levantaram a mão. O mestre da loja fitou-os com um sorriso satisfeito.

“Você serve, Tigre Cormac. Se tratar do assunto tão bem quanto da última vez, não vai errar. E você, Wilson.”

“Não tenho pistola”, disse o voluntário, um garoto de menos de vinte anos.

“É sua primeira vez, não é? Bem, precisa sentir cheiro de sangue algum dia. Será um ótimo começo para você. Quanto à pistola, ou muito me engano ou ela estará à sua espera. Será suficiente que se apresentem segunda-feira. Terão uma bela acolhida quando voltarem.”

“Alguma recompensa desta vez?” perguntou Cormac, um rapaz corpulento e amorenado de aparência brutal, cuja ferocidade lhe valera o apelido de “Tigre”.

“Não pense em recompensa. Trabalhe apenas pela honra da coisa. Quando ela for feita, talvez haja alguns dólares no fundo da caixa.”

“O que fez o homem?” perguntou o jovem Wilson.

“Certamente não cabe a gente como você perguntar o que o homem fez. Ele foi julgado lá. Isso não é da nossa conta. A única coisa que nos compete é fazer o serviço para eles, assim como eles fariam para nós. Por falar nisso, dois irmãos da loja de Merton virão aqui na próxima semana para fazer alguns trabalhos nesta área.”

“Quem são eles?” perguntou alguém.

“Na verdade, é mais prudente não perguntar. Se o sujeito não sabe nada, não pode declarar nada e não se mete em confusão. Mas são homens que farão um serviço limpo quando chegar a hora.”

“E não é sem tempo!” exclamou Ted Baldwin. “As pessoas estão saindo do controle por aqui. Na semana passada mesmo, três de nossos homens foram demitidos pelo capataz Blaker. Ele está fazendo por merecer há muito tempo, e vai receber com juros.”

“Receber o quê?” sussurrou McMurdo para o vizinho.

“Chumbo grosso nas vendas!” exclamou o homem com uma ruidosa gargalhada. “O que acha dos nossos métodos, irmão?”

A alma criminosa de McMurdo parecia já ter absorvido o espírito da vil associação de que era membro. “Parecem ótimos”, respondeu. “Este é o lugar certo para um homem de fibra.”

Várias pessoas sentadas em volta ouviram essas palavras e aplaudiram-nas.

“Que é isso?” perguntou o hirsuto mestre da loja na ponta da mesa.

“É nosso novo irmão, conselheiro, que está gostando muito dos nossos métodos.”

McMurdo levantou-se por um instante. “Quero comunicar, venerável mestre, que, se houver necessidade de um homem, será uma honra para mim ser escolhido para ajudar a loja.”

Essas palavras deflagraram uma salva de palmas. Sentia-se que um novo sol despontava no horizonte. Para alguns dos mais velhos, porém, pareceu que o progresso estava sendo um pouco rápido demais.

“Gostaria de sugerir”, disse o secretário Harraway, um velho de barba grisalha e cara de abutre sentado perto do presidente, “que o irmão McMurdo espere até que a loja haja por bem convocá-lo.”

“Claro, foi o que eu quis dizer; estou nas mãos dos senhores”, disse McMurdo.

“Sua hora chegará, irmão”, disse o presidente. “Já o temos na conta de um homem disposto e acreditamos que fará um bom trabalho nestas bandas. Temos um pequeno assunto para resolver hoje à noite e você poderá colaborar, se for do seu agrado.”

“Vou esperar por algo que valha a pena.”

“Em todo caso pode vir hoje à noite, isso lhe dará uma noção do nosso papel nesta comunidade. Farei a comunicação mais tarde. Enquanto isso”, passou os olhos pela agenda, “tenho mais umas duas questões para apresentar à assembleia. Em primeiro lugar, pedirei ao tesoureiro que nos informe sobre nosso saldo bancário. Temos de pagar uma pensão à viúva de Jim Carnaway. Ele foi morto fazendo um trabalho para a loja e compete a nós cuidar para que a viúva não passe necessidade.”

“Jim levou um tiro mês passado quando eles tentavam matar Chester Wilcox de Marley Creek”, informou o vizinho a McMurdo.

“Os fundos estão bons no momento”, disse o tesoureiro, com a caderneta bancária diante de si. “As empresas têm sido generosas ultimamente. A Max Linder & Co. pagou quinhentos dólares para ser deixada em paz. A Walker Brothers mandou cem; mas eu mesmo tomei a iniciativa de devolvê-los e pedir quinhentos. Se não tivermos uma resposta até quarta-feira, é possível que o elevador da mina se quebre. Tivemos de queimar o quebrador deles ano passado antes que se tornassem razoáveis. Depois a West Section Coaling Company pagou sua contribuição anual. Temos o suficiente em mãos para cumprir todas as nossas obrigações.”

“E quanto a Archie Swindon?” perguntou um irmão.

“Vendeu tudo e foi embora do distrito. O patife nos deixou um bilhete, dizendo que prefere ser um varredor de rua livre em Nova York a dono de uma grande mina sob o poder de um bando de chantagistas. Por Deus! Sorte a dele já estar longe daqui quando lemos isso! Não acredito que volte a dar as caras neste vale.”

Um homem idoso, de rosto escanhado, com uma fisionomia bondosa e simpática, levantou-se da ponta da mesa defronte ao presidente. “Senhor

tesoureiro”, disse, “posso lhe perguntar quem comprou a propriedade desse homem que expulsamos do distrito?”

“Sim, irmão Morris. Ela foi comprada pela State & Merton County Railroad Company.”

“E quem comprou as minas de Todman e as de Lee, postas à venda da mesma maneira ano passado?”

“A mesma companhia, irmão Morris.”

“E quem comprou as oficinas metalúrgicas de Manson, de Shuman, de Van Deher e de Atwood, todas vendidas ultimamente?”

“Foram todas compradas pela West Gilmerton General Mining Company.”

“Não me parece, irmão Morris”, interveio o presidente, “que seja do nosso interesse saber quem as comprou, já que eles não podem levá-las embora do distrito.”

“Com todo o respeito que lhe é devido, eminente mestre, creio que isso nos interessa muito. Esse processo vem se desdobrando há dez longos anos. Estamos tirando pouco a pouco todos os pequenos proprietários dos negócios. Qual é o resultado? Vemos no lugar deles grandes companhias como a Railroad ou a General Iron, que têm seus diretores em Nova York ou na Filadélfia, e não dão a menor importância às nossas ameaças. Podemos atormentar os chefes locais, mas isso só significa que outros serão postos no lugar deles. E estamos tornando a situação perigosa para nós mesmos. Os pequenos proprietários não podiam nos prejudicar. Não tinham nem dinheiro nem poder para isso. Contanto que não os espremêssemos demais, continuariam sob nosso poder. Mas se essas grandes companhias acharem que estamos nos interpondo entre elas e seus lucros, não pouparão esforços nem despesas para nos encurralar e levar ao tribunal.”

Um silêncio seguiu-se a essas palavras aziagas, e todos os semblantes se fecharam enquanto olhares soturnos eram trocados. Haviam sido tão onipotentes, tão pouco contestados, que nem a simples suposição de alguma possibilidade de punição lhes passava pela cabeça. Essa ideia, no entanto, provocou um calafrio até nos mais afoitos.

“Meu conselho”, continuou o velho, “é que sejamos indulgentes com os pequenos proprietários. No dia em que todos eles tiverem sido expulsos, o poder desta sociedade terá sido destruído.”

Verdades desagradáveis não são bem recebidas. Houve gritos de raiva

quando o orador se sentou. McGinty levantou-se, a fisionomia abatida.

“Irmão Morris”, disse, “você sempre foi uma ave de mau agouro. Enquanto os membros desta loja permanecerem coesos, não haverá poder nos Estados Unidos capaz de abalá-los. Já não demonstramos isso o suficiente nos tribunais? Creio que as grandes companhias acharão mais fácil pagar que lutar, da mesma maneira que as pequenas. E agora, irmãos”, McGinty tirou o capelo e a estola enquanto falava, “esta loja encerrou seus trabalhos por esta noite, exceto por um probleminha que pode ser mencionado quando nos despedirmos. Chegou a hora de uma bebida fraternal e de harmonia.”

É realmente estranha a natureza humana. Ali estavam homens que conviviam com o assassinato, que muitas vezes haviam matado um pai de família, um homem contra o qual não tinham nenhum ressentimento, sem sombra de remorso ou compaixão pela viúva chorosa ou os filhos desamparados, e no entanto o que havia de terno ou patético na música podia comovê-los até as lágrimas. McMurdo tinha uma bela voz de tenor, e se não conseguira conquistar a boa vontade da loja antes, ela não poderia mais lhe ser negada depois que ele os emocionou com “I’m Sitting on the Stile, Mary” e “On the Banks of Allan Water”.

Já nessa primeira noite o novo recruta havia se tornado um dos irmãos mais populares, predestinado a promoções e altos cargos. Outras qualidades eram necessárias, porém, além da sociabilidade, para fazer um Homem Livre de valor, e deram-lhe um exemplo delas antes que a noitada se encerrasse. A garrafa de uísque circulara repetidas vezes em volta da mesa, e os homens estavam animados e prontos para praticar iniquidades quando o mestre da loja se levantou mais uma vez para lhes dirigir a palavra.

“Rapazes”, disse, “há um homem nesta cidade que precisa de um corretivo, e cabe a vocês providenciar isso. Estou falando de James Stanger, do *Herald*. Viram como está abrindo a boca contra nós de novo?”

Houve um murmúrio de assentimento, entremeado por diversos palavrões. McGinty puxou uma tira de papel do bolso do colete.

“LEI E ORDEM!’ Esse é o título que ele dá à coisa.

O REINADO DO TERROR NO DISTRITO DO CARVÃO E DO FERRO Doze anos se passaram desde os primeiros assassinatos que comprovaram a existência de uma organização criminosa em nosso meio. Desde então essas atrocidades nunca cessaram, até alcançarem agora um nível que faz de nós o opróbrio do mundo civilizado. É para resultados como esses que nosso grande país acolhe em seu seio o estrangeiro que

foge dos despotismos da Europa? Acaso devem eles próprios tornar-se tiranos sobre aqueles mesmos homens que lhes deram abrigo, e um estado de terrorismo e ilegalidade estabelecer-se à própria sombra das dobras sagradas da estrelada Bandeira da Liberdade, o qual despertaria horror em nossas mentes se lêssemos sobre sua existência sob a mais alquebrada monarquia do Oriente? Os homens são conhecidos. A organização é patente e pública. Por quanto tempo vamos suportá-la? Podemos viver para sempre...

“Mas chega de ler esta lenga-lenga!” exclamou o mestre da loja, jogando o papel na mesa. “É isto o que ele diz de nós. A pergunta que lhes faço é: o que devemos dizer a ele?”

“Mate-o!” bradou uma dúzia de vozes arrebatadas.

“Protesto”, disse o irmão Morris, o homem de semblante simpático e rosto escanhado. “Eu lhes digo, irmãos, que nossa mão é pesada demais neste vale e chegará a hora em que, num movimento de legítima defesa, todos os homens se unirão para nos esmagar. James Stanger é um velho. É respeitado na cidade e no distrito. Seu jornal representa tudo que é sólido no vale. Se esse homem for morto, haverá neste vale um rebuliço que só terminará com nossa destruição.”

“E como eles promoveriam nossa destruição, Mr. Omisso?” exclamou McGinty. “Seria por meio da polícia? O fato é que metade dela está na nossa folha de pagamento e a outra tem medo de nós. Ou será por meio dos tribunais e do juiz? Isso já foi tentado antes, e qual foi o resultado?”

“Talvez o caso seja julgado pelo juiz Lynch”, disse o irmão Morris.

A sugestão foi recebida com uma gritaria geral de indignação.

“Basta eu levantar o dedo”, bradou McGinty, “para que duzentos homens invadam a cidade e a limpem de ponta a ponta.” Depois, elevando subitamente a voz e juntando as grossas sobrancelhas pretas numa terrível carranca, ameaçou: “Escute aqui, irmão Morris, estou de olho em você, e já faz algum tempo! Você mesmo não tem coragem, e tenta desencorajar os outros. Será um mau dia para você, irmão Morris, aquele em que seu nome chegar à nossa agenda, e ando pensando que é exatamente ali que eu deveria anotá-lo.”

Morris ficou lívido, e seus joelhos pareceram ter cedido sob o seu peso quando caiu de volta na cadeira. Levantou o copo com a mão trêmula e tomou um gole antes de ser capaz de responder: “Peço desculpas, eminente mestre, ao senhor e a todos os irmãos da loja se disse mais do que devia. Sou

um membro leal – todos sabem disso –, e é o temor de que algum mal sobrevenha à loja que me faz expressar preocupação. Mas tenho mais confiança no seu discernimento que no meu próprio, eminente mestre, e prometo-lhe não voltar a ofendê-lo.”

O semblante do mestre da loja se desanuviou quando ele ouviu essas palavras humildes. “Ótimo, irmão Morris. Eu é que lamentaria se fosse necessário lhe dar uma lição. Mas enquanto eu ocupar esta cadeira seremos uma loja unida na palavra e nos atos. E agora, rapazes”, continuou ele, correndo os olhos pelo grupo, “o que tenho a dizer é: se Stanger recebesse tudo o que merece haveria mais barulho do que nos convém. Esses editores são unidos, e todos os jornais do estado passariam a clamar pela presença da polícia e dos soldados. Mas creio que posso lhe dar uma advertência bastante severa. Pode cuidar disso, irmão Baldwin?”

“Com certeza!” respondeu o jovem com entusiasmo.

“Quantos homens vai levar?”

“Meia dúzia, e dois para vigiar a porta. Você irá, Gower, e você, Mansel, e você, Scanlan, e os dois Willaby.”

“Prometi ao novo irmão que ele iria”, disse o mestre da loja.

Ted Baldwin fitou McMurdo com olhos de quem não esquecerá nem perdoará. “Bem, ele pode ir se quiser”, disse num tom ríspido. “Isso basta. Quanto mais cedo começarmos a trabalhar, melhor.”

O grupo se desfez em meio a gritos e trechos de canções de bêbado. O bar ainda estava cheio de farristas, e muitos dos irmãos continuaram lá. O pequeno bando convocado para a missão ganhou a rua, avançando dois a dois ou três a três pela calçada de modo a não chamar atenção. Era uma noite gélida, e uma meia-lua brilhava num céu estrelado. Os homens se detiveram e se agruparam num pátio diante de um prédio alto. As palavras “Vermissa Herald” estampavam-se em letras douradas entre as janelas brilhantemente iluminadas. De dentro vinha o estrépito das máquinas impressoras.

“Você aqui”, disse Baldwin a McMurdo, “pode ficar cá embaixo junto da porta e ver se a rua se mantém livre para nós. Arthur Willaby pode ficar com você. Vocês aí venham comigo. Não tenham medo, rapazes, pois temos uma dúzia de testemunhas de que estamos no Union Bar neste exato momento.”

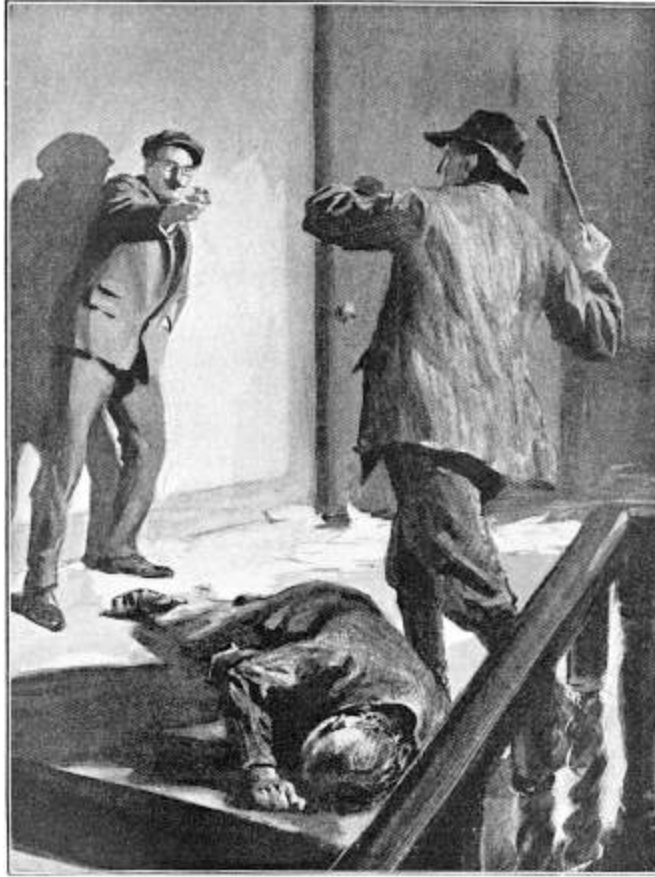
Era quase meia-noite e a rua estava deserta, salvo por um ou dois boêmios a caminho de casa. O grupo atravessou a rua e, abrindo a porta da sede do jornal, Baldwin e seus homens subiram às pressas a escada com que

depararam. McMurdo e um outro continuaram no térreo. Da sala acima veio um berro, um pedido de socorro, e depois o ruído de passos pesados e cadeiras tombando. Um instante depois um homem grisalho correu para o patamar.

Foi agarrado antes que conseguisse ir mais longe, e McMurdo viu um par de óculos despencar e retinir no chão a seus pés. Houve um barulho surdo e um gemido. O homem caiu de bruços, e meia dúzia de porretes se entrechocaram ruidosamente ao lhe cair sobre as costas. Ele se contorcia, e seus membros compridos e magros estremeciam sob os golpes. Por fim os outros pararam, mas Baldwin, o rosto cruel imobilizado num sorriso infernal, continuou golpeando a cabeça do velho, que se esforçava em vão para protegê-la com os braços. A cabeleira branca estava respingada de sangue. Baldwin ainda se debruçava sobre sua vítima, aplicando um golpe curto e cruel em qualquer parte que visse exposta, quando McMurdo correu escada acima e o empurrou.

“Vai matar o homem”, disse. “Largue-o!”

Baldwin olhou para ele espantado. “Maldito!” gritou. “Quem é você para interferir... você que é novo na loja? Para trás!” Levantou o porrete, mas McMurdo sacara a pistola do bolso.



“‘Para trás você!’ gritou. ‘Vou lhe estourar a cabeça se encostar a mão em mim.’” [Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

“Para trás você!” gritou. “Vou lhe estourar a cabeça se encostar a mão em mim. Quanto à loja, o mestre ordenou que o homem não devia ser morto... e o que você está fazendo senão matá-lo?”

“Ele está certo”, observou um deles.

“Por Deus! É melhor vocês se apressarem!” gritou o homem que ficara no térreo. “As janelas estão todas se iluminando, a cidade inteira estará aqui dentro de cinco minutos.”

Ouvia-se de fato o som de gritos na rua, e um grupinho de tipógrafos e compositores formava-se no saguão do térreo, tomando coragem para agir. Deixando o corpo flácido e imóvel do editor no alto da escada, os criminosos desceram correndo e abalaram pela rua. Tendo chegado à Union House, alguns se misturaram à multidão que enchia o *saloon* de McGinty, informando ao chefe aos sussurros, através do balcão, que o serviço fora

executado a contento. Outros, entre os quais McMurdo, se afastaram por ruas laterais e rumaram para as próprias casas por caminhos tortuosos.

IV. O VALE DO MEDO

AO DESPERTAR na manhã seguinte, McMurdo teve boas razões para se lembrar de sua iniciação na loja. A cabeça lhe doía, efeito da bebida, e o braço, onde recebera a marca, estava quente e inchado. Sua peculiar fonte de renda permitia-lhe comparecer ao trabalho de maneira irregular; assim, depois de um desjejum tardio, passou a manhã em casa, escrevendo uma longa carta a um amigo. Depois leu o *Daily Herald*. Numa coluna especial, inserida de última hora, leu:

ATROCIDADE NA SEDE DO HERALD – EDITOR GRAVEMENTE FERIDO

Era uma breve descrição dos fatos, sobre os quais estava mais inteirado do que o autor poderia ter estado. Terminava com a declaração:

Agora o caso está nas mãos da polícia; dificilmente se pode esperar, porém, que seus esforços sejam acompanhados por resultados melhores que os obtidos no passado. Alguns dos homens foram reconhecidos, e há esperança de que seja possível condená-los. A fonte da atrocidade foi, como é quase desnecessário dizer, aquela abominável sociedade que há tanto tempo oprime esta comunidade, e contra a qual o *Herald* tomou posição tão intransigente. Os muitos amigos de Mr. Stanger se alegrarão ao ouvir que, embora cruel e brutalmente espancado, e a despeito de ter sofrido graves ferimentos na cabeça, nenhum perigo imediato paira sobre sua vida.

Abaixo lia-se que uma brigada da Polícia do Carvão e do Ferro, armada com rifles Winchester, fora requisitada para a defesa da sede do jornal.

McMurdo pousara o jornal e acendia o cachimbo com a mão um pouco trêmula dos excessos da noite anterior, quando bateram na porta de seu quarto e a senhoria lhe entregou um bilhete que um rapazola acabara de deixar. Não trazia assinatura e estava escrito nestes termos:

Gostaria de falar com o senhor, mas prefiro não o fazer em sua casa. Poderá me encontrar ao lado do mastro da bandeira no Miller Hill. Se for lá agora, tenho algo que é importante que o senhor ouça e que eu diga.

McMurdo leu o bilhete duas vezes, com extrema surpresa; não fazia a menor ideia do que significava ou de quem o escrevera. Se estivesse redigido numa caligrafia feminina, poderia ter imaginado que era o início de uma daquelas aventuras tão frequentes em sua vida passada. Mas era a letra de um homem, e de um homem instruído. Por fim, após alguma hesitação, decidiu tirar aquilo a limpo.

O Miller Hill é um parque público malconservado bem no centro da cidade. No verão, é um refúgio muito apreciado, mas no inverno é bastante desolado. Do alto dele se avista não só toda a cidade, espalhada e encardida, como o vale sinuoso abaixo dela, com suas minas e fábricas dispersas enegrecendo a neve em seus dois lados, e as montanhas cobertas de bosques e revestidas de branco que o flanqueiam.

McMurdo trilhou o caminho serpeante ladeado de sempre-vivas até chegar ao restaurante deserto que no verão é o centro das diversões. Ao lado se via um mastro nu, e sob ele um homem, chapéu caído sobre o rosto e gola levantada. Quando ele virou o rosto, McMurdo reconheceu o irmão Morris, aquele que incorrera na ira do mestre da loja na noite anterior. O sinal da loja foi dado e trocado quando se encontraram.

“Quis ter uma palavra com o senhor”, disse o homem mais velho, falando com a hesitação de quem pisa em ovos. “Foi gentil em vir.”

“Por que não pôs seu nome no bilhete?”

“Temos de ser cautelosos. Em tempos como estes, nunca sabemos como as coisas chegam aos ouvidos de uma pessoa. Nunca sabemos em quem confiar ou não.”

“Com certeza podemos confiar em irmãos da loja.”

“Não, não, nem sempre”, retrucou Morris com veemência. “Tudo que dizemos, até o que pensamos, parece chegar instantaneamente aos ouvidos daquele McGinty.”

“Alto lá!” exclamou McMurdo com aspereza. “Ontem mesmo, como sabe muito bem, jurei fidelidade ao nosso mestre. Estaria me pedindo para quebrar meu juramento?”

“Se vai encarar as coisas assim”, disse Morris, muito triste, “só posso dizer que lamento ter lhe dado o trabalho de vir me encontrar. As coisas ficam muito malparadas quando dois cidadãos livres não podem expor seus pensamentos um para o outro.”

McMurdo, que estivera observando o companheiro com muita atenção,

relaxou um pouco. “Claro que falo apenas por mim”, disse. “Sou um recém-chegado, como sabe, e nada sei sobre tudo isso. Não me cabe abrir a boca, Mr. Morris, e se pensa que deve me dizer alguma coisa, aqui estou para ouvi-lo.”

“E para ir contar tudo ao chefe McGinty”, disse Morris com acrimônia.

“Na verdade, está cometendo uma injustiça comigo”, exclamou McMurdo, “pois eu mesmo sou leal à loja, e digo-lhe isto sem rodeios, mas seria uma mísera criatura se fosse repetir para qualquer outro o que o senhor venha a me contar em confiança. Nada sairá de mim, embora eu o advirta de que talvez não obtenha ajuda nem compreensão.”

“Desisti de procurar qualquer das duas”, disse Morris. “Posso estar entregando minha própria vida em suas mãos com o que vou dizer; mas, por pior que o senhor seja – e ontem à noite tive a impressão de que promete ser tão mau quanto os piores –, está pouco afeito a tudo isso, e sua consciência talvez ainda não esteja tão empedernida quanto a deles. Foi por isso que pensei em falar com o senhor.”

“Bem, o que tem a dizer?”

“Maldito seja, se me delatar!”

“Certo, eu lhe disse que não o faria.”

“Então eu lhe pergunto: quando ingressou na sociedade dos Homens Livres em Chicago e fez votos de caridade e fidelidade, passou-lhe alguma vez pela cabeça que esse caminho poderia levá-lo ao crime?”

“Se chama isso de crime”, respondeu McMurdo.

“Como assim?!” exclamou Morris, a voz vibrando de paixão. “Viu pouco, ainda, se pode qualificá-lo de alguma outra coisa. Então não houve um crime ontem à noite, quando um homem com idade bastante para ser seu pai foi surrado até que pingasse sangue de seus cabelos brancos? Aquilo foi um crime ou lhe daria algum outro nome?”

“Alguns diriam que é guerra”, respondeu McMurdo, “uma guerra entre duas classes em que vale tudo, de modo que cada um bate como pode.”

“Bem, pensava nesse tipo de coisa quando ingressou na sociedade dos Homens Livres em Chicago?”

“Não. Sou obrigado a dizer que não.”

“Nem eu, quando ingressei nela na Filadélfia. Era apenas um clube de benefícios e um lugar de encontro para camaradas. Depois ouvi falar neste lugar – maldita a hora em que o nome caiu pela primeira vez nos meus

ouvidos! – e vim para melhorar de vida. Meu Deus! Melhorar de vida! Minha mulher e meus três filhos vieram comigo. Abri um comércio de tecidos na Market Square e prosperei. Correu o boato de que eu era membro dos Homens Livres, e fui obrigado a me filiar à loja local, tal como o senhor ontem à noite. Tenho o distintivo da vergonha em meu antebraço e algo pior marcado a fogo no coração. Descobri que estava sob a ordens de um patife raivoso e preso numa rede de crimes. Que podia fazer? Cada palavra que eu dizia para tornar as coisas melhores era tomada como traição, tal como ontem à noite. Não posso ir embora, pois nada tenho neste mundo além de meu comércio. Se eu deixar a sociedade, sei que isso significará a morte para mim, e Deus sabe o quê para minha mulher e meus filhos. Oh, é horrível... horrível!” Levou as mãos ao rosto e seu corpo se sacudiu em soluços convulsivos.

McMurdo deu de ombros. “É mole demais para o serviço”, disse. “Gente do seu tipo não serve para esse trabalho.”

“Eu tinha consciência, tinha uma religião; mas eles fizeram de mim um criminoso à imagem deles. Fui escolhido para um serviço. Se me esquivasse, sabia perfeitamente o que seria de mim. Talvez eu seja um covarde. Talvez seja a lembrança de minha pobre mulher e das crianças que me torna um. Covarde ou não, eu fui. Acho que isso vai me assombrar para sempre.

“Era uma casa isolada, a mais de trinta quilômetros daqui, do outro lado daquela serra. Fui escalado para ficar à porta, como você ontem à noite. Não confiavam em mim para o serviço. Os outros entraram. Ao saírem, tinham as mãos rubras até o pulso. Quando nos afastamos, uma criança gritava do lado de fora da casa. Era um menino de cinco anos que vira o pai ser assassinado. Quase desmaiei com o horror daquilo, mas tive de manter um semblante sereno e sorridente; pois sabia muito bem que, se não o fizesse, seria da minha casa que eles sairiam em seguida com as mãos ensanguentadas, e seria meu pequeno Fred que ficaria a gritar pelo pai.

“Mas eu já era um criminoso então – cúmplice de um assassinato, perdido para sempre neste mundo, e perdido também no próximo. Sou um bom católico; mas o padre se recusou a conversar comigo quando soube que eu era um Scowrer, e estou excomungado de minha fé. Esta é a minha situação. Vejo que o senhor está indo pelo mesmo caminho, e pergunto-lhe onde isso terá fim. Está disposto a ser um assassino desalmado também, ou podemos fazer alguma coisa para dar um basta a isso?”

“O que faria?” perguntou McMurdo de chofre. “Não iria delatar?”

“Deus me livre!” respondeu Morris. “Fique certo, só esse pensamento me custaria a vida.”

“Ainda bem”, disse McMurdo. “Tenho a impressão de que é um homem fraco e que exagera muito as coisas.”

“Exagero! Espere até viver um pouco mais por aqui. Contemple esse vale! Veja a nuvem de fumaça alimentada por cem chaminés que o obscurece! Eu lhe digo que a nuvem de assassinatos que paira sobre as cabeças das pessoas é mais densa e mais baixa. Este é o Vale do Medo, o vale da morte. O terror está nos corações das pessoas do crepúsculo ao raiar do dia. Espere, rapaz, e aprenderá por si mesmo.”

“Bem, eu lhe direi o que penso quando tiver visto mais”, respondeu McMurdo num tom negligente. “O que está muito claro é que este não é o lugar para o senhor, e quanto antes vender o que tem – ainda que apure apenas um décimo do valor do negócio –, melhor será. O que disse ficará em segurança comigo; mas, por Deus!, se eu vier a saber que é um informante...”

“Não, não!” exclamou Morris, suplicante.

“Bem, deixemos como está. Vou ter em mente o que disse, e talvez um dia volte ao assunto. Acredito em suas boas intenções ao falar assim comigo. Agora vou para casa.”

“Uma palavra antes que vá”, disse Morris. “É possível que nos tenham visto juntos. Podem querer saber sobre o que conversamos.”

“Ah! Bem pensado.”

“Ofereço-lhe uma vaga de balconista na minha birosca.”

“E eu a recuso. Essa foi nossa conversa. Bem, adeus, irmão Morris. Espero que as coisas melhorem para o senhor no futuro.”

Nessa mesma tarde, quando McMurdo fumava, perdido em pensamentos, ao lado do fogão de sua sala de estar, a porta se abriu e sua moldura foi ocupada pela enorme figura do chefe McGinty. Ele fez o sinal, sentou-se diante do rapaz e encarou-o fixamente por algum tempo, um olhar devolvido com igual firmeza.

“Não sou muito dado a fazer visitas, irmão McMurdo”, disse ele por fim. “Acho que já fico ocupado demais com as pessoas que me visitam. Mas resolvi abrir uma exceção e dar uma passada para vê-lo em sua própria casa.”

“Orgulho-me por recebê-lo aqui, conselheiro”, respondeu McMurdo cordialmente, tirando uma garrafa de uísque do armário. “É uma honra que eu

não esperava.”

“Como está o braço?” perguntou o chefe.

McMurdo fez uma careta. “Bem, não me esqueço dele”, disse; “mas valeu a pena.”

“Sim, vale a pena”, observou o outro, “para os que são leais, cumprem o prometido e são úteis à loja. Sobre o que esteve conversando com o irmão Morris no Miller Hill esta manhã?”

A pergunta foi tão repentina que foi uma sorte para ele ter a resposta preparada. Soltou uma gostosa risada. “Morris não sabia que consigo ganhar a vida sem sair de casa. E vai ficar sem saber, porque é um pouco consciencioso demais para o meu gosto. Mas é um sujeito de bom coração. Pensou que eu pudesse estar em apuros e que me faria uma gentileza oferecendo-me uma vaga de balconista num varejo de tecidos.”

“Ah, foi isso?”

“Sim, foi.

“E você recusou.”

“Sem dúvida. Não posso ganhar dez vezes mais com quatro horas de trabalho dentro do meu quarto?”

“É verdade. Mas eu não andaria muito com Morris por aí.”

“Por que não?”

“Bem, acho que porque estou lhe dizendo que não. É o bastante para a maioria das pessoas por aqui.”

“Pode ser o bastante para a maioria; mas não é o bastante para mim, conselheiro”, McMurdo atreveu-se a responder. “Se sabe avaliar os homens, deve saber disso.”

O gigante moreno fuzilou-o com os olhos, e sua pata peluda crispou-se por um instante em torno do copo, como se ele fosse arremessá-lo na cabeça do companheiro. Depois riu à sua maneira ruidosa, turbulenta, insincera.

“Você é um sujeito esquisito, não resta dúvida”, disse. “Bem, se quer razões, vou dá-las. Morris não lhe disse nada contra a loja?”

“Não.”

“Nem contra mim?”

“Não.”

“Bem, é porque não ousa confiar em você. Mas no fundo não é um irmão leal. Sabemos disso muito bem. Por isso o observamos, e esperamos o momento de repreendê-lo. Acho que está chegando a hora. Não há lugar para

ovelhas sarnentas em nosso aprisco. Mas se você anda na companhia de um homem desleal, podemos pensar que é desleal também. Entende?”

“Não há possibilidade de eu andar na companhia dele, pois não o aprecio”, respondeu McMurdo. “Quanto a ser desleal, qualquer outro homem que não o senhor não me diria essa palavra duas vezes.”

“Bem, isto basta”, disse McGinty, enxugando o copo. “Vim para lhe dar um aviso enquanto é tempo, e ele foi dado.”

“O que eu gostaria de saber”, disse McMurdo, “é como veio a saber da minha conversa com Morris.”

McGinty riu. “É minha obrigação saber o que acontece nesta cidade”, disse. “O melhor que você faz é supor que tudo que se passa chega aos meus ouvidos. Bem, o tempo terminou, e vou só dizer...”

Mas sua despedida foi interrompida de maneira muito inesperada. Com um súbito estrondo, a porta foi escancarada e três rostos determinados e carrancudos fixaram os olhos neles por sob os quepes da polícia. McMurdo levantou-se de um salto e começou a sacar o revólver, mas seu braço parou a meio caminho, quando se deu conta de que dois fuzis Winchester estavam apontados para a sua cabeça. Um homem de uniforme entrou na sala, revólver na mão. Era o capitão Marvin, veterano de Chicago e agora na Polícia do Carvão e do Ferro. Com um meio sorriso, ele sacudiu a cabeça para McMurdo.



“Com um súbito estrondo, a porta foi escancarada e três rostos determinados e carrancudos fixaram os olhos neles por sob os quepes da polícia.” [Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

“Eu sabia que iria se meter em apuros, Mr. Bandido McMurdo de Chicago”, disse. “Não consegue ficar fora disso, não é? Pegue o seu chapéu e venha conosco.”

“Acho que vai pagar por isso, capitão Marvin”, disse McGinty. “Quem é o senhor, eu gostaria de saber, para invadir uma casa desta maneira e molestar um homem honesto, respeitador da lei?”

“Este negócio não lhe diz respeito, conselheiro McGinty”, respondeu o capitão de polícia. “Não estamos à sua procura, mas deste McMurdo. Cabe ao senhor nos ajudar a cumprir nosso dever, não nos atrapalhar.”

“Ele é meu amigo, e respondo pela conduta dele”, disse o chefe.

“Pelo que me consta, Mr. McGinty, poderá ter de responder por sua própria conduta qualquer dia desses”, respondeu o capitão. “Este McMurdo

era um bandido antes de pisar aqui, e continua sendo. Mantenha-o na mira, guarda, enquanto eu o desarmo.”

“Aqui está a minha a pistola”, disse McMurdo, muito calmo. “Se nós dois estivéssemos a sós e frente a frente, talvez não me pegasse com tanta facilidade.”

“Onde está o mandado de prisão?” perguntou McGinty. “Por Deus! Dá no mesmo para um sujeito viver na Rússia ou em Vermissa, quando gente como você está no comando da polícia. É um ultraje capitalista, e creio que isto não vai terminar por aqui.”

“Faça o que julga ser o seu dever da melhor maneira que puder, conselheiro. Nós cuidaremos do nosso.”

“Do que sou acusado?” perguntou McMurdo.

“De estar envolvido no espancamento do velho editor Stanger na sede do *Herald*. Não é por sua culpa que não é uma acusação de assassinato.”

“Bem, se é só isso que têm contra ele”, exclamou McGinty com uma risada, “podem se poupar de um bocado de trabalho abandonando o caso agora mesmo. Este homem estava comigo em meu *saloon* jogando pôquer até a meia-noite, e posso trazer uma dúzia de pessoas para atestar o fato.”

“Isso é problema seu, e acho que poderá resolvê-lo amanhã no tribunal. Até lá, venha, McMurdo, e venha com calma, se não quiser levar um tiro na cabeça. E mantenha-se à distância, Mr. McGinty, porque o advirto de que não vou tolerar nenhuma resistência quando faço o meu serviço!”

O capitão parecia tão decidido que tanto McMurdo quanto seu chefe foram obrigados a aceitar a situação. Este último conseguiu trocar algumas palavras sussurradas com o prisioneiro antes de se separarem.

“E quanto ao...”, apontou o polegar para cima para indicar a máquina de cunhar.

“Tudo certo”, cochichou McMurdo, que descobrira um esconderijo seguro sob o assoalho.

“Então até logo”, disse o chefe, apertando-lhe a mão. “Vou ver Reilly, o advogado, e eu mesmo me encarregarei da defesa. Acredite no que digo, eles não conseguirão segurá-lo.”

“Eu não apostaria nisso. Vigiem o prisioneiro, vocês dois, e atirem se ele tentar qualquer gracinha. Vou revistar a casa antes de sair.”

Foi o que fez, mas aparentemente não encontrou nenhum vestígio da máquina escondida. Quando desceu, ele e seus homens escoltaram McMurdo

até a central de polícia. Anoitecera e uma intensa tempestade de vento e neve deixava as ruas quase desertas; alguns desocupados, porém, seguiram o grupo e, estimulados pela invisibilidade, riam e zombavam do prisioneiro, gritando-lhe imprecações – “Linchem o maldito Scowrer! Lichem-no!” – enquanto ele era empurrado para o xadrez.

Após um exame breve e formal por parte do inspetor encarregado, puseram-no na cela comum. Ali ele encontrou Baldwin e três outros criminosos da noite anterior; todos tinham sido presos naquela tarde e seriam julgados na manhã seguinte.

Mas os tentáculos dos Homens Livres eram capazes de alcançar até aquela fortaleza da lei. Tarde da noite chegou um carcereiro com um fardo de palha para lhes servir de colchão, do qual extraiu duas garrafas de uísque, alguns copos e um baralho. Eles passaram uma noite muito divertida, sem sombra de preocupação com o julgamento da manhã seguinte.

Nem tinham motivos para isso, como o resultado o demonstraria. Não estava ao alcance do juiz, com base nas evidências, encaminhar a questão a um tribunal superior. Por um lado os tipógrafos e impressores foram obrigados a admitir que a iluminação era precária, que eles próprios estavam muito perturbados, e que lhes seria difícil jurar pela identidade dos agressores, muito embora acreditassem que os acusados estavam entre eles. Submetidos a nova inquirição pelo astuto advogado contratado por McGinty, deram testemunhos ainda mais nebulosos.

Em seu depoimento, o homem ferido já declarara ter sido apanhado tão de surpresa pelo ataque que nada podia esclarecer além do fato de que o primeiro homem que o golpeara usava bigode. Acrescentou que sabia que eles eram Scowrers porque ninguém mais na comunidade poderia odiá-lo, e fazia tempo que vinha sendo ameaçado em razão de seus desabridos editoriais. Por outro lado, ficou claramente demonstrado pelos depoimentos firmes e unânimes de seis cidadãos, entre os quais o alto funcionário municipal, conselheiro McGinty, que os homens tinham jogado baralho na Union House até uma hora muito mais avançada que aquela em que a atrocidade fora cometida.

Desnecessário dizer que foram todos soltos com algo muito próximo de um pedido de desculpas por parte do juiz pela inconveniência a que haviam sido submetidos, acompanhado por uma censura implícita ao capitão Marvin e à polícia pelo excesso de zelo.

O veredicto foi recebido com sonoros aplausos por uma sala do tribunal

em que McMurdo viu muitos rostos conhecidos. Irmãos da loja sorriam e acenavam. Mas havia outros, que se mantiveram de lábios apertados e olhar pensativo quando os homens deixaram o banco dos réus. Um deles, um sujeito baixinho, de barba escura e ar decidido, externou os próprios pensamentos e os dos companheiros em palavras quando os ex-prisioneiros passaram por ele:

“Seus malditos assassinos!” bradou. “Ainda vamos acertar contas com vocês!”

V. A HORA MAIS ESCURA

SE FALTAVA ALGUMA coisa para catapultar a popularidade de Jack McMurdo, era sua prisão e absolvição. Que, na própria noite de sua adesão à loja, um homem tivesse feito algo que o levara perante o juiz era um feito inédito nos anais da sociedade. Desde já, ele havia conquistado a reputação de bom companheiro, farrista animado e, ademais, de homem de pavio curto, que não engole insultos nem sequer do todo-poderoso chefe. Além disso, porém, incutiu nos camaradas a impressão de que não havia entre eles ninguém com um cérebro tão apto para tramar um plano sanguinário, nem mãos mais capazes de executá-lo. “Ele será o homem para o serviço limpo”, comentaram os mais velhos entre si, e ficaram à espera da hora de colocá-lo para trabalhar.

Embora já tivesse instrumentos suficientes, McGinty reconhecia que aquele era dotado de supremo talento. Sentia-se como um homem que refreia um feroz cão de caça na guia. Havia vira-latas para serviços menores; mas algum dia soltaria aquela fera sobre sua presa. Alguns membros da loja, entre os quais Ted Baldwin, ressentiam-se da rápida ascensão do forasteiro e o odiavam por isso, mas mantinham-se à distância dele, porque se mostrava sempre tão disposto a lutar quanto a rir.

Mas, se McMurdo ganhou prestígio entre os companheiros, houve um domínio, que se tornara até mais vital para ele, em que o perdeu. O pai de Ettie Shafter não queria mais qualquer contato com ele, nem sequer permitindo-lhe entrar na pensão. Ettie, por sua vez, estava apaixonada demais para abandoná-lo por completo, mas seu próprio bom senso lhe abria os olhos para as consequências de um casamento com um homem tido na conta de criminoso.

Certa manhã, depois de uma noite insone, ela decidiu vê-lo, quem sabe pela última vez, e fazer um derradeiro esforço para arrancá-lo das más influências que o estavam afundando. Foi à casa do rapaz, como ele muitas vezes lhe rogara que fizesse, e dirigiu-se ao cômodo que lhe servia como sala de estar. Encontrou-o sentado a uma mesa, de costas para a porta e com uma carta diante de si. Ele não a ouvira abrir a porta. De repente ela teve a ideia de fazer uma travessura – ainda tinha apenas dezenove anos. Avançou então na ponta dos pés e pousou a mão de leve sobre os ombros curvados do rapaz.

Se a intenção era dar-lhe um susto, por certo conseguiu, mas então foi a vez de ficar ela mesma assustada. Com um salto de tigre ele se virou para ela, a mão direita buscando-lhe o pescoço. No mesmo instante, com a outra mão, amassou o papel à sua frente. Por alguns segundos, dirigiu-lhe um olhar feroz. Depois, a surpresa e a alegria tomaram o lugar da ferocidade que lhe convulsionara os traços – uma ferocidade que a fizera recuar, horrorizada, como se tivesse entrevisto algo que nunca penetrara antes em sua plácida vida.

“É você!” exclamou ele, enxugando a testa. “E pensar que o meu doce amor veio à minha procura e eu não encontrei coisa melhor a fazer do que tentar estrangulá-lo! Venha, querida”, e estendeu os braços, “deixe que eu me redima.”

Mas ela não se recuperara da impressão causada por aquele súbito lampejo de medo culpado que vira no rosto de McMurdo. Todos os seus instintos de mulher lhe diziam que aquilo não era um simples pavor de homem sobressaltado. Culpa... era isso... culpa e medo!

“O que deu em você, Jack?” exclamou. “Por que teve tanto medo de mim? Oh, Jack, se estivesse com a consciência em paz, não teria olhado para mim daquela maneira!”

“Eu estava pensando em outras coisas, e quando você se aproximou, pisando tão macio com esses seus pezinhos de fada...”

“Não, não, foi mais que isso, Jack.” Nesse momento uma súbita desconfiança apossou-se dela. “Deixe-me ver essa carta que estava escrevendo.”

“Ah, Ettie, isso eu não posso fazer.”

A desconfiança da jovem transformou-se em certeza. “É para outra mulher”, exclamou ela. “Eu sei! Por que outro motivo esconderia essa carta de mim? Era para sua esposa que estava escrevendo? Como posso saber que não é um homem casado... você, um forasteiro que ninguém conhece?”

“Não sou casado, Ettie. Ouça, eu juro! Você é a única mulher na Terra para mim. Juro pela cruz de Cristo!”

Sua sinceridade apaixonada era tão arrebatadora que ela não teve como não acreditar no que ele dizia.

“Bem, nesse caso”, protestou, “por que não quer me mostrar a carta?”

“Vou lhe contar, minha amada”, respondeu ele. “Jurei que não a mostraria, e, assim como não quebraria as promessas que lhe faço, devo

cumprir também as que faço a outras pessoas. É um assunto da loja, e é segredo até para você. Não percebe que, se fiquei amedrontado quando sua mão pousou sobre mim, foi porque ela poderia ter sido a mão de um detetive?”

Ela sentiu que ele dizia a verdade. Ele a enlaçou nos braços e seus beijos dissiparam-lhe os temores e dúvidas.

“Sente-se aqui a meu lado. É um mísero trono para uma rainha como você, mas é o melhor que um pobre enamorado pode encontrar. Qualquer dia desses ele lhe dará coisa melhor, creio eu. Espero que esteja mais calma...”

“Como posso ter um momento de paz, Jack, quando sei que você é um criminoso entre criminosos, quando mais dia, menos dia posso ser informada de que está sendo julgado por assassinato? ‘McMurdo, o Scowrer’, foi assim que um de nossos hóspedes se referiu a você ontem. Senti como se me rasgassem o coração com uma faca.”

“Ora, palavras duras não quebram ossos.”

“Mas eram verdadeiras.”

“Bem, querida, o diabo não é tão feio quanto imagina. Somos apenas homens pobres tentando fazer valer seus direitos.”

Ettie enlaçou o pescoço do namorado. “Desista, Jack! Por mim, por Deus, abandone essa gente! Foi para lhe pedir isto que vim aqui hoje. Oh, Jack, ouça... eu lhe peço de joelhos! Ajoelhada aqui diante de você, eu lhe imploro que desista disso!”

Ele a levantou e acalmou, aninhando-lhe a cabeça contra o peito.



“Desista, Jack! Por mim, por Deus, abandone essa gente!” [Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

“Com certeza, minha querida, você não sabe o que está pedindo. Como eu poderia desistir quando isso significaria quebrar meu juramento e abandonar meus camaradas? Se soubesse a situação em que me encontro, jamais me pediria isso. Além disso, mesmo que eu quisesse, como poderia abandoná-los? Acha que a loja permitiria a um homem escapar com todos os seus segredos?”

“Já pensei nisso, Jack. Planejei tudo. Papai economizou algum dinheiro. Ele está farto deste lugar, onde o medo dessas pessoas anuvia a nossa vida. Está disposto a partir. Fugiríamos juntos para a Filadélfia ou Nova York, onde estaríamos a salvo deles.”

McMurdo riu. “A loja tem um braço longo. Acha que ele não poderia se esticar até a Filadélfia ou Nova York?”

“Bem, nesse caso para o Oeste, ou para a Inglaterra, ou para a Alemanha, de onde meu pai veio... qualquer lugar para fugir deste Vale do Medo!”

McMurdo pensou no velho irmão Morris. “Na verdade, é a segunda vez que ouço chamarem o vale dessa forma”, disse. “A sombra parece realmente pesar muito sobre alguns de vocês.”

“Ela obscurece cada momento de nossas vidas. Pensa que Ted Baldwin algum dia nos perdoou? Se ele não tivesse medo de você, que chances acredita que teríamos? Se visse a expressão daqueles olhos escuros e famintos sempre que caem sobre mim!”

“Meu Deus! Vou lhe ensinar um pouco de boas maneiras se o pegar fazendo isso! Mas ouça bem, garotinha, não posso ir embora daqui. Não posso... compreenda isto de uma vez por todas. Mas se me permitir encontrar meu próprio caminho, arranjaré uma maneira honrosa de sair desta situação.”

“Não há honra possível num caso como este.”

“Bem, bem, depende do modo como o encaramos. Mas se me der seis meses, resolveré as coisas e poderei partir sem ter vergonha de encarar os outros.”

A moça riu, muito alegre. “Seis meses!” exclamou. “Isto é uma promessa?”

“Bem, talvez sejam sete ou oito. Mas dentro de um ano, no máximo, deixaremos este vale para trás.”

Foi só o que Ettie conseguiu obter, mas era alguma coisa. Uma luz distante para iluminar a escuridão do futuro imediato. Ela voltou para a casa do pai mais serena do que vinha se sentindo desde que Jack McMurdo entrara em sua vida.

Seria presumível que, como membro da sociedade, McMurdo tivesse conhecimento de todas as suas atividades. Logo descobriria, porém, que a organização era mais vasta e complexa que a modesta loja. Até o chefe McGinty ignorava muitas coisas, pois sua loja, assim como várias outras, estava subordinada ao delegado do condado, residente em Hobson’s Patch, mais adiante na linha férrea, o qual exercia seu poder de maneira intempestiva e arbitrária.

McMurdo só o viu uma vez, um sujeitinho matreiro que lembrava um rato, de cabelo grisalho, andar furtivo e um olhar de esguelha carregado de maldade. Evans Pott era seu nome, e até o grande chefe de Vermissa sentia por ele um pouco da repulsa e do medo que o enorme Danton talvez sentisse pelo franzino mas perigoso Robespierre.

Certo dia Scanlan, que morava na mesma casa que McMurdo, recebeu um

bilhete de McGinty acompanhado por outro de Evans Pott. Neste, o delegado informava ao mestre da loja que estava enviando dois homens valentes, Lawler e Andrews, com instruções para agir nas vizinhanças, embora fosse melhor para a causa não entrar em detalhes sobre seus objetivos. Poderia o mestre da loja providenciar para que ficassem confortavelmente acomodados até o momento da ação? McGinty acrescentava que, sendo impossível manter alguém escondido na Union House, ficaria agradecido se McMurdo e Scanlan recebessem os forasteiros por alguns dias em sua pensão.

Naquela mesma noite os dois homens chegaram, cada um carregando uma mala. Lawler era um homem idoso, astuto, caladão e desconfiado, a quem uma velha sobrecasaca preta, um chapéu de feltro mole e uma barba desgrenhada e encanecida davam um aspecto geral de pregador itinerante. Seu companheiro, Andrews, quase não passava de um menino, de semblante franco e alegre, com as maneiras joviais de alguém que está em férias e pretende desfrutar cada minuto delas. Os dois homens eram totalmente abstêmios e se comportavam em todos os aspectos como membros exemplares da organização, exceto pelo fato de serem assassinos que haviam se provado muitas vezes instrumentos extremamente capazes para essa associação sinistra. Lawler já desempenhara catorze dessas missões mortíferas e Andrews, três.

Não faziam, como McMurdo descobriu, nenhuma objeção a conversar sobre suas façanhas passadas, que narravam com o orgulho semienvergonhado de homens que haviam prestado bons e desinteressados serviços para a comunidade. Contudo, mostraram-se reticentes diante da missão que tinham agora pela frente.

“Fomos escolhidos porque nem eu nem o garoto aqui bebemos”, explicou Lawler. “Podem ter certeza que não vamos dizer mais do que devemos. Não levem a mal, estamos obedecendo às ordens do delegado do condado.”

“É claro, estamos todos juntos nisso”, disse Scanlan, o companheiro de McMurdo, quando os quatro se sentaram para jantar.

“É verdade, e podemos falar o quanto queiram sobre a morte de Charlie Williams, ou de Simon Bird, ou de qualquer outro serviço que tenhamos feito no passado. Mas até que o trabalho esteja concluído, não abriremos a boca.”

“Há uma meia dúzia de pessoas por aqui a quem eu gostaria de dizer uma palavra”, disse McMurdo, com uma praga. “Suponho que não é de Jack Knox de Ironhill que estão atrás. Eu sairia dos meus cuidados para dar a ele o que merece.”

“Não, ainda não é ele.”

“Ou Herman Strauss?”

“Não, também não é ele.”

“Bem, se não querem nos contar, não podemos forçá-los, mas eu gostaria de saber.”

Lawler sorriu, sacudindo a cabeça. Não lhe arrancariam nada.

Apesar da reticência dos hóspedes, Scanlan e McMurdo estavam firmemente decididos a estar presentes no que chamavam de “a brincadeira”. Assim, quando, numa madrugada, McMurdo os ouviu descer furtivamente a escada, acordou Scanlan e os dois se vestiram às pressas. Quando estavam prontos, descobriram que os outros já haviam escapulado, deixando a porta aberta. Ainda não amanhecera, e à luz dos lampiões eles puderam ver dois homens a alguma distância rua abaixo. Seguiram-nos com cautela, pisando sem fazer barulho na neve espessa.

A pensão ficava perto do limite da cidade, e logo estavam na encruzilhada que demarcava a fronteira. Havia ali três homens à espera, com os quais Lawler e Andrews mantiveram uma curta e animada conversa. Depois todos se afastaram juntos. Tratava-se claramente de um serviço importante, que exigia muitos homens. Naquele ponto havia várias trilhas que levavam a diferentes minas. Os forasteiros tomaram a que levava à mina Crow Hill, um enorme empreendimento controlado por mãos fortes que haviam sido capazes, graças a um enérgico e destemido administrador oriundo da Nova Inglaterra, Josiah H. Dunn, de manter alguma ordem e disciplina durante o longo reinado do terror.

O dia raiava agora, e os trabalhadores caminhavam para a mina lentamente, um a um ou em grupos, formando uma fila ao longo do caminho enegrecido.

McMurdo e Scanlan avançavam devagar com os outros, sem perder de vista os homens que seguiam. Uma densa neblina os envolvia, e do meio dela veio o súbito silvo de um apito de vapor. Era o sinal de que dali a dez minutos as gaiolas desceriam e o dia de trabalho teria início.

Quando chegaram ao espaço aberto que cercava o poço da mina, havia uma centena de mineiros à espera, batendo os pés e soprando os dedos para espantar o frio. Os forasteiros formaram um pequeno grupo à sombra da casa de máquinas. Scanlan e McMurdo treparam num monte de escória, de onde toda a cena se descortinava à sua frente. Viram o engenheiro da mina, um

escocês corpulento e barbudo chamado Menzies, sair da casa de máquinas e soprar o apito para que as gaiolas fossem baixadas.



“‘Quem são vocês?’ perguntou ao rumar na direção deles. ‘Que fazem aí parados?’” [Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

No mesmo instante, um rapaz alto e desengonçado, de rosto franco e escanhado, avançou resolutamente para a boca do poço. Ao passar, bateu os olhos no grupo silencioso e imóvel à sombra da casa de máquinas. Os homens haviam abaixado os chapéus e virado as golas para cima para ocultar os rostos. Por um instante, o pressentimento da Morte pousou sua mão fria sobre o coração do administrador. No instante seguinte ele o afugentara e via apenas seu dever em relação àqueles forasteiros intrusos.

“Quem são vocês?” perguntou ao rumar na direção deles. “Que fazem aí parados?”

Não houve resposta, mas Andrews, o rapazola, deu um passo adiante e desfechou-lhe um tiro no estômago. Os cerca de cem mineiros que esperavam ficaram tão imóveis e impotentes como se fossem paralíticos. O administrador bateu as duas mãos sobre o ferimento e dobrou-se em dois. Depois cambaleou, mas outro dos assassinos atirou, e ele caiu de lado, esperneando, em meio a um monte de escória. Diante dessa cena, Menzies, o escocês, soltou um rugido de raiva e correu em direção aos assassinos brandindo uma chave inglesa, mas foi recebido com duas balas no rosto que o

jogaram, morto, aos pés deles.

Alguns mineiros ensaiaram uma reação, e emitiram um grito inarticulado de piedade e ira; mas dois dos estranhos esvaziaram os tambores de seis tiros de seus revólveres sobre os cabeças do grupo, dispersando-o. Alguns homens correram como loucos até suas casas, em Vermissa.

Quando alguns dos mais corajosos se reagruparam e houve um retorno à mina, o bando assassino havia desaparecido na neblina da manhã, sem que uma única testemunha fosse capaz de jurar pela identidade daqueles homens que haviam perpetrado seu duplo crime diante de uma centena de espectadores.

Scanlan e McMurdo voltaram para casa; o primeiro estava um pouco abatido, pois era o primeiro assassinato que via com os próprios olhos, e parecera menos divertido do que havia sido levado a crer. Os horríveis gritos da mulher do administrador morto os perseguiram enquanto rumavam apressados para a cidade. McMurdo, absorto e silencioso, não se compadeceu da poltronice do companheiro.

“Na verdade, é como uma guerra”, repetia. “O que é isto senão uma guerra entre nós e eles? Revidamos como nos é possível.”

Naquela noite, houve uma festança no salão da loja na Union House, não só para comemorar a morte do administrador e do engenheiro da mina Crow Hill, que poria essa organização no mesmo pé que as outras companhias vítimas de extorsão e atos de terror do distrito, mas também um triunfo alcançado longe dali pelas mãos da própria loja.

Revelou-se que, quando o delegado do condado enviara cinco bravos para cuidar de um serviço em Vermissa, havia solicitado que, em troca, três homens desta cidade fossem secretamente escolhidos e enviados para matar William Hales da Stake Royal, um dos mais conhecidos e apreciados proprietários de minas do distrito de Gilmerton, um homem que parecia não ter inimigos no mundo, pois era um patrão modelar em todos os aspectos. Ele fazia questão, no entanto, de eficiência no trabalho, e por isso despedira alguns empregados bêbados e preguiçosos que pertenciam à organização todo-poderosa. Bilhetes com ameaças pendurados na porta de sua casa não haviam enfraquecido sua resolução, e assim, num país livre e civilizado, ele se viu condenado à morte.

A execução já havia sido devidamente levada a cabo. Ted Baldwin, que agora se escarrapachava no lugar de honra ao lado do mestre da loja, fora o

chefe do grupo. Seu rosto luzidio e afogueado, bem como seus olhos injetados, denotava falta de sono e bebida. Ele e os dois companheiros haviam passado a noite anterior entre as montanhas. Estavam enxovalhados e sujos. Mas nenhum herói, voltando de uma missão suicida, poderia ter recebido acolhida mais calorosa dos camaradas.

A história foi contada e recontada em meio a gritos de alegria e gargalhadas. Havia esperado seu homem quando ele voltava para casa ao cair da noite, postando-se no topo de um morro íngreme, onde o cavalo dele por força andaria a passo. Hales estava tão agasalhado contra o frio que não pôde sacar a pistola. Eles o haviam arrancado da sela e cravejado de balas.

Nenhum deles conhecia o homem, mas há uma dramaticidade eterna num assassinato, e eles haviam provado aos Scowrers de Gilmerton que os homens de Vermissa eram dignos de confiança. Tinha havido um contratempo: um homem e uma mulher haviam passado num veículo quando eles ainda descarregavam seus revólveres sobre o corpo inerte. Fora sugerido que deviam matar os dois também; mas como eram pessoas inofensivas, sem nenhuma relação com as minas, receberam ordens severas de seguir adiante e guardar silêncio, sob pena de virem a sofrer eles mesmos coisa pior. E assim o cadáver mosqueado de sangue fora deixado como uma advertência para todos os patrões impiedosos como aquele, e os três nobres vingadores haviam se refugiado às pressas em meio às montanhas, onde a natureza indômita confina com as fornalhas e montes de escória. Agora ali estavam, sãos e salvos, seu trabalho bem-feito e os aplausos dos companheiros nos ouvidos.

Havia sido um grande dia para os Scowrers. A sombra que pairava sobre o vale tornara-se ainda mais escura. Mas assim como um general prudente escolhe o momento da vitória para redobrar seus esforços, de modo a que os adversários não tenham tempo de se recompor após o desastre, assim também o chefe McGinty, contemplando a cena de suas operações com seus olhos pensativos e cruéis, havia planejado um novo ataque contra seus oponentes. Naquela mesma noite, quando o grupo semiembriagado se dispersou, ele tocou o braço de McMurdo e levou-o para aquele quatinho privado onde tinham conversado pela primeira vez.

“Escute, meu rapaz”, disse. “Finalmente tenho um serviço digno de você. Toda a execução ficará em suas mãos.”

“Orgulho-me ao ouvir isso”, respondeu McMurdo.

“Pode levar dois homens com você – Manders e Reilly. Eles já foram avisados. Nunca teremos sossego no distrito até liquidar Chester Wilcox, e

você terá a gratidão de todas as lojas nos campos de carvão se conseguir acabar com ele.”

“Farei o melhor que puder, a qualquer preço. Quem é ele, e onde poderei encontrá-lo?”

Tirando do canto da boca a eterna guimba de charuto mastigada, McGinty pôs-se a desenhar um tosco diagrama numa página arrancada de sua agenda.

“É o capataz-chefe da Iron Dike Company. É um cidadão severo, um *ex-colour sargeant* na guerra, grisalho e coberto de cicatrizes. Fizemos duas investidas contra ele; mas faltou-nos sorte, e Jim Carnaway perdeu a vida numa delas. Agora cabe a você cuidar disso. Aqui está a casa: completamente isolada na estrada transversal de Iron Dike – como pode ver aqui no mapa –, sem nenhuma outra nas vizinhanças. Não convém ir durante o dia. Ele anda armado e atira depressa e bem, sem perguntar antes. Mas à noite... bem, ele fica lá com a mulher, três filhos e uma criada. Não dá para escolher. São todos ou nenhum. Se puder pôr um saco de pólvora junto da porta da frente preso a um rastilho lento...”

“O que fez esse homem?”

“Não lhe contei que atirou em Jim Carnaway?”

“Por quê?”

“Que diabos você tem a ver com isso? Carnaway estava rondando a casa dele à noite, e ele o matou com um tiro. É o bastante para mim e para você. Cabe-lhe dar o troco.”

“Mas essas duas mulheres e as crianças... elas também têm de morrer?”

“Têm... de que outra maneira liquidaremos o homem?”

“Parece injusto para com elas, pois não fizeram nada.”

“Que baboseira é essa? Vai dar para trás?”

“Calma, conselheiro, calma! Alguma vez eu disse ou fiz alguma coisa que pudesse levá-lo a pensar que estava querendo me furtar a cumprir uma ordem do mestre de minha própria loja? Se é certo ou errado, é o senhor que decide.”

“Fará o serviço, então?”

“Claro que farei.”

“Quando?”

“Bem, gostaria que me desse uma ou duas noites para eu poder examinar a casa e traçar meus planos. Depois...”

“Ótimo”, disse McGinty, dando-lhe um aperto de mão. “Deixo isso com

você. Quando nos trouxer notícias, será um grande dia. Esse vai ser realmente o golpe final, que porá todos eles de joelhos.”

McMurdo refletiu longa e profundamente sobre a incumbência que lhe fora confiada de maneira tão súbita. A casa isolada em que Chester Wilcox morava ficava a cerca de oito quilômetros de distância, num vale adjacente. Naquela noite mesmo ele partiu, completamente sozinho, para preparar o ataque. Já era dia quando retornou desse reconhecimento. No dia seguinte conversou com seus subordinados, Manders e Reilly, ambos rapazes afoitos, tão alvoroçados como se estivesse em jogo uma caça ao veado.

Duas noites depois eles se encontraram fora da cidade, os três armados, e um deles carregando um saco com a pólvora usada nas pedreiras. Passava das duas da manhã quando chegaram à casa isolada. Ventava muito, e nuvens esparsas derivavam rápidas através da face de uma lua quase cheia. Como haviam sido avisados para tomar cuidado com cães de caça, avançavam com cautela, as pistolas engatilhadas nas mãos. Mas não se ouvia nenhum som afora o uivo do vento, e o único movimento era o dos galhos que balançavam sobre eles.

McMurdo colou o ouvido à porta da casa solitária, mas estava tudo quieto lá dentro. Em seguida apoiou o saco de pólvora contra ela, fez um buraco nele com uma faca e prendeu o estopim. Quando este estava bem aceso, ele e os dois comparsas saíram correndo. Já estavam a alguma distância, em segurança e encolhidos dentro de uma vala, quando o estrondo da explosão, acompanhado pelo ruído surdo e profundo da construção vindo abaixo, lhes disse que o trabalho estava feito. Nunca antes nos anais manchados de sangue da organização fora registrado um serviço tão limpo.

Mas, ai! Logo se veio a saber que um trabalho tão bem-idealizado e corajosamente levado a cabo tinha sido feito à toa! Advertido pela sina das várias vítimas, e sabendo estar marcado para morrer, Chester Wilcox havia se mudado com a família apenas na véspera, para uma morada mais segura e menos conhecida, onde um guarda da polícia deveria protegê-lo. Foi uma casa vazia que a pólvora arrasou, e o inflexível ex-sargento porta-bandeira continuou disciplinando os mineiros da Iron Dike.

“Deixe-o comigo”, disse McMurdo. “Ele é meu, e haverei de pegá-lo, ainda que tenha de esperar um ano.”

Um voto de agradecimento e confiança foi unanimemente aprovado pela loja, e o assunto foi deixado de lado. Quando, algumas semanas depois, os jornais noticiaram que Wilcox levara um tiro numa emboscada, era um

segredo de polichinelo que McMurdo continuava se dedicando a seu serviço inacabado.

Eram esses os métodos da Sociedade dos Homens Livres, e eram essas as façanhas mediante as quais os Scowrers espalhavam seu domínio de medo sobre a vasta e rica região por tanto tempo assombrada por sua terrível presença. Por que manchar estas páginas com outros crimes? Já não contei o bastante sobre os homens e seus métodos?

As proezas dos Scowrers estão inscritas na história, e seus detalhes podem ser consultados nos arquivos. Por eles ficamos sabendo sobre o fuzilamento dos policiais Hunt e Evans por terem ousado prender dois membros da organização – uma dupla atrocidade planejada na loja de Vermissa e levada a cabo a sangue-frio sobre dois homens indefesos e desarmados. Podemos ler também sobre o fuzilamento de Mrs. Larbey quando cuidava do marido, surrado quase até a morte por ordem do chefe McGinty. A morte do Jenkins mais velho, logo acompanhada pela do irmão, a mutilação de James Murdoch, o massacre da família Staphouse numa explosão e o assassinato dos Stendal – todos esses crimes sucederam-se uns aos outros, com breves intervalos, no mesmo terrível inverno.

A sombra pairava, negra, sobre o Vale do Medo. A primavera chegara, com riachos céleres e árvores em flor. Se por um lado toda a natureza, subjugada tanto tempo por um domínio férreo, manifestava esperança, o mesmo não aconteceria com os homens e mulheres que viviam sob o jugo do terror. Nunca a nuvem sobre eles fora tão escura e desesperadora quanto no início do verão do ano de 1875.

VI. PERIGO

FOI O AUGE do reinado do terror. McMurdo, que já havia sido nomeado primeiro diácono, com todas as possibilidades de suceder um dia a McGinty como mestre da loja, era agora tão necessário nas reuniões de seus camaradas que nada era feito sem sua ajuda e conselho. Quanto mais popular ele se tornava junto aos Homens Livres, porém, mais severas eram as expressões que o saudavam quando passava pelas ruas de Vermissa. Apesar do terror que os dominava, os cidadãos estavam ganhando coragem para se unir contra os opressores. Haviam chegado à loja rumores sobre encontros secretos realizados na sede do *Herald* e sobre a distribuição de armas de fogo entre os cidadãos ordeiros. Mas McGinty e seus homens não se deixavam perturbar por esses relatos. Eram numerosos, eram ousados e estavam fortemente armados. Os adversários estavam dispersos, eram fracos. Tudo terminaria, como sempre acontecera no passado, em conversa-fiada e talvez em detenções inúteis. Era o que diziam McGinty, McMurdo e todos os espíritos mais audazes.

Foi numa noite de sábado, em maio. O sábado era sempre a noite da loja, e McMurdo estava prestes a sair de casa para comparecer à assembleia quando Morris, o irmão mais fraco da ordem, apareceu. Tinha a fronte vincada de preocupação e seu semblante bondoso estava pálido e abatido.

“Posso lhe falar com franqueza, Mr. McMurdo?”

“É claro.”

“Não posso me esquecer de que uma vez lhe abri o coração e que o senhor soube guardar minhas palavras consigo, embora o próprio chefe lhe tenha feito perguntas sobre nossa conversa.”

“Que mais eu podia fazer, se havia confiado em mim? Não que eu tivesse concordado com o que disse.”

“Sei bem disso. Mas o senhor é o homem com quem posso falar em segurança. Tenho aqui um segredo”, levou a mão ao peito, “que está me consumindo. Gostaria que ele tivesse chegado aos ouvidos de qualquer outro de vocês, não aos meus. Se eu o contar, isso resultará em assassinato, com certeza. Se não o contar, poderá causar o fim de todos nós. Deus me ajude,

mas esta dúvida está quase me enlouquecendo!”

McMurdo fitou o homem, muito sério. Ele tremia. McMurdo serviu um pouco de uísque num copo e lhe deu. “Este é o remédio para gente como o senhor”, disse. “Agora conte-me tudo.”

Morris bebeu, e seu rosto pálido ganhou um toque de cor. “Posso lhe contar tudo numa única frase”, disse. “Há um detetive atrás de nós.”

McMurdo fitou-o, espantado. “Ora, homem, está louco. Então este lugar não está cheio de policiais e detetives? Que mal eles já nos fizeram?”

“Não, não, não é um homem do distrito. Esses, como o senhor diz, nós conhecemos, e eles pouco podem fazer. Mas já ouviu falar da Pinkerton?”

“Li sobre um pessoal com esse nome.”



“‘Posso lhe contar tudo numa única frase’, disse Morris. ‘Há um detetive atrás de nós.’”
[Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

“Bem, pode acreditar em mim, quando eles estão no encalço de um sujeito, ele está perdido. Não é um departamento do governo que faz

tentativas a esmo: é uma empresa de extrema seriedade que não desiste enquanto não consegue o que quer, por bem ou por mal. Se um homem da Pinkerton estiver metido a fundo neste negócio, estamos todos liquidados.”

“Temos de matá-lo.”

“Ah, essa é a primeira ideia que lhe ocorre! Será o mesmo na loja. Não lhe disse que a coisa acabaria em assassinato?”

“Ora, o que é assassinato? Não é coisa corriqueira por aqui?”

“É, sem dúvida; mas não cabe a mim apontar o homem que deverá ser morto. Eu nunca mais teria um minuto de paz. Por outro lado, são os nossos próprios pescoços que estão em jogo. Em nome de Deus, que devo fazer?” Balançava-se de um lado para outro na agonia da indecisão.

Mas suas palavras haviam causado profundo impacto sobre McMurdo. Era fácil ver que partilhava a opinião do outro quanto ao perigo e à necessidade de enfrentá-lo. Abalado, agarrou o ombro de Morris e sacudiu-o.

“Escute, homem”, exclamou, quase gritando em sua ansiedade, “não vai ganhar nada se ficar parado, chorando como uma velha num enterro. Vamos aos fatos. Quem é o sujeito? Onde está? Como soube dele? Por que veio me procurar?”

“Vim procurá-lo porque o senhor é o único homem capaz de me aconselhar. Disse-lhe que tinha um comércio no Leste antes de vir para cá. Deixei bons amigos lá, e um deles trabalha no serviço de telégrafo. Aqui está a carta que recebi dele ontem. É esta parte no alto da página. Pode ler o senhor mesmo.”

O que McMurdo leu foi:

Como andam os Scowrers na sua região? Temos lido muito sobre eles nos jornais. Cá entre nós, espero ter notícias suas em breve. Cinco grandes empresas e as duas ferrovias resolveram tomar a coisa a peito. Estão decididos, e pode apostar que vão conseguir.

Estão seriamente empenhadas no assunto. A Pinkerton assumiu o caso por ordem delas e o melhor homem da agência, Birdy Edwards, está em campo. É preciso dar um basta nessa história agora mesmo.

“Agora leia o pós-escrito.”

Obviamente, o que lhe conto é o que fiquei sabendo no trabalho; por isso só chega até aí. O mais são estranhos telegramas cifrados com que lidamos todo dia e aos metros, e de que não pescamos nada.

McMurdo ficou algum tempo em silêncio, a carta nas mãos lassas. A névoa se dissipara por um instante, e um abismo se abria diante dele.

“Alguém mais sabe disto?” perguntou.

“Não contei para mais ninguém.”

“Mas esse homem, o seu amigo... há mais alguém para quem ele tenderia a escrever?”

“Bem, creio que ele conhece mais um ou dois.”

“Da loja?”

“É muito provável.”

“Pergunto porque é possível que ele tenha dado alguma descrição desse sujeito, o tal Birdy Edwards... nesse caso poderíamos tentar identificá-lo.”

“Bem, talvez. Mas não creio que ele o conheça. Está apenas me passando as informações que lhe chegam através do trabalho. Como iria conhecer esse homem da Pinkerton?”

McMurdo teve um violento sobressalto.

“Misericórdia!” exclamou. “Sei quem é ele. Como fui tolo ao não perceber isso. Senhor! Mas estamos com sorte. Vamos dar um jeito nele antes que possa fazer algum mal. Escute, Morris, quer deixar esse assunto nas minhas mãos?”

“É claro, contanto que o tire das minhas.”

“É o que vou fazer. Pode ficar longe disso e deixar tudo comigo. Nem seu nome precisa ser mencionado. Vou me encarregar de tudo, como se eu é que tivesse recebido esta carta. Isso o satisfaz?”

“Eu não pediria outra coisa.”

“Então deixemos a coisa assim e não abra o bico. Agora vou até a loja e logo o velho companheiro da Pinkerton se arrependerá de ter nascido.”

“Mas vai matar esse homem?”

“Quanto menos souber, amigo Morris, mais tranquila ficará sua consciência e melhor será o seu sono. Não faça perguntas, deixe que as coisas se resolvam por si. Agora quem cuida disso sou eu.”

Morris saiu sacudindo a cabeça, desolado. “Sinto que o sangue dele está nas minhas mãos”, gemeu.

“De todo modo, legítima defesa não é assassinato”, disse McMurdo com um sorriso cruel. “É ele ou nós. Creio que esse homem destruiria todos nós se o deixássemos passar muito tempo no vale. Veja só, irmão Morris, ainda vamos ter de elegê-lo mestre da loja – pois não há dúvida de que a salvou.”

Estava claro por suas ações, no entanto, que McMurdo levava a nova ameaça mais a sério do que suas palavras sugeriam. Talvez fosse sua consciência culpada, talvez fosse a reputação da organização Pinkerton, talvez fosse o conhecimento de que grandes e ricas empresas haviam tomado a cargo a tarefa de varrer os Scowlers do mapa; mas, fosse qual fosse o motivo, suas providências foram as de um homem que se prepara para o pior. Antes de deixar a casa, destruiu todos os papéis que poderiam incriminá-lo. Depois soltou um profundo suspiro de satisfação, pois julgou estar seguro. No entanto, o perigo ainda pairava de certa forma sobre ele, pois, a caminho da loja, parou na pensão do velho Shafter. Embora proibido de entrar na casa, quando bateu na janela, Ettie saiu ao seu encontro. A moça percebeu que a viva malícia irlandesa desaparecera dos olhos do amado. Leu temor em seu semblante sério.

“Alguma coisa aconteceu!” exclamou. “Oh, Jack, você está em perigo!”

“Não é nada muito sério, meu bem. Mesmo assim, talvez seja prudente darmos um passo antes que a coisa se agrave.”

“Darmos um passo?”

“Prometi-lhe uma vez que partiria um dia. Julgo estar na hora. Recebi notícias esta noite, más notícias, e vejo dificuldades no horizonte.”

“A polícia?”

“Bem, um agente da Pinkerton. Mas é claro que você não sabe o que é isso, meu amor, nem o que pode significar para gente como eu. Estou metido até o pescoço nessa coisa, e talvez tenha de pular fora rapidamente. Você disse que iria comigo se eu fosse.”

“Oh, Jack, seria a sua salvação!”

“Sou um homem honesto em alguns aspectos, Ettie, não tocaria num fio de cabelo da sua linda cabecinha por dinheiro nenhum neste mundo, e nunca a poria um centímetro abaixo do trono dourado sobre as nuvens em que sempre a vi. Confiaria em mim?”

Ela pôs a mão na dele, sem uma palavra. “Pois bem, então ouça o que vou dizer e faça o que vou mandar, pois na verdade não temos outra saída. Coisas vão acontecer neste vale. Sinto isso. É possível que muitos de nós tenhamos de tentar salvar nossa própria pele. Sou um deles. Se eu partir, de dia ou de noite, é você que deve ir comigo!”

“Eu poderia ir a seu encontro depois, Jack.”

“Não, não, você deve ir comigo. Se este vale vier a ser fechado para mim

e eu nunca puder voltar, como deixá-la para trás quando talvez tenha de me esconder da polícia, sem nenhuma chance de lhe enviar uma mensagem? É comigo que você deve ir. Conheço uma mulher no lugar de onde venho, e é com ela que vou deixá-la até podermos nos casar. Você vem?”

“Sim, Jack, eu vou.”

“Deus abençoe sua confiança em mim! Eu seria um demônio se abusasse dela. Agora preste atenção, Ettie: você receberá apenas um bilhete, e quando o receber largue tudo e dirija-se na mesma hora à sala de espera da estação e me aguarde lá.”

“Dia ou noite, irei assim que você mandar, Jack.”

Um pouco mais tranquilo, agora que seus preparativos para a fuga tinham sido iniciados, McMurdo seguiu para a loja. Ela já estava reunida, e mediante complicadas senhas e contrassenhas ele conseguiu passar pela guarda externa e a guarda interna, que a mantinham sob estreita vigilância. Um burburinho de satisfação e boas-vindas acolheu-o quando entrou. A comprida sala estava apinhada, e através da névoa de fumaça de tabaco ele viu a desgrenhada cabeleira preta do mestre, os traços cruéis e hostis de Baldwin, a cara de abutre de Harraway, o secretário, e mais uma dúzia de líderes da loja. Alegrou-se por estarem todos lá para discutir as notícias que trazia.

“Realmente, é um prazer vê-lo, irmão!” exclamou o presidente. “Há assuntos aqui cuja decisão requer o julgamento de um Salomão.”

“O problema é com Lander e Egan”, explicou seu vizinho, quando ele tomou seu assento. “Os dois reivindicam o dinheiro oferecido pela loja pela morte do velho Crabbe, em Sylestown, mas quem pode dizer quem deu o tiro?”

McMurdo ficou de pé em seu lugar e levantou a mão. A expressão de seu rosto deixou a audiência paralisada. Fez-se um súbito silêncio, prenhe de expectativa.

“Venerável mestre da loja”, disse ele num tom solene. “Reivindico urgência!”

“O irmão McMurdo reivindica urgência”, disse McGinty. “É uma reivindicação que, pelas regras desta loja, confere precedência. Estamos a seu dispor, irmão.”

McMurdo tirou a carta do bolso.

“Venerável mestre e irmãos”, disse, “hoje sou portador de más notícias, mas é melhor conhecê-las e discuti-las do que permitir que caia sobre nós,

sem aviso, um golpe que nos destruiria a todos. Fui informado de que as organizações mais poderosas e ricas deste estado se uniram para promover nossa destruição, e que neste momento mesmo um detetive da Pinkerton, um homem chamado Birdy Edwards, trabalha no vale, colhendo evidências que podem pôr uma corda em volta do pescoço de muitos de nós e mandar todos os homens presentes nesta sala para a cadeia. Foi para debater a situação que pedi regime de urgência.”

Fez-se um silêncio mortal na sala, quebrado pelo presidente.

“Que prova tem disso, irmão McMurdo?” perguntou.

“Ela está nesta carta que chegou às minhas mãos”, disse McMurdo. Leu a passagem em voz alta. “Considero uma questão de honra não fornecer nenhum outro detalhe sobre a carta, nem entregá-la em suas mãos, mas asseguro-lhes não haver nada nela que possa afetar os interesses da loja. Apresento-lhes o caso tal como ele me chegou.”

“Permita-me dizer, senhor presidente”, disse um dos irmãos, “que ouvi falar de Birdy Edwards, ele tem fama de ser o melhor homem a serviço da Pinkerton.”

“Alguém o conhece de vista?” perguntou McGinty.

“Sim”, respondeu McMurdo, “eu conheço.”

Um murmúrio de assombro percorreu a sala.

“Acredito que o temos na palma das nossas mãos”, continuou com um sorriso exultante no rosto. “Se agirmos de maneira rápida e sensata, poderemos pôr fim a isso. Se eu contar com a confiança e a ajuda dos irmãos, não temos muito a temer.”

“Mas o que temos a temer, de todo modo? O que ele pode saber de nossas atividades?”

“Poderia dizer isso se todos fossem leais como o senhor, conselheiro. Mas esse homem tem todos os milhões dos capitalistas a seu dispor. Pensa que numa de nossas inúmeras lojas não haverá um irmão mais fraco capaz de se vender? Edwards chegará aos nossos segredos... talvez já tenha chegado. Só há um remédio seguro.”

“Que ele nunca saia deste vale”, disse Baldwin.

McMurdo concordou com a cabeça. “Parabéns, irmão Baldwin”, disse. “Você e eu temos nossas diferenças, mas disse a verdade agora.”

“Mas onde está esse sujeito? Como vamos reconhecê-lo?”

“Venerável mestre”, disse McMurdo em tom solene, “se me permite, eu

diria que o assunto é por demais vital para que o discutamos numa assembleia geral. Longe de mim duvidar de qualquer dos presentes, mas basta um rumor chegar aos ouvidos do homem para perdermos qualquer chance de apanhá-lo. Eu pediria à loja para escolher um comitê de confiança, senhor presidente – o senhor mesmo, se posso sugerir, o irmão Baldwin aqui e mais cinco irmãos. Poderei então falar abertamente do que sei e do que recomendaria que fosse feito.”

A proposta foi adotada de imediato e o comitê, formado. Além do presidente e de Baldwin, foram escolhidos o secretário com cara de abutre, Harraway, Tigre Cormac, o jovem e brutal assassino, Carter, o tesoureiro, e os irmãos Willaby, homens destemidos e determinados que não recuariam diante de nada.

A pândega costumeira da loja foi curta e moderada, pois pairava uma sombra sobre os espíritos dos homens, e muitos ali começavam a ver pela primeira vez a nuvem vingadora da lei assomar naquele céu sereno sob o qual haviam vivido por tanto tempo. Os terrores que disseminavam haviam feito parte de seu dia a dia a tal ponto que a ideia de punição tornara-se muito remota, parecendo por isso ainda mais assustadora agora que os ameaçava tão de perto. Separaram-se cedo, deixando seus líderes confabularem.

“Pronto, McMurdo!” disse McGinty quando ficaram a sós. Os sete homens mantinham-se imóveis em seus assentos.

“Eu disse há pouco que conhecia Birdy Edwards”, explicou McMurdo. “Não preciso lhes dizer que ele não está aqui sob esse nome. É um homem de coragem, mas não é louco. Passa sob o nome de Steve Wilson, e está instalado em Hobson’s Patch.”

“Como sabe disso?”

“Porque conversei com ele por acaso. Não dei muita importância ao fato na ocasião, nem teria voltado a pensar nele se não tivesse lido esta carta; mas agora estou certo de que ele é o homem. Encontrei-o no trem, numa pequena viagem que fiz quarta-feira – um sujeito durão. Ele disse que era repórter e na hora acreditei. Queria saber tudo que fosse possível sobre os Scowlers e o que chamava de ‘atrocidades’ para um jornal de Nova York. Fez-me todo tipo de pergunta, tentando arrancar alguma coisa de mim. Claro que não revelei nada. ‘Eu pagaria, e muito bem’, disse ele, ‘se pudesse conseguir algum material capaz de satisfazer meu editor.’ Dei as respostas que a meu ver mais o agradariam e ele me deu uma nota de vinte dólares pelas informações. ‘Tenho dez vezes mais para você’, disse, ‘se descobrir para mim

tudo o que quero.”

“Mas o que você disse a ele?”

“O que pude inventar na hora.”

“Como sabe que não é um jornalista?”

“Ouçam a história. Ele saltou em Hobson’s Patch, e eu também. Por acaso entrei na agência de telégrafo e ele estava saindo de lá.

“‘Veja só’, disse o telegrafista depois que ele se afastou. ‘Acho que deveríamos cobrar o dobro por isto...’ ‘Tem toda a razão’, respondi. Ele havia preenchido o formulário com uma coisa que mais parecia chinês, pois não conseguimos entender uma palavra. ‘Ele envia uma folha assim todo santo dia’, disse o funcionário. ‘É’, respondi; ‘são notícias exclusivas para o jornal dele, e tem medo de que alguém as intercepte.’ Foi isso que o telegrafista pensou, e que eu pensei na hora. Mas agora penso de outra maneira.”

“Por Deus! Creio que está certo”, disse McGinty. “Mas o que lhe parece que deveríamos fazer diante disso?”

“Por que não ir lá agora mesmo e liquidá-lo?”

“Isso, quanto antes melhor.”

“É o que eu faria no próximo minuto, se soubesse onde poderíamos encontrá-lo”, disse McMurdo. “Ele está em Hobson’s Patch, mas não sei a casa. Mas tenho um plano, se quiserem seguir o meu conselho.”

“Bem, o que é?”

“Irei a Hobson’s Patch amanhã cedo. Encontrarei o homem através do telegrafista. Creio que ele será capaz de localizá-lo. Bem, depois direi ao sujeito que eu mesmo pertencço aos Homens Livres e lhe oferecerei todos os segredos da loja por um preço. Pode apostar que ele cairá. Direi que os papéis estão em minha casa, e que eu estaria pondo minha pele em risco se o deixasse vê-los quando houvesse outras pessoas por perto. Ele vai perceber que faz sentido. Direi que, se vier à minha casa às dez da noite, poderá ver tudo. Isso com certeza o atrairá.”

“E daí?”

“Vocês mesmos podem planejar o resto. A casa da viúva MacNamara é isolada. Ela é fiel como um cão e surda como uma porta. Somos só Scanlan e eu na casa. Se o tal homem me der sua promessa – e eu os avisarei se o fizer –, gostaria que vocês sete estivessem na minha casa antes das nove horas. Vamos apanhá-lo lá dentro. Se ele conseguir escapar com vida... bem,

poderá alardear a sorte de Birdy Edwards pelo resto de seus dias!”

“Ou muito me engano, ou em breve haverá uma vaga para detetive na Pinkerton. Estamos acertados, McMurdo. Amanhã às nove estaremos na sua casa. Depois que você fechar a porta atrás dele, pode deixar o resto por nossa conta.”

VII. A CAPTURA DE BIRDY EDWARDS

COMO MCMURDO DISSERA, a casa em que morava era isolada e bastante conveniente para um crime como o que planejavam. Ficava no canto mais remoto da cidade e era bem recuada em relação à rua. Em qualquer outra circunstância, os conspiradores teriam simplesmente atraído o sujeito e esvaziado suas pistolas no corpo dele. Nesse caso, porém, era imperioso verificar o quanto ele sabia, como sabia, e o que havia transmitido aos seus empregadores.

Era possível que eles estivessem atrasados demais, e que o trabalho já tivesse sido feito. Se esse fosse realmente o caso, poderiam ao menos se vingar do homem que o fizera. Mas tinham esperança de que nada de muito importante tivesse chegado ao conhecimento do detetive, pois de outro modo, raciocinavam, ele não teria se dado ao trabalho de registrar e enviar informações tão banais como as que McMurdo afirmava ter lhe dado. Mas ficariam sabendo de tudo isso pelos próprios lábios do sujeito. Quando o tivessem em suas mãos, encontrariam uma maneira de fazê-lo falar. Não era a primeira vez que lidavam com uma testemunha recalcitrante.

McMurdo foi a Hobson's Patch como combinado. A polícia parecia particularmente interessada nele aquela manhã, e o capitão Marvin – aquele que declarara conhecê-lo de longa data em Chicago – chegou mesmo a lhe dirigir a palavra quando estava na estação. McMurdo deu-lhe as costas, recusando-se a falar com ele. À tarde, de volta de sua missão, foi à procura de McGinty na Union House.

“Ele virá”, declarou.

“Bom!” exclamou McGinty. O gigante estava em mangas de camisa, as correntes e os berloques brilhando sobre o amplo colete e um diamante cintilando através da orla da barba eriçada. A bebida e a política tinham feito dele um homem tão rico quanto poderoso. Mais terrível, portanto, parecia-lhe o fantasma da prisão ou da forca que vislumbrara na noite anterior.

“Acha que ele sabe muita coisa?” perguntou, aflito.

McMurdo sacudiu a cabeça com desalento. “Está aqui há muito tempo... no mínimo seis semanas. Creio que não veio para estas bandas para admirar a

paisagem. Se vem trabalhando entre nós esse tempo todo com o dinheiro da estrada de ferro por trás, suponho que obteve resultados, e que os transmitiu.”

“Não há um só homem frouxo na loja”, exclamou McGinty. “Fiéis como a agulha ao polo, todos eles. No entanto, senhor, há aquele canalha do Morris. Que me diz dele? Se algum homem anda nos traindo, deve ser ele. Estou pensando em mandar uns dois rapazes procurarem-no antes que anoiteça para lhe dar uma coça e ver o que conseguem arrancar dele.”

“Bem, isso não faria mal nenhum”, respondeu McMurdo. “Não vou negar que simpatizo com Morris e teria pena de vê-lo sofrer. Ele falou comigo uma ou duas vezes sobre assuntos da loja, e embora talvez não os veja da mesma maneira que o senhor ou eu, nunca pareceu do tipo que delata. Mas não cabe a mim me interpor entre ele e o senhor.”

“Vou dar um jeito no velho demônio!” disse McGinty com uma praga. “Faz um ano que estou de olho nele.”

“Bem, o senhor é quem sabe”, respondeu McMurdo. “Mas qualquer coisa que vá fazer deve ficar para amanhã, pois é melhor não darmos na vista até que o caso da Pinkerton seja resolvido. Não podemos correr o risco de alvoroçar a polícia, hoje mais do que nunca.”

“Tem razão”, disse McGinty. “E saberemos pelo próprio Birdy Edwards onde conseguiu suas informações, nem que eu tenha de lhe arrancar o coração. Ele pareceu estar farejando uma armadilha?”

McMurdo riu. “Acho que o peguei por seu ponto fraco”, disse. “Está disposto a ir até o inferno para conseguir uma boa pista dos Scowrers. Peguei o dinheiro dele”, com um largo sorriso, McMurdo exibiu um maço de notas de dólar, “e vou abocanhar muito mais quando ele tiver visto todos os meus papéis.”

“Que papéis?”

“Bem, não há papel nenhum. Mas prometi enchê-lo de regimentos, livros de regras e formulários de filiação. Ele pretende ler tudo de fio a pavio antes de sair da minha casa.”

“De fato, está muito certo”, disse McGinty impiedosamente. “Ele não perguntou por que você não levará os documentos?”

“Como se eu pudesse carregar essas coisas por aí, logo eu, um homem suspeito, com o capitão Marvin tentando me interpelar aquele dia mesmo na estação!”

“Ah, ouvi falar disso”, disse McGinty. “Parece-me que quem está se

arriscando mais nesta história é você. Poderíamos jogá-lo num poço abandonado depois de liquidá-lo; mas, do jeito que você quer que trabalhem, não podemos eliminar o fato de que o homem mora em Hobson's Patch e que você esteve lá hoje.”

McMurdo deu de ombros. “Se trabalharmos direito, eles nunca poderão provar que houve um assassinato”, disse. “Ninguém poderá vê-lo entrar na minha casa depois que a noite cair, e cuidarei para que ninguém o veja sair. Mas ouça bem, conselheiro, vou lhe mostrar meu plano e peço-lhe que o exponha aos outros. Vocês todos chegarão com bastante antecedência. Muito bem. Ele chegará às dez. Deverá bater três vezes e eu lhe abrirei a porta. Em seguida passarei à frente dele e a fecharei. Então o homem será nosso.”

“Tudo muito fácil e claro.”

“Sim, mas o passo seguinte requer consideração. Ele será um osso duro de roer. Estará fortemente armado. Eu o enganei bem, mas mesmo assim é provável que seja cauteloso. Suponha que eu o introduza de imediato numa sala com sete homens dentro, quando esperava me encontrar sozinho. Haverá tiros e alguém ficará ferido.”

“Decerto.”

“E ainda por cima o barulho vai atrair todos os malditos guardas da cidade.”

“Acho que tem razão.”

“Veja como eu faria a coisa. Vocês estarão todos na sala grande – a mesma que o senhor viu quando foi conversar comigo. Vou abrir a porta para ele, levá-lo para a sala de visitas junto à entrada e deixá-lo lá enquanto busco os papéis. Isso me dará a chance de lhes dizer como andam as coisas. Depois voltarei para junto dele com alguns papéis falsos. Quando o homem estiver lendo, pulo em cima dele e agarro-lhe o braço que empunha a pistola. Vocês me ouvirão chamar e correrão para a sala de visitas. Quanto mais rápido melhor, pois ele é tão forte quanto eu, e posso ter dificuldade em dominá-lo. Mas acredito que serei capaz de segurá-lo até que cheguem.”

“É um bom plano”, disse McGinty. “A loja ficará em dívida com você por isso. Creio que quando eu deixar a presidência poderei indicar meu sucessor.”

“Ora, conselheiro, sou pouco mais que um recruta”, disse McMurdo, mas sua fisionomia mostrou o que pensava do elogio do grande homem.

De volta à sua casa, ele fez todos os preparativos para a noite soturna que

o aguardava. Primeiro limpou, lubrificou e carregou seu revólver Smith & Wesson. Depois vistoriou a sala em que o detetive deveria ser capturado. Era um aposento amplo, com uma comprida mesa de pinho no centro e uma grande estufa num lado. Em todos os outros lados havia janelas. Estas não eram protegidas por nenhuma persiana, apenas por cortinas leves que se abriam lateralmente. McMurdo examinou-as com atenção. Sem dúvida deveria lhe ter ocorrido que a sala era muito exposta para um encontro tão secreto. Mas a distância que a separava da rua tornava isso menos relevante.

Por fim, discutiu o assunto com seu colega de pensão. Scanlan, embora um Scowrer, era um homenzinho inofensivo, fraco demais para ir contra a opinião dos camaradas, mas no fundo horrorizava-se com as ações sanguinárias a que por vezes era obrigado a assistir. McMurdo lhe contou com poucas palavras o que se pretendia fazer.

“E se eu fosse você, Mike Scanlan, passaria a noite fora e ficaria longe disso. Vai correr sangue por aqui antes que amanheça.”

“Bem, então está certo, Mac”, respondeu Scanlan. “O que me falta não é vontade, é coragem. Quando vi o administrador Dunn ser liquidado naquela mina de carvão – foi mais do que pude suportar. Não sou feito para isso, como você ou McGinty. Se a loja não for pensar mal de mim, farei exatamente o que aconselha e deixarei vocês sozinhos esta noite.”

Os homens chegaram com antecedência, como combinado. Na aparência, eram cidadãos respeitáveis, limpos e bem-vestidos, mas um juiz de fisionomias teria percebido haver pouca esperança para Birdy Edwards nesses olhos impiedosos e bocas duras. Não havia um só homem na sala cujas mãos ainda não tivessem se sujado de sangue uma dúzia de vezes antes. Matavam homens com a mesma insensibilidade com que um açougueiro abate ovelhas.

À frente de todos, é claro, tanto na aparência quanto na culpa, estava o temível chefe. Harraway, o secretário, era um homem magro e amargo, com um pescoço fino e comprido e membros agitados, um homem de incorruptível fidelidade no que dizia respeito às finanças da ordem, mas sem nenhuma noção de justiça ou honestidade em relação a mais nada. O tesoureiro, Carter, era um homem de meia-idade com uma expressão impassível, um tanto amuada, e uma pele que parecia um pergaminho amarelecido. Era um organizador competente, e os detalhes práticos de quase todas as atrocidades tinham sido maquinados por seu cérebro. Os dois Willaby eram homens de ação, sujeitos altos e ágeis, com rostos decididos, ao

passo que o companheiro deles, Tigre Cormac, um jovem robusto e moreno, era temido até pelos próprios camaradas pela ferocidade de seu temperamento. Estes eram os homens reunidos aquela noite sob o teto de McMurdo para matar o detetive da Pinkerton.

O anfitrião pusera uísque sobre a mesa, e eles haviam se apressado a se preparar para o trabalho que tinham diante de si. Baldwin e Cormac já estavam semiembriagados, e a bebida despertara toda a sua ferocidade. Cormac pôs as mãos sobre a estufa por um instante – ela havia sido acesa, porque as noites continuavam frias.

“Isto vai bastar”, disse, soltando uma praga.

“Ah!” disse Baldwin, compreendendo a alusão. “Se o amarrarmos a isso, nós lhe arrancaremos a verdade.”

“Vamos lhe arrancar a verdade, estejam certos”, disse McMurdo. Tinha nervos de aço, esse homem, pois embora todo o peso do trabalho estivesse sobre ele, suas maneiras eram serenas e despreocupadas como sempre. Os outros observaram isso e aplaudiram.

“Você é o homem certo para lidar com ele”, elogiou o chefe. “O sujeito não vai perceber nada até você lhe agarrar a garganta. É uma pena as janelas não terem persianas.”

McMurdo foi de janela em janela e cerrou melhor as cortinas. “Claro que ninguém pode nos espionar agora. Está quase na hora.”

“Talvez ele não venha. Talvez fareje o perigo”, disse o secretário.

“Ele virá, podem ter certeza”, respondeu McMurdo. “Está tão desejoso de vir quanto vocês de vê-lo. Ouçam!”

Ficaram todos parados como bonecos de cera, alguns com os copos a meio caminho dos lábios. Três sonoras batidas haviam soado na porta.

“Silêncio!” McMurdo levantou a mão, advertindo-os. Um olhar exultante percorreu o círculo, e mãos pousaram nas armas.

“Nem um som, pelo amor que tenham às suas vidas!” sussurrou McMurdo ao sair da sala, fechando a porta com cuidado atrás de si.

De orelha em pé, os assassinos esperaram. Contaram os passos do camarada no corredor. Depois ouviram-no abrir a porta da rua. Cumprimentos foram trocados. Em seguida perceberam um passo estranho dentro da casa e uma voz desconhecida. No instante seguinte ouviram a porta bater e a chave girar na fechadura. A presa não podia mais escapar da arapuca. Tigre Cormac deu uma risada sinistra e o chefe McGinty tapou-lhe a

boca com sua manzorra.

“Quieto, seu idiota!” cochichou. “Ainda vai pôr tudo a perder!”

Ouviu-se um murmúrio de conversa na sala ao lado. Parecia interminável. Em seguida a porta se abriu, e McMurdo apareceu, dedo nos lábios.

Chegou à ponta da mesa e correu os olhos por eles. Uma sutil mudança se operara nele. Suas maneiras eram as de alguém que se encontra diante de um trabalho de vulto. O rosto adquirira uma dureza de granito. Os olhos brilhavam de emoção por trás dos óculos. Tornara-se manifestamente um líder. Fitaram-no com ávido interesse, mas ele nada disse. Ainda com o mesmo olhar singular, encarou cada um dos homens.

“Bem!” exclamou por fim o chefe McGinty. “Ele está aqui? Birdy Edwards está aqui?”

“Está”, respondeu McMurdo devagar. “Birdy Edwards está aqui. Eu sou Birdy Edwards!”

Depois desta curta fala, passaram-se dez segundos durante os quais a sala mais pareceu estar vazia, tão profundo foi o silêncio. O assobio de uma chaleira sobre a estufa feriu os ouvidos, agudo e estridente. Sete rostos lívidos, todos levantados para esse homem que os dominava, estavam imobilizados por absoluto terror. Em seguida, com um súbito ruído de vidro quebrado, vários canos de rifles, reluzentes, penetraram através de cada janela, enquanto as cortinas eram arrancadas de suas argolas.

À vista disso, o chefe McGinty soltou um rugido de urso ferido e correu para a porta entreaberta. Um revólver apontado o esperava ali, e atrás dele brilhavam os olhos severos do capitão Marvin da Polícia do Carvão e do Ferro. O chefe recuou e caiu de volta em sua cadeira.

“Está mais seguro aí, conselheiro”, disse o homem que haviam conhecido como McMurdo. “E você, Baldwin, se não tirar a mão dessa arma, vai poupar o trabalho do carrasco. Tire-a do bolso, ou, por esta luz que me ilumina... Aí, aí está bom. Há quarenta homens armados cercando a casa, calculem vocês mesmos qual é a sua chance. Tire as pistolas deles, Marvin!”



“Em seguida, com um súbito ruído de vidro quebrado, vários canos de rifles, reluzentes, penetraram através de cada janela, enquanto as cortinas eram arrancadas de suas argolas.”

[Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

Não havia resistência possível sob a ameaça daqueles fuzis. Os homens foram desarmados. Agastados, cheios de vergonha e espanto, permaneceram sentados em torno da mesa, imóveis.

“Eu gostaria de lhes dizer algumas palavras antes de nos separarmos”, disse o homem que os havia capturado. “Talvez só voltemos a nos encontrar no tribunal. Deixo-lhes algo em que meditar daqui até lá. Agora sabem quem sou. Finalmente posso pôr minhas cartas na mesa. Sou Birdy Edwards, da Agência Pinkerton. Fui escolhido para desbaratar sua quadrilha. Tive de enfrentar um jogo duro e perigoso. Nem uma alma, nem uma só, nem as pessoas que me são mais próximas e queridas, sabiam que eu estava em campo. Só o capitão Marvin aqui e meus patrões. Mas o jogo acabou esta noite, graças a Deus, e eu sou o vencedor!”

Os sete semblantes pálidos e rígidos o fitaram. Havia um ódio implacável nesse olhar. Ele percebeu a ameaça inexorável.

“Talvez pensem que o jogo ainda não terminou. Vou correr esse risco. Seja como for, alguns de vocês não farão mais nenhuma jogada, e há outros sessenta que dormirão na cadeia esta noite. Confesso-lhes que, designado para este trabalho, recusei-me a acreditar que existisse uma sociedade como

esta. Achei que era conversa de jornal, e que provaria isso. Disseram-me que ela tinha relação com a Ordem dos Homens Livres; por isso fui a Chicago e ingressei nela. Fiquei então mais convencido do que nunca de que era tudo invenção de jornal, porque não vi nenhum mal naquela sociedade, só bem.

“Mesmo assim, tive de fazer meu trabalho, e vim para os vales do carvão. Ao chegar aqui, soube que estava enganado, e que não se tratava, afinal de contas, de histórias de um romance barato. Por isso decidi ficar e examinar a situação. Nunca matei um homem em Chicago. Nunca cunhei um dólar na minha vida. Aqueles que lhes dei eram tão bons quanto quaisquer outros; mas nunca um dinheiro foi mais bem empregado. Eu sabia qual era o caminho para conquistar sua boa vontade, por isso fingi ser perseguido pela polícia. Tudo funcionou como previ.

“Ingressei então em sua loja infernal e participei de suas assembleias. Talvez digam que eu era tão mau quanto vocês. Podem dizer o que quiserem, contanto que eu os pegue. Mas qual é a verdade? Na noite em que me filiei vocês sorriram o velho Stanger. Não pude avisá-lo porque não houve tempo, mas contive sua mão, Baldwin, quando você estava prestes a matá-lo. Se alguma vez sugeri coisas, de modo a conservar meu lugar entre vocês, eram coisas que eu sabia que poderia evitar. Não consegui salvar Dunn e Menzies, por falta de informação; mas tratarei de levar os assassinos à força. Avisei Chester Wilcox, a fim de que ele e a família se protegessem quando explodiu a casa deles. Houve muitos crimes que não pude evitar; mas, se olharem para trás e pensarem no número de vezes que o homem visado voltou para casa por um caminho diferente, ou estava na cidade quando foram procurá-lo, ou ficou em casa quando vocês pensavam que sairia, verão o meu trabalho.”

“Seu maldito traidor!” silvou McGinty por entre os dentes acavalados.

“Ah, John McGinty, pode me chamar assim se isso alivia a sua dor. Você e sua corja foram os inimigos de Deus e do homem nesta região. Era preciso que alguém se interpusesse entre vocês e os homens e mulheres desgraçados que mantinham sob o seu tacão. Só havia uma maneira de fazer isso, e eu o fiz. Você me chama de traidor, mas creio que muitos milhares me verão como um libertador que desceu ao inferno para os salvar. Suportei-o durante três meses. Não passaria outros três meses como esses nem que abrissem as portas do Tesouro em Washington para mim. Fui obrigado a ficar até ter tudo, cada homem e cada segredo, bem aqui na palma desta mão. Teria esperado um pouco mais, se não tivesse chegado a meu conhecimento que meu segredo estava sendo descoberto. Chegara à cidade uma carta que os

teria alertado para minha presença. Diante disso, tive de agir, e depressa.

“Não tenho mais nada a lhes dizer, exceto que, quando minha hora chegar, morrerei mais tranquilo ao pensar no trabalho que fiz neste vale. Agora não os reterei mais, Marvin. Leve-os e acabe com isto.”

Não há muito mais a contar. Scanlan recebeu um bilhete lacrado a ser entregue na casa de Miss Ettie Shafter, missão que aceitara com uma piscadela e um sorriso malicioso. Muito cedo na manhã seguinte, uma bela mulher e um homem todo encasacado embarcaram num trem especial enviado pela companhia ferroviária e fizeram uma viagem rápida e sem escalas para longe da terra do perigo. Foi a última vez que Ettie e o namorado pisaram no Vale do Medo. Dez dias depois estavam casados em Chicago, tendo o velho Jacob Shafter servido de testemunha.

O julgamento dos Scowrers foi realizado num lugar distante, onde eles não pudessem aterrorizar os guardiões da lei. Foi em vão que lutaram. Foi em vão que o dinheiro da loja – dinheiro arrancado mediante extorsão de toda a gente da região – correu como água na tentativa de salvá-los. Todos os artifícios de seus defensores não conseguiram abalar o depoimento frio e desapaixonado de alguém que conhecia todos os detalhes de suas vidas, sua organização e seus crimes. Por fim, depois de tantos anos, eles foram esmagados e desbaratados. A nuvem que pairava sobre o vale dispersou-se para sempre.

McGinty encontrou seu destino no cadafalso, contorcendo-se e gemendo quando a hora chegou. Oito de seus principais sequazes tiveram a mesma sorte. Cinquenta e tantos homens receberam diferentes penas de prisão. A missão de Birdy Edwards estava concluída.

No entanto, como ele presumira, o jogo ainda não terminara. Houve mais uma rodada, depois outra, e outra ainda. Ted Baldwin, por exemplo, havia escapado da forca; o mesmo acontecera com os Willaby e vários outros facínoras do bando. Depois de passarem dez anos fora do mundo, chegou o dia em que se viram livres de novo – dia que marcou para Edwards o fim de seu sossego, conforme ele já previa, ele que conhecia esses homens. Haviam jurado por tudo que lhes era mais sagrado derramar-lhe o sangue para vingar os companheiros. E como se empenharam para cumprir o juramento!

Depois de duas tentativas, que chegaram tão perto do sucesso que não restava dúvida de que a terceira lhe seria fatal, Edwards fugiu de Chicago. Sob um nome falso, partiu para a Califórnia, e foi lá que sua vida mergulhou por um tempo na escuridão, quando Ettie Edwards morreu. Mais uma vez

esteve prestes a ser assassinado, e mais uma vez, sob o nome de Douglas, trabalhou num cânion isolado onde, com um sócio inglês chamado Barker, acumulou uma fortuna. Por fim chegou-lhe um aviso de que os sabujos estavam de novo em seu encalço, e ele fugiu – na última hora – para a Inglaterra. Daí surgiu John Douglas, que se casou em segundas núpcias com uma digna companheira e viveu por cinco anos como proprietário rural no condado de Sussex, vida que se encerrou com os estranhos acontecimentos de que tivemos notícia.

VIII. EPÍLOGO

TERMINARA O JULGAMENTO do tribunal policial, que encaminhara o caso de John Douglas a uma instância superior. Terminara também o julgamento do tribunal superior do condado, em que ele foi absolvido sob a alegação de ter agido em legítima defesa.

“Tire-o da Inglaterra a qualquer preço”, escreveu Holmes à sra. Douglas. “Há forças aqui que podem lhe ser mais perigosas que aquelas a que escapou. Não há segurança para o seu marido na Inglaterra.”

Dois meses haviam se passado, e havíamos esquecido um pouco o caso. Foi então que, numa manhã, um enigmático bilhete foi introduzido em nossa caixa de correspondência. “Meu Deus, Mr. Holmes. Meu Deus!” dizia a singular epístola. Não havia nem sobrescrito nem assinatura. Achei graça da estranha mensagem, mas Holmes demonstrou uma seriedade incomum.

“Crueldade, Watson!” comentou, e ficou um tempo parado, o semblante carregado.

Ontem, tarde da noite, Mrs. Hudson, nossa senhoria, veio nos comunicar que um cavalheiro desejava falar com Mr. Holmes, e que o assunto era da máxima importância. Logo atrás da mensageira apareceu Cecil Barker, nosso amigo do Solar Birlstone. Estava pálido e abatido.

“Tenho más notícias... péssimas notícias, Mr. Holmes”, disse ele.

“Era o que eu temia”, disse Holmes.

“Não recebeu um cabograma?”

“Chegou-me um bilhete de alguém que recebeu.”

“É o pobre Douglas. Dizem-me que o nome dele é Edwards, mas para mim será sempre Jack Douglas, do cânion Benito. Conte-lhe que eles partiram juntos para a África do Sul no *Palmyra* três semanas atrás.”

“Isso mesmo.”

“O navio chegou à Cidade do Cabo ontem à noite. Recebi este cabograma de Mrs. Douglas esta manhã:

Jack atirado borda fora durante um vendaval ao largo de Santa Helena. Ninguém sabe como o acidente ocorreu.

“Ah! Foi assim, não é?” disse Holmes, pensativo. “Bem, não tenho nenhuma dúvida de que isso foi muito bem encenado.”

“Pensa então que não houve nenhum acidente?”

“Absolutamente nenhum.”

“Ele foi assassinado?”

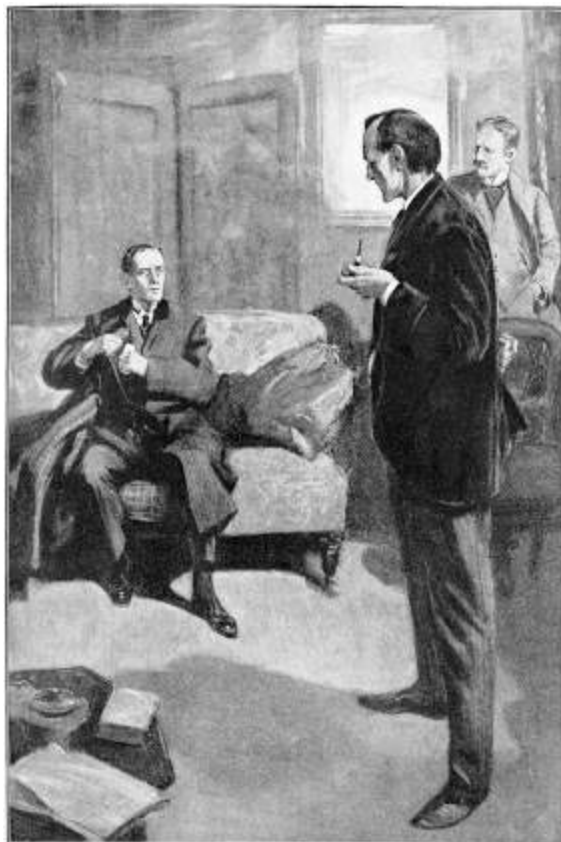
“Com toda a certeza!”

“É o que penso também. Esses Scowrers infernais, esse maldito ninho de criminosos vingativos!”

“Não, não, meu bom senhor”, disse Holmes. “Há um mentor nisso tudo. Não é um caso de espingardas serradas e revólveres estapafúrdios. Sei reconhecer um grande mestre pelo movimento do pincel. Posso identificar um Moriarty quando vejo um. Esse crime foi engendrado em Londres, não nos Estados Unidos.”

“Mas por que motivo?”

“Porque foi cometido por um homem que não pode correr o risco de falhar, um homem cuja posição singular depende de que tudo o que ele faz dê certo. Um cérebro notável e uma enorme organização dedicaram-se à extinção de um homem. É quebrar noz com martinete – um absurdo desperdício de energia –, mas não há dúvida de que a noz é quebrada.”



“Tenho más notícias... péssimas notícias, Mr. Holmes’, disse ele.” [Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1915]

“Como esse homem veio a se envolver nesse caso?”

“Só posso dizer que a primeira palavra que nos chegou a esse respeito foi de um dos lugares-tenentes dele. Esses americanos foram bem aconselhados. Tendo um serviço a fazer na Inglaterra, associaram-se, como faria qualquer criminoso estrangeiro, a esse grande consultor na área do crime. A partir desse momento, Edwards estava perdido. A princípio ele se contentaria em usar sua engrenagem para localizar a vítima. Depois indicaria como o assunto poderia ser tratado. Por fim, ao ser informado do malogro de seu agente, interviria ele mesmo com um golpe de mestre. Você me ouviu advertir no Solar Birlstone que o perigo que nos aguardava seria maior que o já enfrentado. Eu não estava certo?”

Barker bateu o punho cerrado na cabeça, numa ira impotente. “Não me diga que temos de engolir isso passivamente! Está querendo dizer que ninguém jamais poderá ajustar contas com esse demônio?”

“Não, não digo isso”, respondeu Holmes, e seus olhos pareciam fitar o futuro. “Não digo que ele não pode ser derrotado. Mas o senhor precisa me dar tempo... precisa me dar tempo!”

Permanecemos todos em silêncio por alguns minutos – enquanto aqueles olhos clarividentes se esforçavam para erguer o véu.

CLÁSSICOS ZAHAR
em EDIÇÃO BOLSO DE LUXO

As aventuras de Sherlock Holmes
O cão dos Baskerville
Um estudo em vermelho
As memórias de Sherlock Holmes
O signo dos quatro
O Vale do Medo
Arthur Conan Doyle

O conde de Monte Cristo
Os três mosqueteiros
Alexandre Dumas

O corcunda de Notre Dame
Victor Hugo

O Lobo do Mar
Jack London

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda
Howard Pyle

20 mil léguas submarinas
Jules Verne

Títulos disponíveis também em Edição Comentada e Ilustrada
Veja a lista completa da coleção no site www.zahar.com.br

Título original: *The Valley of Fear*

Copyright desta edição © 2015:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

Imagem da capa: © ullstein bild/Getty Images

Produção do arquivo ePub: Simplíssimo Livros

Edição digital: setembro 2015

ISBN: 978-85-378-1504-5